

## 5 - Estudos de casos singulares sobre estabelecimentos totais e disciplinares

Silvio José Benelli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BENELLI, SJ. Estudos de casos singulares sobre estabelecimentos totais e disciplinares. In: *A lógica da interação: instituições totais e disciplinares (des)educativas* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 91-219. ISBN 978-85-68334-44-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## 5

# ESTUDOS DE CASOS SINGULARES SOBRE ESTABELECIMENTOS TOTAIS E DISCIPLINARES

Para a realização dessa investigação, utilizamos apenas a análise documental (Alves-Mazzotti, 1999, p.169). Usualmente, considera-se como documentos, qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informações. Podem ser regulamentos, atas de reunião, cartas, diários, livros didáticos, arquivos, jornais, revistas etc. Estamos considerando os livros que analisamos como documentos que retratam a realidade de estabelecimentos fechados funcionando como instituições de internação totais e disciplinares. Acreditamos que eles são adequados para nossos objetivos, pois apresentam com detalhes os princípios e normas que regem o comportamento do grupo em sua vida institucional e as relações que se estabelecem entre os subgrupos (internados/equipe dirigente). Sobretudo, nos permitem compreender a lógica que organiza a internação enquanto estratégia institucional específica.

Nosso método de análise se baseia no caso singular. Para além da pretensão de dar conta de uma certa “objetividade empirista”, o que buscamos foi, de modo coerente com a perspectiva institucionalista, a partir do material disponível, apreender a processualidade do fenômeno “estabelecimento de internação” em seus aspectos dinâmicos, essenciais e estruturais. Isso se demonstra efetivo quando o próprio leitor, a partir do conhecimento que tem sobre estabele-

cimentos semelhantes, iluminado pela análise dialética e estrutural apresentada, pode se identificar com as descrições e análises explicitadas. É exatamente esse o efeito que produz a leitura de um caso singular bem estudado e corretamente apresentado.

É possível justificar uma reflexão e análise dos processos de funcionamento e de produção de subjetividade de um conjunto de instituições de internação com características semelhantes a partir de um único relato, se concebermos a hipótese de que não se trata de caso isolado, um caso idiossincrático, mas, pelo contrário, de um caso singular (Aguiar, 2002, p.139). Para Rey (1999, p.156, tradução nossa), “O estudo do caso singular adquire seu valor para a generalização pelo que é capaz de contribuir visando à qualidade do processo de construção teórica, não por seu valor em termos de quantidade. Esta afirmação é expressão de uma compreensão diferente do conceito de generalização...”.<sup>1</sup> Para Lacan (1980, p.55), o que faz a singularidade de um caso é o caráter manifesto, visível, das relações em jogo; seu valor de evidência é superior à própria demonstração abstrata.<sup>2</sup> Segundo esses autores, um caso é considerável singular na medida em que encerra as informações essenciais

---

1 “*El estudio del caso singular adquire su valor para la generalización por lo que es capaz de aportar a la cualidad del proceso de construcción teórica, no por su valor en términos de cantidad. Esta afirmación es expresión de una comprensión diferente del concepto de generalización...*”

2 Quando Marx estudou o capitalismo, analisou apenas o caso inglês, pois era o mais avançado que havia na época. A partir dele, descreveu o que é o capitalismo. No campo da Psicanálise, podemos ainda pensar nas neuroses, psicoses e perversões como casos estruturalmente singulares: conhecendo bem um caso clínico, é possível entender quais são os elementos determinantes e constitutivos do fenômeno neurótico, psicótico ou perverso, inclusive considerando a singularidade individual. Foucault (1999b, p.156-60) afirma que o “caso clínico” é o modelo fundamental das Ciências Humanas, que são baseadas na tecnologia do exame. Também sabemos que Freud publicou apenas cinco casos clínicos, dos quais apenas três foram conduzidos por ele (Dora, Homem dos Lobos, Homem dos Ratos), que são casos singulares e paradigmáticos. Embora Lacan não se referia especificamente a “objetos institucionais”, a análise institucional se inspira também na psicanálise para considerar as instituições como singularidades.

sobre as características básicas do fenômeno que procuramos compreender e sobre os processos que aí estão em ação.

Para uma perspectiva institucionalista e dialética, certamente há lugar para a apresentação sistemática de um conjunto de observações de campo que podem lastrear as conclusões, mas não se trata de modo algum da mesma visada teórica do positivismo, nem se baseia numa suposta objetividade empirista e quantitativa. O pensamento positivista se caracteriza por uma pretensa objetividade atribuída aos fatos da realidade, exigindo por parte do pesquisador uma atitude de “neutralidade”, visando não contaminar os “dados”, que teriam uma objetividade intrínseca. Ora, não são exatamente os dados (em uma suposta pureza e neutralidade, que de resto não se verificam jamais de modo completo e exaustivo) aquilo que finalmente sustenta a veracidade das proposições conclusivas numa pesquisa institucionalista, mas sua verdade está em outra parte, mais especificamente, se localiza no plano do pensamento lógico, orientado por uma perspectiva ética radical.

A elaboração do pensamento corresponde a um processo dialético e permite a construção de categorias analíticas que alcançam o estatuto de conceitos estruturais, que por sua vez são dotados de forte capacidade explicativa e interpretativa. A construção desses conceitos fundamentais passa por uma imersão atenta num determinado campo de análise, o que pode ser realizado, por exemplo, por meio da observação participante, sendo possível ainda incluir uma coleta de dados quantitativos, a realização de entrevistas, bem como um levantamento bibliográfico e uma análise cuidadosa da literatura pertinente ao tema investigado. Mas não será nunca a simples soma de todos esses elementos quantitativos ou qualitativos aquilo que permitirá a formulação das proposições conclusivas. Não se trata de colecionar todo um conjunto de fragmentos aleatórios e dispersos, procurando ordená-los de modo a exercitar um certo associacionismo mecanicista. Categorias conceituais analíticas são fórmulas e construídas por meio um processo de trabalho dialético do pensamento. No presente estudo, duas categorias fundamentais empregadas são as de instituição total e de instituições disciplinares.

O estudo de singularidade nos permite captar as determinações concretas constitutivas do fenômeno social: “O conhecimento produzido a partir de um sujeito, uma escola, um grupo, constitui-se, pois, em uma instância deflagradora da apreensão e do estudo de mediações que concentram a possibilidade de explicar a realidade concreta” (Aguilar, 2002, p.139). Como veremos, o conjunto a que pertencem os estabelecimentos que iremos analisar possui características e modos de funcionamento bastante congruentes com aquele que, já há bastante tempo, foi definido como instituições totais (Goffman, 1987; Benelli, 2002, 2003a) e disciplinares (Foucault, 1999b).

Feitas, entretanto, essas considerações sobre nosso método de estudo, não é demais assinalar que aceitamos perfeitamente que haja limites quanto à possibilidade de generalização de nossa pesquisa, primeiro porque acreditamos que, embora defendendo seu caráter de caso singular, nem por isso pensamos que fica superada por completo sua particularidade. Segundo porque os diversos atores institucionais dos relatos analisados expressam a experiência subjetiva de processos objetivos e subjetivos. Porém, devemos afirmar quanto ao segundo aspecto que, sendo a produção de subjetividade o foco de nossa análise, entendemos a subjetividade em sua dimensão objetiva, justamente na medida em que ela se transmite por palavras. Ela só pode expressar-se nas palavras e estas permitem a objetividade possível para a subjetividade (Lacan, 1998, p.105-6).

Pontuamos ainda que se a subjetividade se expressa com palavras, sua produção não precisa ser limitada ao registro do simbólico. De acordo com Foucault (1995, p.275), a subjetividade é produzida em práticas historicamente analisáveis, práticas de saber, de poder e práticas de si. O sujeito é constituído por práticas históricas específicas que podem ser discursivas, não discursivas e ainda por meio das tecnologias de si.

Nosso objetivo neste livro é realizar um estudo teórico sobre algumas instituições totais e disciplinares. Partindo do trabalho de Goffman (1987) sobre as instituições totais e do pensamento de Foucault (1999b) sobre as instituições disciplinares, apre-

sentaremos algumas análises de casos da literatura que descrevem experiências em internatos escolares que funcionam como verdadeiras instituições totais e disciplinares. Por exemplo, utilizando os analisadores criados por Goffman e por Foucault, é possível analisar romances tais como *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *Doidinho*, de José Lins do Rego, *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, e *O jovem Törless*, de Robert Musil. Trata-se de obras de épocas diferentes que descrevem a vida de indivíduos internados em instituições educativas. *Em nome do desejo* apresenta a vida num seminário católico. Pensamos que um colégio interno se enquadra na definição de instituição total e disciplinar, pois é um local fechado (claustro) no qual vivem muitos indivíduos que são submetidos à educação escolar formal. Acreditamos que esses autores descrevem microcosmos onde se desenvolve uma possível subjetividade específica, focalizando a vida institucional de um modo global.

Consideramos *O Ateneu* um romance pleno de confissões autobiográficas de Raul Pompéia (1863-1895), escrito em 1888. É uma obra digna de análise, pois o internato escolar descrito pelo autor pode ser apreciado como um exemplo de uma instituição total em pleno funcionamento. A história do romance é a seguinte: o menino Sérgio, com onze anos, é internado por seus pais no colégio Ateneu com o objetivo de que ele complete sua formação escolar e prossiga com os estudos. Sérgio ainda é uma criança inocente do mundo e da realidade da vida e encontra no colégio interno colegas com diversos perfis, tanto em idade quanto em experiência e tendências. Há os perversos do ponto de vista moral e psicológico e os medrosos e apavorados. O drama do herói é grande, pois está inserido num universo particular e novo, e ele ainda não possui uma experiência da vida suficiente para compreender os tipos com os quais passa a conviver obrigatoriamente e para reagir ao meio ambiente corruptor e degradante que o cerca.

Os internados são governados pelo professor Aristarco, um empresário da educação, figura apresentada de modo caricaturesco, como grotesca, arbitrária e ridícula. Podemos acompanhar o menino Sérgio e seu mergulho no mundo institucional do internato escolar

e verificar a presença e ação dos vários mecanismos que as instituições totais fazem funcionar com a finalidade de controlar e modelar o indivíduo. Pompéia descreve à exaustão a “carreira moral” de Sérgio, ao longo de páginas densas de introspeção psicológica.

As palavras finais de *Menino de engenho* (Rego, 1982) anunciam a ida de Carlinhos para o colégio interno. Em *Doidinho* (Rego, 1979) o autor escreve sobre sua experiência de aluno interno do Instituto Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana (Sergipe), estabelecimento dirigido pelo áspero Prof. Maciel, onde o autor de fato realizou seu curso primário. A compreensão integral da história de *Doidinho* exige a leitura prévia das peripécias do menino de engenho, pois são muitas as remissões a personagens, episódios e acontecimentos da primeira narrativa. *Doidinho* é um romance de internato. Uma vez segregado da vida paradisíaca que levava no engenho Santa Rosa do avô, Carlinhos é levado para o colégio interno e rapidamente despojado de suas prerrogativas pessoais, agravadas pelas ameaças do severo professor que não poupava castigos corporais. Em sua narrativa, podemos encontrar o testemunho de alguém que viveu, na carne, os processos educativos e reformadores próprios de uma instituição total.

Trevisan (1985) descreve a vida de sessenta meninos internados num seminário menor, onde vivem em tempo integral e realizam seus estudos escolares. O romance está escrito em forma de perguntas e respostas, imitando de propósito o catecismo antigo, no qual a doutrina cristã era apresentada nesse formato para ser decorada. Os personagens principais são Tiquinho e Abel, os heróis da trama. A vida institucional desse estabelecimento católico, que procura preparar candidatos ao sacerdócio ao mesmo tempo que administra a educação escolar formal, é descrita com uma riqueza de matizes e nela também podemos apreciar o modo de processamento típico de uma instituição total.

A subjetividade do aluno de um colégio interno seria caracterizada por uma identidade pessoal que é desmontada e reconstruída mediante processos de mortificações padronizadas do “eu”. Acreditamos que geralmente se produzem resultados contrários aos ob-

jetivos institucionais oficiais. O indivíduo renuncia a importantes aspectos de sua vida civil corrente ao ingressar no estabelecimento: perda autonomia pessoal, da liberdade para ir e vir, agir e decidir. Os anos de formação parecem ser um longo tempo no qual o indivíduo vive na condição de tutelado com relação a áreas fundamentais da vida pessoal. Poderemos verificar como esse processo se inicia e como o indivíduo internado no estabelecimento o vivencia.

A análise desse processo pode nos auxiliar a descobrir quais as disposições que instituições em geral deveriam observar e garantir, com a finalidade de que seus membros possam preservar sua identidade e autonomia pessoal. Ao que parece, as instituições totais, e o colégio interno como uma delas, têm “razões” que a equipe dirigente, com seus objetivos oficiais desconhece, e acaba produzindo indivíduos diferentes do que pretendia, de modo perverso e dissimulado. Acreditamos que provavelmente as práticas sociais reais que se desenvolvem na vida institucional são mais formadoras e modeladoras das subjetividades, do que seus projetos oficiais publicamente confessados.

### **O colégio interno Ateneu como dispositivo disciplinar de produção de subjetividade<sup>3</sup>**

Consideramos *O Ateneu*, romance autobiográfico de Raul Pompéia (1863-1895), escrito em 1888, uma obra digna de análise, pois o internato escolar descrito pelo autor pode ser apreciado como exemplo de uma instituição total (Goffman, 1987) em pleno funcionamento. Pompéia (1997) rememora sua experiência escolar em termos de julgamento, em que a criança que ainda vive no adulto se levanta como um promotor que vai apresentar o elenco das humilhações e mortificações pelas quais foi obrigado a passar, num esforço de elaborar o passado e acertar suas contas com ele. As experiências traumáticas de internado são apresentadas de modo

---

3 Publicado originalmente como artigo: Benelli (2003a).



crítico e ácido, através do narrador-personagem Sérgio (Nunes, 1986; Perrone-Moisés, 1988).

É surpreendente o quanto a narração de Pompéia (1997) pode ser lida a partir da perspectiva das instituições totais (Freitag, 2001; Perrone-Moisés, 1988). Evidentemente o autor não conhecia a teoria de Goffman (1987), mas pode experimentar pessoalmente os efeitos dessa máquina modeladora da subjetividade em si mesmo. Por isso, vamos tratar o texto de *O Ateneu* como se fosse a gravação transcrita de um depoimento do autor. Em vez de parafrasear Pompéia (1997), preferimos lançar mão desse artifício e abusar da transcrição literal. Assim, não perdemos o interessante estilo de Pompéia e temos seu próprio testemunho de como realmente funciona uma instituição total, inclusive nos seus detalhes mais pitorescos e nos, especificamente, produtivos de subjetividade.

As análises de Goffman (1987) são extremamente agudas quando estudam as formas da organização do dispositivo institucional. Se ele não chega a articular uma microfísica do poder no contexto institucional e social, como faz explicitamente Foucault (1988, 1999a, 1999b), isso aparece numa leitura atenta em sua investigação do manicômio, da prisão e do convento. Goffman não pode conceituar o poder como relações de força em guerra; entretanto, é assim que sua análise o revela: produzindo no nível microfísico, exatamente do modo como o poder opera, para além dos limites teóricos e conceituais do autor.

Ao estudar as relações intrainstitucionais, ele oscila entre os planos molares e microfísicos: estabelece polaridades de poder e não poder nas quais, aparentemente, o poder seria privilégio de um grupo minoritário que infligiria a outro, mais numeroso, as consequências do abuso de tal poder. Mas também apresenta um poder que se estende como uma rede de pontos, relações móveis, resistências, efeitos repressivos, coercitivos e, inclusive, produtivos. Estão explícitas as mais diversas estratégias anônimas de poder (Benelli; Costa-Rosa, 2002).

Goffman (1987) analisa as práticas não discursivas, o não dito institucional, mas que é claramente visível (e não oculto) e, por-

tanto, dizível e ele os articula com grande sutileza. Goffman faz os “detalhes” (Foucault, 1999b, p.120) aparentemente insignificantes do cotidiano institucional falarem e então percebemos o plano microfísico das relações intrainstitucionais superando a pura e simples dimensão organogramática (molar) e mergulhando nas diferentes estratégias nas quais o poder se ramifica, circula, domina e produz saberes, práticas, subjetividade. Das práticas não discursivas emergem concepções do objeto institucional e quais são os meios e instrumentos utilizados para trabalhá-lo. Normalmente, essa “teoria” e “técnica da prática” (pois “na prática a teoria é outra”) costumam estar em franca contradição e conflito com o discurso institucional oficial (Goffman, 1987, p.70).

Goffman (1987) demonstra que há mais coisas em comum entre uma prisão e um convento, um asilo de loucos e um campo de concentração, entre um navio em alto mar e um internato escolar do que nos parece à primeira vista. Todos esses estabelecimentos utilizam mecanismos de segregação, estratificação social e modelagem da subjetividade, alternando punições, recompensas e a estratégia de dividir para reinar, que não são necessariamente diferentes das relações de dominação e subjetivação dos processos de poder em vigor em toda e qualquer sociedade. Mas nesses estabelecimentos, os mecanismos produtores de subjetividade são exacerbados por se tratar de situações extremas. De certa forma, são estabelecimentos específicos e como que purificados, revelando as engrenagens do poder de modo mais explícito e evidente, próprias para a pesquisa em laboratório.

A possibilidade de reduzir a identidade social de um sujeito a um atributo estigmatizante ou a um único e exclusivo papel, que representa a categoria social mais baixa dentro de um grupo fechado, é uma estratégia fundamental descoberta por Goffman (1987) nas comunidades fechadas, que ele denomina de instituições totalitárias. As análises de Goffman (1987) nos apresentam os procedimentos estruturados para a modelagem subjetiva e formas de repressão específicas efetuadas dentro dos muros das instituições totalitárias. Também nos revelam que formas de repressão mais

gerais se dão na sociedade de massas, produzindo efeitos sobre indivíduos e categorias sociais inteiras.

## Dispositivos institucionais

O dispositivo é uma grade de análise construída por Foucault (1988) para dar conta das conexões entre saber/poder. Engloba materiais heterogêneos, o dito e o não dito: arquitetura, discursos, teorias, técnicas, práticas, regras etc. A partir desses componentes díspares, podemos estabelecer um conjunto de relações flexíveis, reunindo-as num único aparelho, de modo a isolar um problema específico. Munido dessa ferramenta, é possível demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos discursivos e não discursivos, além de evidenciar a função estratégica do dispositivo, na medida em que responde à articulação entre produção de saber e modos de exercício de poder, dominantes em cada momento histórico.

Nesse sentido, podemos dizer que o poder disciplinar plasmou na sociedade moderna um dispositivo pedagógico autoritário, implementado em todas as suas minúcias no estabelecimento Ateneu, tal como afirma Foucault (1999b, p.145): “Assim é que o hospital-edifício se organiza pouco a pouco como instrumento de ação médica [...] um operador terapêutico. Como a escola-edifício deve ser um operador de adestramento, [...] um aparelho de vigiar”.

Foucault (1984, 1988, 1999a, 1999b), demonstrou que as relações poder/saber, consideradas como práticas, realizam simultaneamente tanto a produção de conhecimentos específicos sobre o homem quanto uma produção técnica dele no interior de um determinado conjunto de instituições. É nessa articulação entre saber e poder, na intersecção dessas duas práticas sociais, que se produz o sujeito, pois quando se objetivam certos aspectos do homem é que há possibilidade de se organizar uma manipulação técnica institucionalizada dos indivíduos. E o contrário também se verifica, pois é necessário um conjunto de práticas institucionalizadas de manipulação dos indivíduos como condição para sua objetivação científica. Assim se produzem dispositivos psicológicos e pedagógicos.

A subjetividade (modos de ser, sentir, pensar e agir constitutivos do sujeito em determinado momento histórico) é tecida, no contexto institucional pela rede de micropoderes que sustenta o fazer cotidiano (institucional), operando efeitos de reconhecimento/desconhecimento dessa ação concreta.

Uma instituição é uma prática social que se repete e se legitima enquanto se repete. As instituições implementadas em organizações e estabelecimentos não apenas realizam – quando realizam – os objetivos oficiais para os quais foram criadas, mas produzem determinada subjetividade. Sujeitos são fundados no interior das práticas, sujeitos ao mesmo tempo constituídos e constituintes do cotidiano institucional. O pensamento costuma reificar objetos e sujeitos que só existem enquanto se produzem e são produzidos dentro de determinadas práticas institucionais.

A produção de subjetividade remete fundamentalmente ao plano micropolítico, microfísico das relações instituintes e instituídas da formação no contexto institucional. Nessa perspectiva, as relações pedagógicas, terapêuticas, educativas entre a equipe dirigente e alunos internados não se configuram como relações estáticas entre polos constituídos, mas apresentam-se em permanente constituição e ordenação (plenas de vicissitudes) em constante transformação dos lugares e posições no interior das relações, numa pulverização dos lugares instituídos e instituintes.

Desse modo, não podemos conceber práticas e/ou sujeitos autônomos, pois toda prática é efetivada por relações nas quais se configuram sujeitos. Essa é a principal condição para que as instituições existam concretamente. A solidez institucional residiria nos vínculos entre os sujeitos que as fazem cotidianamente, vínculos invisíveis, microfísicos, que se plasmam em relações instituintes e instituídas no contexto institucional, podendo ser mapeadas a partir das forças e dos poderes moleculares que as permeiam.

A seguir, passaremos a descrever os operadores, os instrumentos técnicos institucionais presentes no colégio Ateneu, utilizados para a produção de subjetividade. Entendemos que os excertos do romance são expressamente analíticos por si mesmos, exemplifi-

cando os diversos modos como o poder disciplinar se organiza no estabelecimento, produzindo realidade social: arquitetura, atores sociais, discursos, saberes e técnicas políticas de gerenciamento institucional humano.

### **Operadores normalizadores constituintes do dispositivo institucional pedagógico**

O plano arquitetônico pode ser considerado como importante operador de normalização. Pompéia descreve a estrutura física do colégio: tratava-se de um grande conjunto arquitetônico, preparado para funcionar como moradia coletiva para crianças e adolescentes, um internato escolar. O estabelecimento era mantido pelo pagamento de mensalidades pelas famílias dos alunos ali internados, aparecendo como uma empresa privada cuja mercadoria era a educação escolar. A primeira característica totalitária do internato Ateneu é operar por subtração, utilizando a técnica da sequestração e do enclaustramento: privação da liberdade, incidindo diretamente sobre o corpo dos educandos. A autonomia pessoal é suprimida pela imposição de uma autoridade onipotente.

O Ateneu estava situado no Rio Comprido, extremo ao chegar aos morros. As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor monacal de outra casa de educação, o negro Caraça de Minas. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea – a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura. (Pompéia, 1997, p.36)

Quando Sérgio, acompanhado por seu pai, chegou ao colégio para se matricular e ingressar como internado no estabelecimento, o diretor levou-os para a “sala especial das visitas” (ibidem, p.46). Embora o autor não descreva essa sala, ela provavelmente

não ficaria distante de um operador que Goffman (1987, p.91) descreve como parte do cerimonial institucional. Nessa mesma ocasião, Aristarco exibiu o colégio para Sérgio e seu pai. Pompéia (1997, p.46-7) descreve outros aspectos físicos do estabelecimento: o grande refeitório coletivo, a rouparia anexa ao lavatório, com ctenas de bacias e, ao longo das paredes e pouco acima, num friso de madeira, os copos e as escovas de dente (ibidem, p.52). Prossegue ainda desenhando o estabelecimento.

A sala do professor Mânlio era ao nível do pátio, em pavilhão independente do edifício principal, com duas outras do curso primário, o alojamento da banda de música e o salão suplementar de recreio, vantajoso nos dias de chuva. Formando ângulo reto com esta casa, uma extensa construção de tijolo e tábuas pintadas, sala geral do estudo no pavimento térreo e dormitório em cima, concorria para fechar metade do quadrilátero do pátio, que o grande edifício completava, estendendo-se em duas alas, como os braços da reclusão severa. No fundo desta caixa desmedida de paredes, dilatava-se um areal claro, estéril, insípido como a alegria obrigatória, algumas árvores de cambucá mostravam, em roda, a folhagem fixa, com o verdor morto das palmas de igrejas, alourada a esmo da senilidade dos ramos que sofrem, como se não coubesse a vegetação no internato; a um canto, esgalgado cipreste subia até as goteiras, tentando fugir pelos telhados. (ibidem, p.55)

Natação chama-se o banheiro, construído num terreno das dependências do Ateneu, vasta toalha d'água ao rés da terra, trinta metros sobre cinco, com escoamento para o Rio Comprido, e alimentada por grandes torneiras de chave livre. O fundo, invisível, de ladrilho, oferecia uma inclinação, baixando gradualmente de um extremo para outro. Acusava-se mais ainda esta diferença de profundidade por dois degraus convenientemente dispostos para que tomassem pé as crianças como rapazes desenvolvidos. Em certo ponto a água cobria um homem. Ao longo do tanque, corria o muro divisório, além do qual ficava a chácara do diretor. À dis-

tância, viam-se as janelas de uma parte da casa, onde às vezes eram recolhidos os estudantes enfermos, fechadas sempre as venezianas verdes. (ibidem, p.59-60)

[...] A cozinha do Ateneu, além dos alojamentos da copa, era espaçosa como um salão. As paredes cintilavam o trem completo de cobre areado, em linha as peças redondas como uma galeria de broquéis. No centro uma comprida mesa servia de refeitório à criação. (ibidem, p.105)

Os dormitórios apelidavam-se poeticamente, segundo a decoração das paredes: salão pérola, o das crianças policiado por uma velha, mirrada e má, que erigira o beliscão em preceito único disciplinar, olhos mínimos, chispando, boca sumida entre o nariz e o queixo, garganta escarlate, uma população de verrugas, cabeça penugenta de gipaeta sobre um corpo de bruxa; salão azul, amarelo, verde, salão floresta, dos ramos do papel, aos quais se recolhia a classe inumerável dos médios. O salão dos grandes, independentes do edifício, sobre o estudo geral, conhecia-se pela denominação amena de chalé. O chalé fazia vida separada e misteriosa. (ibidem, p.139)

No Ateneu havia também uma prisão, chamada “cafua”, que Sérgio descreve com um “asilo de trevas e do soluço, sanção das culpas enormes” (ibidem, p.74-5). Trata-se de uma espécie de “solitária”, lugar onde ficavam detidos os infratores da ordem institucional.

A prisão se localizava embaixo da casa. Fazia-se entrada pelo saguão cimentado dos lavatórios; sentia-se uma impressão de escuro absoluto; para os lados, à distância, brilhavam vivamente, como olhos brancos, alguns respiradouros gradeados daquela espécie de imensa adega. O chão era de terra batida, mal enxuta. Impressionava logo um cheiro úmido de cogumelos pisados. Com a meia claridade dos respiradouros, habituando-se a vista, distinguia-se no meio uma espécie de gaiola ou capoeira de travessões

fortes de pinho. Dentro da gaiola um banco e uma tábua pregada, por mesa. Sobre a mesa um tinteiro de barro. Era a cafuá. (ibidem, p.191)

O Ateneu é um microcosmo, um rico e complexo universo institucional. Os alunos internados são trezentos meninos e adolescentes. Há toda uma organização de lugares sociais, postos de comando, hierarquia, poder vigilante e normatizador. A equipe dirigente é formada pelo diretor, professores, inspetores e bedéis.

No plano psicossocial do estabelecimento institucional, podemos encontrar um conjunto de relações intrainstitucionais: há o mundo próprios dos alunos, com seu sistema de privilégios, punições e premiações normalizadoras e as válvulas de escape da pressão institucional. Há também o mundo da equipe dirigente, com seus próprios atores institucionais e procedimentos típicos de gestão e administração da vida institucional. Vamos apresentá-los a seguir.

## **O mundo dos alunos internados**

De acordo com Goffman (1987, p.99-100) o grupo dos internados numa instituição total não deve ser considerado de modo homogêneo. No Ateneu, existem várias diferenças intragrupais: os alunos podem ser divididos entre vigilantes e vigiados (Pompéia, 1997, p.61-2), efeminados e másculos (ibidem, p.53, 183-4), fortes e fracos, belos e feios, angelicais e pervertidos, leais e traiçoeiros, bolsistas (ibidem, p.147) e pagantes.

Na descrição que Rebelo faz dos colegas internados para Sérgio, podemos apreciar a divisão sexual que se produzia num colégio unissexual.

“Conte como uma desgraça ter que viver com esta gente” – E esbeçou um lábio sarcástico para os rapazes que passavam. – “Aí vão as carinhas sonsas, generosa mocidade... Uns perversos. Têm mais pecados na consciência que um confessor no ouvido; uma mentira em cada dente, um vício em cada polegada de pele. Fiem-



-se neles. São servís, traidores, brutais, adúlões. Vão juntos. Pensa-se que são amigos... Sócios de bandalheira! Fuja deles. Fuja deles. Cheiram a corrupção, empestam de longe. Corja de hipócritas! Imorais! Cada dia de vida tem-lhes vergonha da véspera. Mas você é criança; não digo tudo o que vale a generosa mocidade. Com eles mesmos há de aprender o que são... Aquele é o Malheiro... forte como um touro, todos o temem, muitos o cercam, os inspetores não podem com ele; o diretor respeita-o; faz-se vista larga para os seus abusos... Este que passou por nós, olhando muito, é o Cândido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos... ali vem o Ribas... feio, coitadinho! Como tudo, mas uma pérola. É a mansidão em pessoa. Primeira voz do Orfeão, uma vozinha de moça que o diretor adora. É estudioso e protegido. Faz a vida cantando como os serafins. Uma pérola... hoje é o primeiro dia, ali está de joelhos o Franco. Assim atravessa as semanas, os meses, assim o conheço nesta casa, desde que entrei. De joelhos espiando a culpa de uma raça. O diretor chama-lhe de cão, diz que tem calos na cara... Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se um dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper... Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza, são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo..." (ibidem, p.53-4)

Sérgio, quando passou para o chalé, dormitório coletivo onde se alojam os maiores, descreveu a diversidade da população do colégio.

Depois disso, vinha a demografia especial da terceira classe, a distribuição por famílias regulares, ou por aproximações eventuais... Louvavam-se os exemplos de fidelidade; comentavam-se as traições; censuravam-se as tentativas de sedução; improvisava-se a teoria do lar e do leito; cantava-se o hino báquico dos caprichos

volantes, do entusiasmo passageiro. Chamavam-me o Sérgio do Alves. Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles. Apostavam a ver quem seria o primeiro, exigiam juramento de segredo, para passar adiante alguma história que tinham por sua vez jurado não contar a ninguém. Serviam-se mutuamente em pasto às boas risadas, anedotas espessas, com ou sem aplicação, conforme o pedido e o paladar do ensejo. Toda crônica obscura do Ateneu redigia-se ali, em termos explícitos e fortes, expurgada dos arrebiques de recato, de inverdade, pelo escrúpulo das comissões investigadoras. O Silvino que se fosse! Não tinha nada com a conversa dos rapazes. Uma das melhores máximas do chalé era esta, característica: – Fica revogado o diretor. Havia o que afetava moderação no capricho, conhecendo o desvio em regra, como o ladrão sabe ser honesto no roubo; com o ar sério, espantadiço das femmes qui sortent; havia os ingênuos, perpetuamente infantis, não fazendo por mal, risinhos de riso solto, com o segredo de adiar a inocência intata através dos positivos extremos, apregoando-se por gosto, que não perdoavam à natureza o erro original da conformação: ah! Não ser eu mulher para melhor o ser! Estes faziam grupo à parte, conhecidos e satisfeitos com isto, protegidos por um favor de simpatia geral, inconfessado mas evidente, beneplácito perverso e amável de tolerância que favoneia sempre a corrupção como um aplauso. Eles, os belos efebos! exemplos da graça juvenil e da nobreza da linha. Às vezes traziam pulseiras; ao banho triunfavam, nus, demorando atitudes de ninfa, à beira d'água, em meio da coleção mesquinha de esqueletos sem carnes nas tangas de meia, e carnes sem forma. Havia os decaídos, portadores miseráveis de desprezo honesto, culpados por todos os outros, gastos às vezes antes do consumo, atormentados pela propensão de um lado, pela repulsa de outro, mendigos de compaixão sem esmola, reduzidos ao extremo de conformar-se deploravelmente com a solidão. Com estes em contraposição, os de orgulho masculino, peludos, morenos, nodosos de músculos, largos de ossada, e outros mirrados de malícia, insaciáveis de voz trêmula e narinas ávidas de bode, os gorduchos de beijo vermelho relaxado, fazendo praça de uma

superioridade porque nem sempre zelaram antes da maturidade das banhas. (ibidem, p.183-4)

No plano social do Ateneu, bem distante dos ideais propostos pelo regulamento, os critérios decisivos eram, em primeiro lugar, a força, em segundo, o prestígio da riqueza, que de fora vinha precisar os contornos das diferenças individuais. No plano afetivo, as matrizes dos gestos e das palavras eram a agressividade e a libido. Para observá-los, basta ler a descrição da fauna que rodeia Sérgio: destruída a fachada que a cerimônia inicial levantara, o menino percebeu espantado uma divisão entre fortes e fracos, que os impulsos da puberdade vinha colorir de matizes sexuais. As lideranças, já entronadas pelo poder da riqueza, se erguiam sobre argumentos musculares ou etários, onde os mais fortes, os mais velhos e calejados pela vida no colégio interno, podem dominar, oprimir e explorar os recém-chegados mais novos. “Tudo conspira contra os indefesos” (ibidem, p.63).

É um universo em que não há arestas, sequer humanidade. A força de um só encontra paralelo no poder de outro. Um equilíbrio pelo temor. É todo um complexo social que se faz presente, onde estes adolescentes são transformados em pequenas feras a fazerem parte de uma estranha matilha que se autodevora. Não há lugar para os puros (como Sérgio), para os fracos (como Franco). Num mundo assim concebido, a fraternidade passa a ser um indício de fraqueza. (Nunes, 1986, p.228)

### **Sistema de privilégios: punições e premiações normalizadoras**

Podemos verificar no modo de funcionamento do Ateneu alguns elementos que consideramos como parte do sistema de privilégios (Goffman, 1987, p.49-58) que costuma existir nas instituições totais. São três os elementos básicos desse sistema: primeiro, um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições

que normatiza a conduta do internado. Essas regras costumam especificar com detalhes a rotina diária e austera da vida do internado. Segundo, contrastando com esse ambiente rígido, apresenta-se um pequeno número de prêmios ou privilégios claramente definidos, obtidos em troca de obediência, em ação e espírito, à equipe dirigente. Terceiro, o elemento castigo está integrado no sistema de privilégios. Os castigos são definidos como consequências de desobediência às regras. Um conjunto de tais castigos é formado pela recusa ou retirada, temporária ou permanente, de privilégios ou ainda pela eliminação do direito de adquiri-los.

Vamos enumerar e comentar a seguir alguns elementos do sistema de privilégios presentes no Ateneu. Havia um salão de estudos comum onde cada aluno possuía um espaço privativo pessoal.

Era a sala geral do estudo, à beira do pátio central, uma peça incomensurável, muito mais extensa do que larga. De uma das extremidades, quem não tivesse extraordinária vista custaria a reconhecer outra pessoa na extremidade oposta. À parede, em frente, perfilavam-se grandes armários com portas numeradas, correspondentes a compartimentos fundos: depósito de livros. Livros é o que menos se guardava em muitos compartimentos. O dono pregava um cadeado à portinha e formava o interior à vontade. [...] eu tive a ideia de armar em capela o compartimento do meu número. (Pompéia, 1997, p.79)

Esse espaço privado onde se podem guardar coisas pessoais de modo inviolável é considerado por Goffman (1987, p.204-8) como um direito que se perde numa instituição total. A posse de bens pessoais dificulta a eficiência institucional e os internados estão constantemente tentando garantir algum espaço onde possam manter bens pessoais a salvo dos demais, pois esses bens representam uma extensão do “eu”, e os “reservatórios” de bens pessoais representam sua autonomia.

As saídas do colégio para os alunos eram de quinze em quinze dias. Havia também saídas extraordinárias, concedidas como prê-

mio ou obséquio. Essas saídas eram obtidas mediante um sistema de recompensas pelo bom desempenho escolar, que funcionava como o sistema de privilégios visando a reorganização subjetiva do indivíduo: a criança deveria se tornar um “aluno”, personagem institucional, corpo dócil e disciplinado, submisso à autoridade escolar. O professor dava cartão amarelo ao aluno que fazia bem uma lição. Dez cartões valiam um cartão impresso “boa nota”. Dez cartões de “boa nota” valiam um diploma que, por sua vez, tornava o aluno candidato a uma medalha de ouro ou de prata no final do curso. Pompéia (1997, p.97) avalia com ironia esse processo de recompensas, sem nenhum critério de justiça que o garanta. O cartão de “boa nota” podia ser usado para comprar uma saída extra. Sérgio nunca alcançava essas saídas de prêmio com seu mau desempenho escolar. Ainda havia um prêmio extraordinário para os alunos com excelente desempenho acadêmico: “Melhor que a prerrogativa do estudo era uma espécie de prêmio não catalogado nos estatutos, com que Aristarco gentilmente obsequiava os distintos. Levava-os a jantar em sua casa, uma honra!” (ibidem, p.175).

Também podemos verificar funcionando no Ateneu aquilo que Goffman (1987, p.54) denomina “sistema de ajustamentos secundários”: operador constituído por práticas que não desafiam diretamente a equipe dirigente, mas permite que os internados obtenham satisfações proibidas, ou consigam, por meios proibidos, as satisfações permitidas. O colégio não apenas fornece acesso à produção cultural social, como seu funcionamento disciplinar visa produzir um indivíduo sujeitado. Seu treinamento físico, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições, tudo é assumido pela educação no internato: educação total que, mediante uma modelagem microfísica, busca uma produtiva recodificação da existência do indivíduo.

Pompéia (1997, p.99) comenta, de modo mais ou menos velado, como “a mocidade ia transigindo do melhor jeito com as bicudas imposições das circunstâncias” e que “as máximas, o diretor e a inspeção dos bedéis eram três espinhos”, comparando o ambiente colegial com um ouriço invertido.

Há outros elementos que podem ser considerados como parte do sistema de ajustamentos secundários, como a solidariedade entre os internados: “não denunciar nunca é preceito sagrado de lealdade no colégio” (ibidem, p.132). No caso dos cacos de vidro espalhados na piscina da natação (ibidem, p.88), Sérgio mente para o diretor, mas não consegue denunciar Franco. Quando Egbert fica envolvido no “caso Cândida”, Sérgio sente-se solidário com ele e nunca toca no incidente desagradável com o amigo (ibidem, p.173).

Exemplo de ajustamento secundário pode ser encontrado ainda no fato de os alunos maiores escaparem escondidos do dormitório coletivo para tomar a fresca no jardim do diretor, durante à noite.

Com o tempo vim a descobrir que uma camarilha de espertos conseguira sofismar alguns paus da grade da última janela, três ou quatro leitos além do meu, e passavam de noite, quando o silêncio se fazia, a tomar fresco no jardim do diretor. Preferiam as noites escuras, que têm mais estrelas e mais segredo, e preferiam as noites de chuva, que em questão de fresco são decisivas. Desciam por uma corda de lençóis torcidos e voltavam às vezes como pintos, mas refrescados sempre. Por medida de prudência, não passavam mais de dois por noite, fazendo sentinela um na ausência do outro. (ibidem, p.185-6)

Quando Sérgio descobre a esperteza e a ousadia dos colegas, sente-se incomodado com a liberdade secreta deles, sente-se roubado de um privilégio. Pensa em entregar todos ao Silvino, inspetor encarregado do dormitório dos grandes (ibidem, p.182). Planejava

[...] trair mercidamente os traidores. Medi as objeções: além de feia delação de voluntário da espionagem, podia ser asneira. Talvez soubessem todos, menos eu, simplesmente por estar de pouco na terceira classe. Experimentei. Conservei-me acordado até a hora, com uma paciência e um esforço de caçador de emboscada. No momento flagrante, ergui-me na cama, esfregando os olhos, fingindo-me admirado. Não houve remédio senão iniciar-me. Os dois

da noite contaram. O Malheiro era o chefe da troça, uma troça de nove, muito discretos, muito hábeis, também quem traísse apanhava. [...] Sempre que por acaso algum rapaz surpreendia os expedicionários da frescata, era incontinenti aliciado para as vantagens e sob as ameaças. (ibidem, p.186)

No Ateneu também havia mercado negro. Sérgio descreve com detalhes seu funcionamento:

Depois havia os jogos de parada, em que circulavam como preço as penas, os selos postais, os cigarros, o próprio dinheiro. As especulações moviam-se como o bem conhecido ofício das corretagens. Havia capitalistas e usurários, finórios e papalvos idiotas que se encarregavam de levar ao mercado com a facilidade de que dispunham fora do colégio, fornecimentos inteiros de Mallats e Guillots que os hábeis limpavam com a gentileza dos figurões da bolsa, e selos inestimáveis que os colecionadores desmereciam para tirar sem susto; fumantes ébrios de fumo alheio, adquirido facilmente no movimento da praça, repimpados à turca sobre os coxins da barata fartura. As transações eram proibidas pelo código do Ateneu. Razão demais para interessar. Da letra da lei, incubados sob a pressão do veto, surgiam outros jogos, mais expressamente característicos, dados que espirravam como pipocas, naipes em leque, que se abriam orgulhosos dos belos trunfos... roletas miúdas de cavalinhos de chumbo; uma aluvião de fichas em cartão, pululantes como os dados e coradas como os padrões do carteiro. A principal moeda era o selo. Pelo sinete da posta dava-se tudo. Não havia prêmios de lição que valessem o mais vulgar daqueles cupons servidos. Sobre este preço, permutavam-se os direitos do pão, da manteiga ao almoço, da sobremesa, as delícias secretas da nicotina, o próprio decoro pessoal de si. No comércio do selo é que fervia a agitação de empório, contratos de cobiça, de agiotagem, de esper-teza, de fraude. Acumulavam-se valores, circulavam, frutificavam, conspiravam os sindicatos, arfava o fluxo, o refluxo das altas e das depreciações. Os inexpertos arruinavam-se, e havia banqueiros atilados, espapando banhas de prosperidade. (ibidem, p.132-5)

O “microcosmo de atividade subterrânea” reunia-se no salão de estudos.

A sala geral do estudo, comprida, com as quatro galerias de carteiras e a parede oposta de estantes e a tribuna do inspetor, era um microcosmo de atividade subterrânea. Estudo era pretexto e aparência, as encadernações capeavam mais a esperteza do que os próprios volumes. A certas horas, reunia-se ali o colégio inteiro, desde os elementos de primeiras letras até os mais adiantados cursos. Agrupavam-se por ordem de habilitações; o abc diante da porta de entrada, à direita; à extrema esquerda, os filósofos, cogitadores do Barbe, os latinistas abalizados, os admiráveis estudantes do alemão e do grego. Baralhavam-se as três classes de idades... Dependia tudo do adiantamento. (ibidem, p.136)

Os alunos internados do Ateneu, para burlar a vigilância e se comunicarem, utilizavam

[...] os telégrafos e a correspondência de mão em mão. Os fios telegráficos eram da melhor linha de Alexandre 80, sutilíssimos e fortes, acomodados sob a tábua das carteiras, mantidas por alças de alfinete. Em férias desarmavam-se. Dois amigos interessados em comunicar-se estabeleciam o aparelho; a cada extremidade, um alfabeto em fita de papel e um ponteiro amarrado ao fio; legítimo Capanema. Tantas as linhas, que as carteiras vistas de baixo apresentavam a configuração agradável de cítaras encordoadas, tantas, que às vezes emaranhava-se o serviço e desafinava a cítara dos recadinhos em harpa de carcamano. (ibidem, p.136)

O telégrafo escrito tinha uma desvantagem: não servia no escuro da noite. Para resolver o problema, inventaram o “telégrafo-martelinho. Tantas pancadinhas, tal letra; tantas mais tantas menos, tais outras” (ibidem, p.137). Mas o inspetor encarregado da vigilância desconfiou dos ruídos que ouvia e destruiu, furioso, todo o equipamento dos garotos. “A violência não fez mais que aumentar o trá-



fego dos bilhetinhos e suspender temporariamente a telegrafia. De mão em mão como as epístolas, corriam os periódicos manuscritos e os romances proibidos” (ibidem, p.137). Nesses periódicos, os alunos destilavam todo seu desprezo pelos colegas e autoridades do colégio. Os romances versavam sobre a luxúria e lutas pelo poder e dinheiro no mundo exterior.

Segundo Goffman, (1987, p.63-6), a vida no contexto institucional ainda produz alguns efeitos específicos no grupo dos internados. Efeitos que não estão previstos nos objetivos oficiais do estabelecimento e que acrescentam novos problemas para a equipe dirigente. Costumam surgir no grupo dos internados uma percepção particular do tempo, tal como nos mostra Sérgio.

O tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto se pode gerar da monotonia do trabalho como da ociosidade. Tínhamos em torno da vida o ajardinamento em floresta do parque e a toalha esmeraldina do campo e o diorama acidentado das montanhas da Tijuca, ostentosas em curvatura torácica e frentes felpudas de colosso; espetáculos de exceção, por momentos, que não modificavam a secura branca dos dias, enquadrados em pacote nos limites do pátio central, quente, insuportável de luz, ao fundo daquelas altíssimas paredes do Ateneu, claras da caiação, do tédio, claras, cada vez mais claras. Quando se aproximava o tempo das férias, o aborrecimento é maior. Os rapazes, em grande parte dotados de tendências animadoras para a vida prática forjavam mil meios de combater o enfado e a monotonia. A folgança fazia época como as modas, metamorfoseando-se depressa como uma série de ensaios. (Pompéia, 1997, p.133)

Nessa vida reclusa, podemos constatar também o valor das distrações para os alunos internados.

A peteca não divertia mais, palmeada com estrépito, subindo como um foguete, caindo a rodopiar sobre o cocar de penas? Inventavam-se as bolas elásticas. Fartavam-se de borracha? Inventavam-

-se pequenas esferas de vidro. Acabavam-se as esferas? Vinham os jogos de salto sobre um tecido de linhas de giz no soalho, ou riscadas a prego na areia, a amarela, e toas as suas variantes, primeira casa, segunda casa, terceira casa, descanso, inferno, céu, levando-se à ponta de pé o seixozinho chato em arriscada viagem de pulos. Era depois a vez dos jogos de corrida, entre os quais figurava notavelmente o chicote-queimado. Variavam os aspectos da recreação, o pátio central animava-se com a revoada das penas, o estalar elástico das bolas, passando como obuses, ferindo o alvo em pontaria amestrada, o formigamento multicor das esferas de vidro pela terra, com a gritaria de todas as vozes do prazer e do alvoroço (ibidem, p.133)

### **O bode expiatório: válvula de escape das pressões institucionais**

Como todo sistema que vive oscilando à beira do desequilíbrio, o Ateneu também tem suas válvulas de escape. A figura agoniada de Franco, o rebelde permanentemente castigado e igualmente reincidente, é um exemplo de bode expiatório, no qual todos exorcizam a má consciência que os aguilha em meio a tantas contradições. Já no primeiro dia de aula, Franco estava de castigo, ajoelhado no chão (Pompéia, 1997, p.53). Rebelo comentou com Sérgio.

Se [Franco] não tivesse calos no joelho, não haveria canto do Ateneu que ele não marcasse com o sangue de uma penitência. O pai é do Mato Grosso; mandou-o para aqui com uma carta em que recomendava como incorrigível, pedindo severidade. O correspondente envia de tempos a tempos um caixeiro que faz os pagamentos e deixa lembranças. Não sai nunca... (ibidem, p.54)

[O Franco] sempre de penitência; em pé, cara contra a parede. Como Silvino dava-lhe as costas, divertia-se a pegar moscas para arrancar a cabeça e ver morrer o bichinho na palma da mão. Perguntei-lhe porque estava de castigo. Sem olhar, de mau modo: “Lá sei! disse ele. Porque me mandaram”. E continuou a pegar moscas.

Franco era um rapazola de quatorze anos, raquítico, de olhos pasmados, face lívida, pálpebras pisadas. À frente, com a expressão vaga dos olhos e obliquidade dolorida dos supercílios, pousava uma névoa de aflição e paciência, como se vê no *Flos Sanctorum*. A parte inferior do semblante rebelava-se; um canto dos lábios franziava-se em contração constante de odiento desprezo. Franco não ria nunca. Sorria apenas, assistindo a uma briga séria. Interessando-se pelo desenlace como um apostador de rinha, enfurecendo-o quando apartavam. Uma queda alegrava-o, principalmente perigosa... (ibidem, p.56)

Como os criminosos, os loucos e as prostitutas que são apontados e condenados pela repulsa geral, procurando de algum modo esconjurar as tentações de ódio e perversão que assediam as almas de todos, Franco era escarmentado pelo colégio em peso:

[...] Vivia isolado no círculo da excomunhão com que o diretor, invariavelmente, o fulminava todas as manhãs, lendo no refeitório perante o colégio as notas da véspera. Os professores já sabiam. À nota do Franco, sempre má, devia seguir-se especial comentário deprimente, que a opinião esperava e ouvia com delícia, fartando-se de desprezar. Nenhum de nós como ele! E o zelo do mestre cada dia retemperava o velho anátema. Não convinha expulsar. Uma coisa destas aproveita-se como um bibelô do ensino intuitivo, explora-se como a miséria do ilota, para a lição fecunda do asco. A própria indiferença da vítima é útil. Três anos havia que o infeliz, num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido, esmagado, sob o peso das virtudes alheias mais que das próprias culpas, ali estava, – cariátide forçada no edifício de moralização do Ateneu, exemplar perfeito da depravação oferecido ao horror santo dos puros... ‘Nenhum de nós como ele’ – é o alívio dos alunos reunidos à hora em que se leem os boletins de notas. (ibidem, p.56)

Deixar-se morrer doente e preso na cafua foi alternativa que Franco encontrou para se vingar de todos e assim, alcançar a li-

berdade. A estratégia de intransigência (Goffman, 1987, p.60) de Franco, pela qual desafiava intencionalmente o estabelecimento, negando-se de modo visível a cooperar com os dirigentes, produziu como efeito direto o zelo especial do diretor e de sua equipe para com o rebelde.

## O mundo da equipe dirigente

O diretor foi descrito de modo caricaturesco por Pompéia/Sérgio, realçando seus traços negativos. Aristarco, tipo consumado do empresário da educação, mestre na arte da pose e da autopromoção, vendia uma imagem idealizada do seu negócio.

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma couraça de grilos: Ateneu! Ateneu! Aristarco era todo um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários, a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público... (Pompéia, 1997, p.33)

Nos eventos públicos, exposições institucionais (Goffman, 1987, p.90ss.) que funcionavam como publicidade do estabelecimento, “Aristarco arreventava de júbilo... distribuía-se numa ubiquidade impossível de meio ambiente...” deslocando-se por toda parte e falando com todos (Pompéia, 1997, p.39-40). Ele interrompia sua atividade de contador para receber os alunos que chegavam, dissimulando o empresário por trás da máscara do educador.

O diretor, no escritório do estabelecimento, ocupava uma cadeira rotativa junto à mesa de trabalho. Sobre a mesa, um grande livro abria-se em colunas maciças de escrituração e linhas encarnadas. Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros [...] (ibidem, p.45)

A substância do diretor se encontrava na ostentação de si mesmo e na sede de lucro, pois o dinheiro era o absoluto da vida burguesa. Aristarco graduava os olhares, os sorrisos, as predileções no sistema de chefia, e até mesmo a escolha do futuro genro, pelos critérios de guarda-livros, como pontualidade no pagamento das mensalidades: “[...] Às vezes, uma criança sentia uma alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado” (ibidem, p.46).

Aristarco não era apenas o supervisor do seu colégio, ele era de fato um símbolo da administração e de todo o estabelecimento (Goffman, 1987, p.96). Ele se apresenta como uma figura do patriarcalismo, ícone de um regime paternalista em que o senhor de engenho e o dono de estância são substituídos por um diretor de colégio: “Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepção da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, opulentando a nobreza de todos os honoríficos berloques” (Pompéia, 1997, p.32).

Nas cerimônias institucionais (Goffman, 1987, p.84ss.), o diretor se vestia bem, ficava comovido com a cerimônia, sorria, fazia discursos, dava parabéns, julgava as disputas, distribuía prêmios. Nessa atuação, desempenhava uma interação benigna e demonstrava interesse paternal para com os alunos e estes mostravam acanhamento, deferência e respeito. Isso é muito parecido com a representação de um senhor feudal desempenhando seu papel na festa anual em seu feudo, em plena sociedade moderna. “Ator profundo, realizava ao pé da letra, a valer, o papel diáfano, sutil, metafísico, de alma da festa e alma do seu instituto” (Pompéia, 1997, p.40).

O diretor se arvora de guia e senhor. E recebe o reconhecimento dos demais. Há no colégio um estranho processo de entetisação. Todos parecem acatar não apenas uma posição subalterna, mas sobretudo infamante. Portam-se como coisas, como animais em relação àquele que os une, que os mantém, que os maltrata. Não

são apenas vítimas, logo metamorfoseiam-se em cúmplices. [...] Aristarco é o Ateneu. (Nunes, 1986, p.225)

Aristarco mantinha uma vigilância ostensiva sobre a vida dos internados, com traços maquiavélicos: dominava pelo terror de aparições súbitas e inadvertidas que fazia nos vários ambientes do colégio, salas de estudo, de aula, surpreendendo professores e alunos, procurando flagrantes.

[...] Por meio deste processo de vigilância de inopinados, mantinha no estabelecimento por toda parte o risco perpétuo do flagrante com uma atmosfera de susto. Fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis. Chegava o capricho a ponto de deixar algumas janelas ou portas como votadas a fechamento para sempre, com o fim único de um belo dia abri-las bruscamente sobre qualquer máquina clandestina da vadiagem. Sorria então no íntimo, do efeito pavoroso das armadilhas, e confiava os majestosos bigodes brancos de marechal, pausadamente, como lambe o jaguar ao focinho a pregação de um repasto de sangue. (Pompéia, 1997, p.83-4)

Auxiliando o diretor no cuidado da disciplina dos alunos no Ateneu, estavam os inspetores. João Numa, inspetor ou bedel, tratou Sérgio com delicadeza, quando ele era um novato no colégio (ibidem, p.49). O inspetor Silvino “fiscalizava o recreio, graduando a folgança, à mercê de um terrível canhenho. Sentava-se à entrada do portão do lavatório” (ibidem, p.55). Um inspetor vigiava o banho, “com a varinha destinada aos retardatários”, mas ficava afastado e não via os abusos dos marmanjos com relação aos menores (ibidem, p.60). Inspetores vigiavam também as salas de aula (ibidem, p.68). Os inspetores vigiavam a distribuição da merenda, “prevenindo as espertezas inconvenientes” (ibidem, p.85), mas não observavam os maus-tratos dos colegas com relação a Franco, o bode expiatório do estabelecimento. Mais tarde, os inspetores comentariam com o diretor sobre a decadência de Sérgio e de sua proximidade com Franco (ibidem, p.86). “O policiamento dos dormitórios competia

aos diversos inspetores, convenientemente distribuídos” (ibidem, p.139) Geralmente, os inspetores temiam os maiores e os deixavam em paz (ibidem, p.182).

Quanto aos horários e rotinas diárias, no Ateneu se despertava às cinco horas da manhã (ibidem, p.58). Nas épocas de maior calor, havia dois banhos por dia, na piscina da “natação” (ibidem, p.59). A disciplina determinava a divisão dos banhistas em três turmas, conforme as idades. Mas as turmas se misturavam, devido à falha na vigilância do inspetor de plantão, “[...] de sorte que ficavam expostos os mais fracos aos abusos dos marmanjos...” (ibidem, p.60).

Verificamos na descrição do banho comum que era oferecido aos internados um exemplo de exposição contaminadora. De acordo com Goffman (1987, p.31), elas podem ser físicas, sociais e psicológicas (apelidos, gozações), onde as fronteiras que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente são invadidas e sua pessoa pode ser sistematicamente profanada. Já não pode mais, como no mundo externo, manter objetos investidos por seu eu (seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens) fora de contato com coisas estranhas e contaminadoras. A vida em grupo exige contato mútuo e permanente exposição entre os internados.

[...] e cada banho era uma festa, naquela água gorda, salobra da transpiração das turmas precedentes, que as dimensões do tanque impediam a devida renovação; turbulento debate de corpos nus, estreitamente cingidos no calção de malha rajado a cores, enleando-se os rapazes como lampreias [...] os menores agrupados no raso, dando-se as mãos em cacho, espavoridos, se algum mais forte chegava. (Pompéia, 1997, p.59)

Ao meio-dia, Aristarco aproveitava a reunião de todos para a refeição e distribuía conselhos, advertências e reprimendas em massa por culpas coletivas. Realizava arrecadações de cigarros e também pequenos processos sumários, nos quais averiguava a autoria de delitos importantes, tais como: encher de papel picado uma sala, cuspir nas paredes, molhar a privada e outros mais graves (ibidem,

p.83). Havia orações especiais em devoção à Virgem Maria no mês de maio (ibidem, p.80). Rezava-se o “hino do anjo da guarda” ao meio-dia (ibidem, p.81) e havia a oração da noite, aborrecida pelos meninos, exaustos do desgaste do dia (ibidem, p.82).

Os exercícios corporais efetuavam-se à tarde, uma hora depois do jantar, hora excelente, que habituava a digestão a segurar-se no estômago e não escorrer pela goela quando os estudantes se balançavam à barra-fixa, pelas curvas... Findos os exercícios, partia o professor Bataillard, e, guardados por dois inspetores, o Silvino e o João Numa, ou João Numa e o velho Margal, venerando inválido espanhol, querido de todos, ou o Margal e o Conselheiro, tínhamos os alunos, um prazo de recreio até o cair da noite. (ibidem, p.69)

Todas as atividades cotidianas eram prescritas pelo regulamento da casa. A vida dos alunos internados no Ateneu era governada por normas e regulamentos que previam prêmios e castigos, escritos em grandes quadros, espalhados pelas paredes do colégio (ibidem, p.48). Segundo Foucault (1999b, p.151ss.) e Goffman (1987, p.49-58), existe um sistema de gratificação-sanção nas instituições totais, que realiza uma contabilidade penal, qualificando comportamentos e desempenhos a partir de dois valores opostos do bem e do mal, produzindo uma microeconomia dos privilégios e castigos. “[...] Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese...”, diz Aristarco para Sérgio e seu pai, no dia do ingresso no Ateneu (Pompéia, 1997, p.48). Mas ali “[...] não havia expressamente punições corporais” (ibidem, p.76). Visibilidade total e irrestrita é a nova estratégia utilizada pelo poder disciplinar para realizar o controle – sem uso da violência ostensiva – para o exercício de uma vigilância produtiva. Cria-se um operador, “observatório” que obriga pelo jogo do olhar, um aparelho no qual técnicas óticas efetuam manobras de poder: olho do poder que vigia, produz, torna inteiramente visíveis os indivíduos sobre os quais incide (Foucault, 1999b).

O colégio funcionava dentro de uma verdadeira organização militar, na qual trezentos alunos internos eram repartidos em grupos



de trinta, sob o comando direto de um vigilante, aluno do colégio. Os vigilantes eram escolhidos pelo diretor entre os alunos internos por seleção de aristocracia.

Esses inferiores da milícia da casa faziam-se tiranetes por delegação da suprema ditadura. Armados de sabres de pau com guardas de couro, tomavam a sério a investidura do mando e eram em geral de uma ferocidade adorável. Os sabres puniam sumariamente as infrações da disciplina na forma: duas palavras ao cerra-fila, perna frouxa, desvio notável do alinhamento. Regime siberiano, como se vê, do que resultava que os vigilantes eram altamente conceituados. (Pompéia, 1997, p.61-2)

Podemos ver no comportamento tirânico dos alunos vigilantes um claro exemplo do mecanismo da tiranização, incluindo a autoridade escalonada: qualquer pessoa da equipe dirigente tem o direito de impor disciplina a qualquer dos internados, o que aumenta claramente a possibilidade de sanção (Goffman, 1987, p.45), produzindo um clima decididamente aterrorizante e persecutório para os alunos.

## **O microtribunal pedagógico**

Consideramos que um importante operador microfísico do Ate-neu, instrumento de poder altamente mortificador, era o “livro de notas”. Toda manhã, Aristarco abria um livro no qual os professores haviam feito anotações relativas ao aproveitamento dos alunos. Ele lia as notas e praticava assim uma clara violação de reserva de informações da vida escolar de cada aluno diante de toda a comunidade. Do livro aberto, se construía e se destruía, sem pruridos, a reputação dos alunos.

[...] Os vitimados fugiam, acobardados de vergonha, oprimidos sob o castigo incalculável de trezentas carinhas de ironia superior ou compaixão de ultraje. Passavam junto de Aristarco ao sair para a

tarefa penal de escrita. O diretor, arrepiando uma das cóleras olímpicas que de um momento para outro sabia fabricar, descarregava com o livro às costas do condenado, agravante de injúria e escárnio à pena de difamação. O desgraçado sumia-se no corredor, cambaleando. (Pompéia, 1997, p.75)

Essa prática marcava de tal modo o indivíduo com um estigma de incapacidade, que acabava, por contágio de convicção, reforçando a imagem negativa do internado na opinião dos companheiros. O resultado era o da profecia autorrealizada, que se consumava quando o próprio indivíduo se convencia de sua inépcia e achava justa a condenação. Evidentemente, a leitura cotidiana do livro de notas funciona como o “circuito” (Goffman 1987, p.40) e como vigilância, exame e sanção normalizadora (Foucault, 1999b). Podemos falar de uma “terapeutização da pedagogia” com finalidade normatizante e normalizadora.

Goffman (1987, p.40) descreve o “circuito” como uma perturbação na relação usual entre o ator individual e seus atos. Uma agência cria uma resposta defensiva no internado e depois utiliza essa resposta para seu ataque seguinte. O indivíduo descobre que sua resposta protetora diante de um ataque à sua pessoa falha na situação, pois não pode defender-se da forma usual ao tentar estabelecer uma distância entre a situação mortificante e seu ego. Como as esferas da vida estão interligadas no contexto institucional, a conduta do internado numa área de atividade é lançada contra ele pelos dirigentes, como comentário e verificação de sua conduta em outro contexto.

O “circuito” inclui a “tiranização” (Goffman, 1987, p.41) do indivíduo mediante um processo de infantilização social que retira da pessoa sua autonomia, liberdade de ação e capacidade de decisão, perturbando decididamente sua autonomia civil; a obrigação de pedir permissão ou instrumentos para realizar atividades secundárias que o indivíduo pode executar sozinho no mundo externo, produz submissão e infantilização; o “processo de arregimentação” (ibidem, p.44), que indica a obrigação de executar a atividade regulada em unísono com grupos de outros internados e, ainda, um

“sistema de autoridade escalonada”, no qual qualquer pessoa da equipe dirigente tem o direito de impor disciplina a qualquer dos internados, o que aumenta claramente a possibilidade de sanção.

Com exceção dos privilegiados, os vigilantes, os amigos do peito, os que dormiam à sombra de uma reputação habilmente arranjada por um justo conchavo de trabalho e cativante doçura, havia para todos uma expectativa de terror antes da leitura das notas. O livro era um mistério. (Pompéia, 1997, p.75)

A leitura matinal do livro de notas se assemelhava a um processo judicial que apresentava e denunciava culpados, fustigando-os com o vexame da humilhação pública e o juiz implacável, encarnado pelo diretor, sentenciava o faltoso imediatamente. A tecnologia disciplinar do livro de notas ensinava os internados a viverem sob condições de exposição iminente, sujeitos a grandes flutuações de consideração, com pouco controle da obtenção ou perda de tal consideração, sendo essa uma etapa importante na carreira moral e na socialização dos internados. O fato de ter seu desempenho acadêmico elevado à categoria máxima e definidora de sua pessoa, seu fracasso ou sucesso escolar submetido à constante monitoração e avaliação moral, impede que o indivíduo conserve opiniões firmes a respeito de seu autoconceito.

O internado aprende que as degradações e reconstruções do “eu” não devem ser muito consideradas, e ao mesmo tempo aprende que a equipe dirigente e os outros internados estão preparados para interpretar, com certa indiferença, as destruições e reconstruções do “eu”. Aprende que uma imagem defensável do “eu” pode ser vista como algo fora de si mesmo e que pode ser construída, perdida e reconstruída – tudo isso com certa rapidez e justiça. (Goffman, 1987, p.139-40)

Esse contexto moral, pouco sério e exagerado, no qual a construção do autoconceito e sua destruição eram transformadas num jogo

indiscreto e impudico, produzia no internado uma desmoralização, ao ensinar-lhe a viver esse processo de forma incessante. O fato de que o “eu” do indivíduo fosse tratado como uma cidade aberta e não como uma fortaleza particular e inviolável, produzia uma fadiga e um relaxamento moral. O internado aprendia que podia sobreviver e agir de uma forma que o estabelecimento considera negativo. Sérgio nos oferece um exemplo disso com sua prostração e impotência nas quais se abandonou (Pompéia, 1997, p.77ss.). Não importava quão baixo ele estivesse na escala das considerações institucionais, como era o caso de Franco, de um modo mais radical, isso não era capaz de excluí-lo da comunidade dos internados. Ao aceitar a interpretação institucional a seu respeito, o indivíduo podia adquirir a intenção de emendar-se, corrigir-se e solicitar da equipe dirigente auxílio, compreensão, privilégios e perdão, com o objetivo de perseverar nessa nova atitude. Mas não foi isso o que aconteceu com Sérgio. Nesse momento, ele vivia uma temporada de intenso fervor religioso (ibidem, p.93) e, depois de rebelar-se contra a tirania dos vigilantes, passou a utilizar a estratégia da “viração”: trata-se de uma combinação oportunista de ajustamentos secundários, conversão, colonização e lealdade aos colegas, de modo a obter, dentro da situação específica, uma possibilidade máxima de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos (ibidem, p.98).

Cada carreira moral, e, atrás desta, cada “eu”, se desenvolve dentro dos limites de um sistema institucional, seja um estabelecimento social, seja um complexo de relações pessoais e profissionais. Portanto, o “eu” pode ser visto como algo que se insere nas disposições que um sistema social estabelece para seus participantes. Nesse sentido, o “eu” não é uma propriedade da pessoa a que é atribuído, mas reside no padrão de controle social que é exercido pela pessoa e por aqueles que a cercam. Pode-se dizer que esse tipo de disposição social não apenas apoia, mas constitui o “eu”. (Goffman, 1987, p.142)

Geralmente as pessoas exigem proteção e aceitação tácita para a versão de si mesmas que apresentam aos demais. O afastamento

dessa proteção do autoconceito forma um aspecto sistemático e intencional no funcionamento do Ateneu, cristalizado no livro de notas que o diretor lia a cada manhã perante a comunidade escolar.

## O microtribunal inquisitorial

No Ateneu realizou-se um processo inquisitorial, que denominamos “caso Cândida”. Toda a comunidade escolar ficou em polvorosa diante da ameaça que pairava sobre todos, gerando um clima altamente persecutório. Um dos alunos, Cândido, havia enviado uma carta de amor para outro colega e assinado “Cândida”.

Aristarco discursou e trevejou sobre a comunidade escolar na hora do jantar: “Tenho a alma triste, Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no jardim. “Ah! Mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores! Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca vergonha! É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nessa miséria... tenho a lista dos comprometidos... e que negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado cúmplice e como tal: punido!” Este convite era um verdadeiro arrastão. Remexendo a gaveta da consciência e da memória, ninguém havia, pode-se afirmar, que não estivesse implicado na comédia colegial dos sexos, ao menos pelo enredo remoto do ouvi dizer. Ouvir dizer e não denunciar logo era um crime dos grandes na jurisprudência costumeira. A devassa prometida fazia alarma geral. Como prever as complicações do processo? Como adivinhar o segredo tremendo da lista?

Aristarco ufanava-se de perspicácia de inquisidor. Sob a saraivada das perguntas, ameaças, promessas, o interrogado perturbava-se, comprometia-se, entregava-se e traía os outros; nos processos de gabinete, os fatos florescia em corimbo, frutificavam em cacho; a pesquisa de uma culpa descobria três, sem contar as ramificações da cumplicidade de outiva. Ao retirar-se, o diretor deixou na sala uma estupefação de pavor. (Pompéia, 1997, p.161)

Sérgio também temeu e se sobressaltou, pois suas relações pessoais com o diretor já eram complicadas e se agravaram ainda mais a partir de um incidente que ocorreu entre ambos, logo depois de uma luta do menino com seu protetor, e quase namorado, Bento Alves (ibidem, p.162-3). Sua persecutoriedade não era infundada. Sérgio relatou com detalhes a sessão solene do processo.

Não foi possível dormir tranquilo. À hora do primeiro almoço, como prometera, Aristarco mostrou-se em toda sua grandeza fúnebre dos justiçadores. De preto. Calculando magnificamente os passos pelos do diretor, seguiam-no em guarda de honra muitos professores. À porta fronteira, mais professores de pé e os bedéis ainda, e a multidão bisbilhoteira dos criados. Tão grande a calada, que se distinguia nítido o tique-taque do relógio, na sala de espera, palpitando os ansiosos segundos. Aristarco soprou duas vezes através do bigode, inundando o espaço com um bafejo todo-poderoso. E sem exórdio: “Levante-se, Sr. Cândido Lima! Apresento-lhe, meus senhores, a Sr<sup>a</sup>. D. Cândida”, acrescentou com uma ironia desanimada. “Para o meio da casa! E curve-se diante dos seus colegas!” Cândido era um grande menino, beijudo, louro, de olhos verdes e maneiras difíceis de indolência e enfado. Atravessou devagar a sala, dobrando a cabeça, cobrindo o rosto com a manga, castigado pela curiosidade pública. “Levante-se, Sr. Emílio Tourinho...” Tourinho era um pouco mais velho do que o outro, porém mais baixo; atarracado, moreno, ventas arregaladas, sobranceiras crespas, fazendo um só arco pela testa. Nada absolutamente conformado para um galã; mas era com efeito o amante. “Venha ajoe-

lhar-se com o companheiro. Agora, os auxiliares...” Desde às cinco horas da manhã trabalhava Aristarco no processo. O interrogatório, com o apêndice das delações da polícia secreta e dos tímidos, comprometera apenas dez alunos. À chamada do diretor, foram deixando os lugares e postando-se de joelhos em seguimento dos principais culpados. “Estes são os acólitos da vergonha, os co-réus do silêncio!” Cândido e Tourinho, braço dobrado contra os olhos, espreitavam-se a furto, confortando-se na identidade da desgraça, como Francesca e Paolo no inferno. Prostrados os doze rapazes perante Aristarco, na passagem alongada entre as cabeceiras das mesas, parecia aquilo um ritual desconhecido de noivado: à espera de benção para o casal à frente. Em vez de benção chovia a cólera. “Esquecem pais e irmãos, o futuro que os espera, e a vigilância inelutável de Deus!... Na face estranhada não lhes pegou o beijo das mães... caiu-lhes a vergonha como um esmalte postiço... Deformada a fisionomia, abatida a dignidade, agravam ainda a natureza; esquecem as leis sagradas do respeito à individualidade humana... E encontram colegas assaz perversos, que os favorecem, calando a reprovação, furtando-se a encaminhar a vingança da moralidade e a obra restauradora de justiça!...” O diretor derramou toda sua fúria sobre os pobres condenados. Depois, conduzidos pelos inspetores, saíram os doze como uma leva de convictos para o gabinete do diretor, onde deviam ser literalmente seviciados, segundo a praxe da justiça do arbítrio. Consta que houve mesmo pancada de rijo. Os condenados negaram, depois. Em todo caso, era de efeito o simples consta, engrandecido pela refração nebulosa do boato. Concluída a chamada dos indiciados, a sala inteira respirou desafogo. No recreio, a rapaziada dispersou-se com gritos festivos. (ibidem, p.164-6)

Vemos assim como funciona no Ateneu um “mecanismo penal” de efeitos microfísicos: uma máquina kafkiana de punir que “é beneficiada por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, suas instâncias de julgamento, estabelecendo infrapenalidades” (Foucault, 1999b, p.149).

## **A carreira moral de Sérgio no internato escolar Ateneu<sup>4</sup>**

Depois de estudar o colégio Ateneu como dispositivo pedagógico, vamos tomar o romance de Raul Pompéia como campo de análise para acompanharmos o menino Sérgio e seu mergulho no mundo institucional do internato escolar e verificar a presença e ação dos vários mecanismos que as instituições totais fazem funcionar com a finalidade de controlar e modelar e produzir o indivíduo. Pompéia descreve à saciedade a “carreira moral” de Sérgio, ao longo de páginas densas de introspecção psicológica.

O ingresso numa instituição total implica mudanças significativas na existência do indivíduo, tendo início sua “carreira moral” (Goffman, 1987, p.111) como internado. “O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico”, afirma Goffman (1987, p.24). Já no seu ingresso começa a ser despido desses referenciais identificatórios, começa a passar por uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do conceito que tinha de si mesmo. Sua “carreira moral” vai passar por mudanças radicais e progressivas, suas crenças a respeito de si mesmo e sobre as pessoas significativas para ele são questionadas, entram em crise e começam a desmoronar. Trata-se de um processo de institucionalização do indivíduo. Neste estudo, vamos utilizar a ideia de “carreira moral” para mapear a experiência de internação que Sérgio vivencia no Ateneu.

### **A vida de Sérgio antes do ingresso no Ateneu**

O romance se abre com as palavras do pai de Sérgio: “Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta”. E tudo o que se segue sublinha a ruptura com a vida e o ambiente social representado pela vida familiar, única referência

---

4 Publicado originalmente como artigo: Benelli (2004c).



de Sérgio, até aquele momento. A vida no seio da família é definida como “estufa de carinho” (Pompéia, 1997, p.30) e “conchego placentário” (ibidem, p.31). O dado original da ruptura com sua vida cotidiana e “normal” foi matriz de infelicidade para o adulto Pompéia-Sérgio, que não perdeu a vida o ser lançado à indiferença cruel da escola e à convivência com os mais fortes.

Em sua fase de pré-internado, Sérgio vivia com a família e gozava de um *status* civil correspondente à sua idade, nível socioeconômico e posição na constelação familiar. Antes de ingressar no Ateneu, ele já havia recebido alguma educação escolar em regime de externato, iniciando sua alfabetização (ibidem, p.30), depois teve um professor particular (ibidem, p.31).

Inicialmente, Sérgio, deslumbrado pelas festividades que presenciou em duas visitas que fez ao Ateneu (ibidem, p.33-9), sonha ingressar na escola e triunfar como um bravo, movido por ideais de vitória:

Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! Ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido. (ibidem, p.31-2)

Sérgio e seu pai foram recebidos para um jantar na casa do diretor, antes do ingresso do menino no Ateneu. O garoto estremeceu, quando o diretor lhe afagou a cabeça e falou com ele.

“Como se chama o amiguinho?” – perguntou-me o diretor. “Sérgio...” – dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o “seu criado” da estrita cortesia. “Pois meu caro sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora esses cachinhos...” Eu tinha os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente salgado de censura... (ibidem, p.43)

Podemos observar aqui a primeira indicação de uma mudança na aparência pessoal daquele que vai ser internado no estabelecimento escolar. O corte de cabelos de Sérgio é o símbolo das transformações pelas quais vai passar, ao deixar o ambiente doméstico. “É a infância que ali fica, nos cabelos louros...”, comenta Ema, esposa de Aristarco, colhendo os cabelos do menino entre os dedos e sugerindo que ele os oferecesse à sua mãe como recordação (*ibidem*, p.44).

### **O primeiro dia no internato**

Sérgio ingressou no colégio interno voluntariamente e pleno de expectativas otimistas. Depois dos acertos na secretaria, ao menino foi designado um lugar no dormitório dos médios; havia também dormitórios para os menores e para os grandes, todos coletivos. As roupas de Sérgio foram guardadas na “rouparia”, na gaveta que lhe foi indicada, de número 54.

Quando meu pai saiu, vieram-me lágrimas, que eu tolhi a tempo de ser forte. Subi ao salão azul, dormitório dos médios onde estava minha cama; mudei de roupa, levei a farda ao número 54 do depósito geral, meu número. Não tive coragem de afrontar o recreio. Via de longe os colegas, poucos àquela hora, passeando em grupos, conversando amigavelmente, sem animação, impressionados ainda com as recordações de casa; hesitava em ir ter com eles, embaraçado da estreia das calças longas, como um exagero cômico, e da sensação de nudez à nuca, que o corte recente dos cabelos desabrigara em escândalo. (*ibidem*, p.49)

Um dos inspetores o animou a entrar em contato com os outros meninos. Observamos que, uma vez no internato, o menino se distanciou e procurou permanecer fora de contato com os demais, numa estratégia exploratória de conhecimento da nova realidade. Podemos especular que se tratava de uma criança tímida, pouco desenvolvida para seus onze anos (*ibidem*, p.43), bonita e evasiva,

mais propensa para o medo do que para a assertividade. Sérgio foi solicitado pelos colegas internados a sair desse anonimato e ausência, implicando-se na interação social convencional na comunidade escolar. Quando Sérgio aceitou sua nova posição de internado, começou a passar por um processo que é comum a toda uma classe de estabelecimentos segregadores – cadeias, conventos, mosteiros, campos de concentração ou de trabalho forçado etc. – nos quais o indivíduo passa um longo período de sua vida confinado no estabelecimento e vive rotineiramente sob a disciplina e vigilância de uma equipe dirigente, na companhia de um grupo de companheiros que possuem igual *status* institucional (Goffman, 1987).

O novato no estabelecimento começa a perceber que está despojado de muitas de suas defesas, satisfações, afirmações e apoios costumeiros. Agora, ele está sujeito a um conjunto relativamente completo de experiências de mortificações (Goffman, 1987, p.24): restrição do movimento livre para ir e vir, vida comunitária compulsória, autoridade difusa de toda uma escala de pessoas etc.

Na sua primeira aula no internato (Pompéia, 1997, p.49), Sérgio foi apresentado pelo professor Mânlio aos seus colegas, sendo recomendado a um aluno mais velho e sério da turma, o Rebelo, aluno estudioso, atento e que usava óculos por causa de dificuldades visuais. O autor descreveu seus companheiros de classe (*ibidem*, p.49-51) de modo irônico e sarcástico, ressaltando os defeitos dos colegas, de uma perspectiva pessoal, nitidamente elitista.

Entretinha-me a espiar os companheiros, quando o professor pronunciou o meu nome. Fiquei tão pálido que Mânlio perguntou-me, brando, se queria ir à pedra. Precisava examinar-me. De pé, vexadíssimo, senti abrumar-me a vista, numa fumaça de vertigem... (*ibidem*, p.51)

Sérgio desmaiou, sentindo-se sob o olhar dos colegas. O menino despertou na rouparia, sob os cuidados de Rebelo: “Rebelo retirou-se e eu, em camisa, acabrunhado, amargando o meu desastre, enquanto o roupeiro procurava o gavetão 54, fiquei a considerar a

diferença daquela situação para o ideal de cavalaria com que sonhara assombrar o Ateneu” (ibidem, p.51).

Ainda na rouparia, Sérgio se entretteve com um folheto pornográfico, que devia pertencer ao roupeiro. Mais uma decepção e ao mesmo tempo um símbolo dos aspectos eróticos da vida íntima do internado, com os quais logo Sérgio iria se enfrentar (ibidem, p.52).

Ao sair para o pátio, Sérgio conversou com Rebelo que lhe descreveu os colegas do internato, carregando nas tintas e apresentando-os negativamente. Sérgio foi perseguido por alguns de seus colegas de internato (ibidem, p.54), que o provocaram ostensivamente e o obrigaram a reagir e revidar com violência. Isso pode ser entendido como uma tentativa, por parte dos veteranos, de obter a cooperação inicial do novato, de tentar submetê-lo com o objetivo de se aproveitarem dele posteriormente. “Faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se” – havia lhe recomendado outro colega, o Rebelo (um autêntico convertido, que assume em sua fala, o discurso oficial da escola) – “Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores” (ibidem, p.54).

Quando Rebelo foi para a aula, Sérgio viu-se sozinho. Ele permaneceu na órbita de um dos inspetores que “fiscalizava o recreio, graduando a folgança...um pouco além da cadeira do Silvino, fiquei a salvo” (ibidem, p.55). Os recém-chegados eram chamados de calouros ou novatos, e segundo Sérgio, “eram os pobres novatos que os veteranos sovavam à cacholeta, fraternalmente” (ibidem, p.56) durante os recreios coletivos onde todos se misturavam. Vemos que depois da admissão oficial, Sérgio passou a ficar exposto aos usuais processos de mortificação do “eu” que Goffman (1987, p.24ss.) descreve com clareza. Sérgio procurou se aproximar de Franco, bode expiatório do colégio, que estava de castigo novamente, mas este não lhe deu atenção.

Provocado por Barbalho, um colega de internato que o perseguiu durante este dia, Sérgio acabou tendo uma briga com ele.

Foi à noite, pouco antes da ceia. Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase a sós. O biltre reconheceu-me e arregala-

nhou uma inexprimível interjeição de mofa. Não esperei por mais. Estampeí-lhe uma bofetada. Meio segundo depois, rolávamos na poeira, engalfinhados como feras. Uma luta rápida. Avisaram-nos que vinha o Silvino. Barbalho evadiu-se. Eu verifiquei que tinha o peito da blusa coberto de sangue que me corria do nariz. Uma hora mais tarde, na cama de ferro do salão azul, compenetrado da tristeza de hospital dos dormitórios, fundos na sombra do gás mortíço, trincando a colcha branca, eu meditava o retrospecto do meu dia. (Pompéia, 1997, p.57)

Sérgio, decepcionado, meditou sobre o contraste entre suas aspirações ideais iniciais e a realidade do internato de que tivera uma amostra em seu primeiro dia. Era assim selvagem e cruel o colégio. Sérgio ficou sozinho e se sentiu abandonado, uma vez perdidas as ilusões idealizadas da vida nova no internato.

[...] Era o ermo. E, na solidão, conspiradas as adversidades de toda a espécie, falsidade traiçoeira dos afetos, perseguição da malevolência, espionagem da vigilância; por cima de tudo, céu de trovão sobre os desalentos, a fúria tonante de Júpiter-diretor, o tremendo Aristarco dos momentos graves. (ibidem, p.58)

Sérgio chorou sua solidão, abandono e tristeza, mergulhando na mais completa anomia.

## **Estratégias adaptativas**

O internado precisa se adaptar aos processos de admissão, mortificação e ao sistema de privilégios da vida institucional (Goffman, 1987). Tal adaptação pode produzir-se de diferentes modos e o internado empregará diversas táticas adaptativas em distintos momentos de sua “carreira moral”, podendo também alternar entre várias estratégias ao mesmo tempo.

Goffman (1987, p.59ss.) descreve diversas estratégias de adaptação do indivíduo às condições ambientais da instituição total:

afastamento da realidade, no qual o internado se abstém mediante graus variados de não participação em acontecimentos e interações; intransigência, em que o internado desafia intencionalmente o estabelecimento, ao negar-se de modo visível a cooperar com a equipe dirigente (a rebeldia costuma ser uma forma de reação inicial e temporária, depois o internado se utiliza de outras táticas adaptativas); colonização, onde o indivíduo se adapta de tal modo ao estabelecimento, que nele acaba por encontrar um lar, acreditando e sentindo que vive no melhor dos mundos e nunca teve nada melhor antes, usufruindo o máximo possível do que lhe propicia a vida institucional; conversão, na qual o internado parece aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente e procura representar o papel do internado perfeito (o convertido aceita uma tática disciplinada, moralista e monocromática, apresentando-se como alguém cujo entusiasmo pelo estabelecimento está sempre à disposição da equipe dirigente); “se virar”: quando as táticas anteriores representam comportamentos coerentes que podem ser seguidos, mas os internados não perseveram nelas por muito tempo. Eles acabam “se virando” e utilizam um “jogo de cintura”, ou seja, uma combinação oportunista de ajustamentos secundários, conversão, colonização e lealdade aos colegas, de modo a obter, dentro da situação específica, uma possibilidade máxima de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos.

Um incidente na piscina onde os alunos internados tomavam banho (Pompéia, 1997, p.59) conduziu Sérgio a uma de suas estratégias adaptativas. Um internado maior que Sérgio arrasta-o para a parte funda da piscina, sem ser visto, criando um pretexto para salvar o garoto e se aproximar dele, numa estratégia nitidamente perversa, com a qual infunde medo e pavor e depois se oferece como salvador. O estrategema funcionou e Sérgio ficou amigo íntimo de Sanches, que o salvara.

A partir dessa fase introdutória de “aclimatação”, como diz o próprio autor, podemos observar o desenrolar da “carreira moral” do menino Sérgio: depois de um esforço inicial para ser bom estudante, ele passa por uma experiência de sedução, cai na vadiagem e, por fim, é publicamente humilhado pelo diretor por suas más

notas. “Já me era lícito julgar iniciado na convivência íntima da escola... estava aclimado, mas eu me aclimara pelo desalento, como um encarcerado no seu cárcere” (ibidem, p.62). Sérgio se sentiu desanimado, privado dos seus ideais ingênuos e acovardado. Esquece-se do alerta de Rebelo e desejou um protetor que o ajudasse naquele meio hostil. Sérgio se deixou namorar pelo vigilante, buscando proteção e um auxílio nos estudos.

[...] Pouco a pouco me ia invadindo a efeminação mórbida das escolas... sentia-me possuído de uma certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor impróprio do caráter masculino. Convencido de que a campanha do estudo e da energia moral não era precisamente uma cavalgada cotidiana, animada pelo clarim da retórica, como nas festas, e pelo verso enfático dos hinos, entristeceu-me a realidade crua. Desiludi-me dos bastidores da gloriosa parada, vendo-a pelo avesso. Nem todos os dias do militarismo enfeitam-se com a animação dos assaltos e das voltas triunfais; desmoralizava-me o ranram estagnado da paz das casernas, o prosaísmo elementar da faxina. (ibidem, p.63)

A situação psicológica de Sérgio era de desamparo, medo e receio, diante da agressiva realidade do Ateneu. “O braço de Sanches vinha assim salvar-me, segunda vez, de submersão, acudindo na vertigem do momento” (ibidem, p.63). “Descrente da fraternidade do colégio, cuja personificação representava-me o Barbalho, eu temia o alvoroço do recreio. Conservar-me na sala das lições era uma medida de prudência” (ibidem, p.67).

Sanches se tornou o protetor de Sérgio e o ajudou com os estudos, mas suas intenções sexuais a respeito do menino foram num crescendo dos gestos e proximidade física (ibidem, p.68). Sérgio “deixava tudo, fingindo-me insensível” (ibidem, p.68). Queria romper com o outro, mas não tinha coragem. Sérgio não via mal no comportamento do outro e, embora não gostasse daquela proximidade viscosa, não se manifestava com clareza. O outro, diante desse silêncio tácito, deveria se sentir mais estimulado.

Às vezes a minha resistência passiva desapontava o preceptor. Ele encarava-me terrível, e como quem diz: “perde a proteção de um vigilante!”, ou disfarçava a impertinência em riso amarelo, numa abstrata expressão de fisionomia, que era aliás o facies de uma ideia fixa. (ibidem, p.69)

Até que Sanches lhe fez uma proposta aberta, balbuciando-lhe uma pergunta. Sérgio decepcionou o pretendente por sua inocência e o vigilante se afastou, frio. Diante da ingenuidade do menino, Sanches se dedicou a prestar-lhe, sem ser solicitado, esclarecimentos sobre “as coisas da vida” para as quais o seu protegido era inocente. Era mais uma estratégia sedutora, como quem prepara o terreno e semeia, para uma futura colheita.

Eu me sentia amesquinhado sob o peso das revelações. Causava terror aquela sabedoria de coisas nunca sonhadas. O honrado diretor espiritual percebeu que havia agora um ascendente de domínio que me curvava. (Sanches) olhava-me então de frente e tinha ousados risos de malícia. Depois de dias de reserva, chegou-se de novo com uma segurança de possuidor forte. (ibidem, p.71)

Estavam sempre juntos, Sanches e Sérgio, com o pretexto de estudar. Sanches passeava com o menino por lugares pouco iluminados, abraçando-o e tocando-o nervosamente. Sérgio suportava o comportamento do outro, num deplorável estado de energia. “Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza, que definira Rebelo” (ibidem, p.71). O outro, estimulado pela aparente entrega e assentimento tácito do pupilo, voltou à carga e fez-lhe nova proposta. Sérgio reagiu com asco e evadiu-se, rompendo com seu protetor, perdendo o amigo, o explicador e o vigilante.

Sanches, auxiliar responsável por supervisionar a turma de Sérgio, membro da equipe de vigilantes nomeados por Aristarco, retalia ao ser rechaçado, perseguindo o menino, que fracassou num exame e foi desmoralizado com repreensão solene, para grande regozijo do



despeitado pretendente (ibidem, p.72). Sérgio decidiu então vadiar, chegando a ponto de ficar excluído de qualquer qualificação decente, até tornar-se o último da classe. A vadiagem de Sérgio pode ser entendida como uma estratégia de rebeldia passiva em um novo estilo de adaptação. “Fui o último da aula! Resultado razoável, para emprego de uma energiazinha que despontava” (ibidem, p.72).

O menino ficou solitário e calado, não ousando se aproximar de nenhum outro colega depois da experiência com Sanches. Este,

[...] rancoroso, perseguia-me como um demônio. Dizia coisas imundas. “Deixa estar, jurava entre dentes, que ainda hei de tirar-te a vergonha”. Na qualidade de vigilante, levava-me brutalmente à espada. Eu tinha as pernas roxas de golpes; as canelas me incharam. (ibidem, p.77)

Sérgio fazia alguns esforços para reerguer-se e ninguém percebia, diante do que o menino foi se resignando, insensível, no seu desmoronamento. Passou então, a alimentar a fantasia de martírio: seu sofrimento o tornaria um santo (ibidem, p.74). Reagindo à tentativa de aliciamento pelo vigilante Sanches, desiludido dos ideais de trabalho e fraternidade que esperava encontrar no colégio, Sérgio mergulha numa fase religiosa e mística: “Perdido o ideal cenográfico de trabalho e fraternidade, que eu quisera que fosse a escola, tinha que soltar para outras bandas os pombos da imaginação. Viveiro seguro era o céu. Ficava-me a vendagem da eterna felicidade, que não se contava” (ibidem, p.74).

Sérgio era devoto de Santa Rosália (ibidem, p.78) e desfrutava dos momentos de oração e cânticos religiosos que os alunos eram obrigados a entoar no colégio, sobretudo no mês de maio (ibidem, p.80-2), que era dedicado à Virgem Maria. Mas o menino não admitia confissão, nem a comunhão, estranhava o exagero do culto público e tinha antipatia pelos “homens de batina”. Seu misticismo era um sentimento privado. Uma forma de racionalizar, justificar e elaborar os sofrimentos aos quais estava exposto no ambiente do colégio interno.

Todos os dias, no café da manhã, o diretor do Ateneu comentava em voz alta o desempenho acadêmico de cada aluno. Quando Sérgio foi chamado por Aristarco, durante a leitura do livro de notas, devido ao seu fracasso nos exames, “a congregação justiceira dos colegas voltou-se para mim, contra mim. Os vizinhos de lugar à mesa se afastaram dos dois lados, para que eu melhor fosse visto” (ibidem, p.76). O menino tremia, mas na primeira vez, o diretor foi clemente. Vieram, porém, as reincidências.

[...] Aristarco não perdoou mais. Houve ainda terceira, quarta, por diante. Cada uma delas doía-me intensamente; contudo não me indignavam. Aquele sofrimento eu o desejava, na humildade devota da minha disposição atual. Chorava à noite, em segredo, no dormitório; mas colhia as lágrimas numa taça, como fazem os mártires das estampas bentas, e oferecia ao céu, em remissão dos meus pobres pecados, com as notas más boiando. (ibidem, p.77)

Um segundo momento nessa etapa religiosa de Sérgio foi bastante desagradável, centrado nos aspectos mais ameaçadores da doutrina cristã: “Iniciara-me Sanches no Mal: Barreto instrui-me na Punição. Abria a boca e mostrava uma caldeira do inferno; as palavras eram chamas; ao calor daquelas práticas, as culpas ardiam como sardinhas em freges” (ibidem, p.94). Sérgio começou a achar a religião “de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso; nada mais negro!” (ibidem, p.95). Seu fervor religioso começou a declinar.

O período místico de Sérgio terminou depois de uma aventura, uma autêntica embrulhada na qual ele se meteu com Franco, de quem se tornara muito próximo. Este queria se vingar das muitas humilhações que sofria por parte de todos e decidiu espalhar cacos de vidro na piscina da “natação”. O remorso e a culpa transtornaram Sérgio e ele acabou adormecendo na capela, rezando em angústia, incapaz de delatar o colega. Nada aconteceu de grave, felizmente (ibidem, p.86-92). Sérgio resolveu mudar de atitude e sair do marasmo em que se afundava, abandonando o período de

vadiação profunda e amolecimento hipnótico nos quais o mergulhou a atmosfera do Ateneu, suavizada apenas pela sua devoção religiosa. Quis se fazer independente. Pensamos que Sérgio se utilizou inicialmente da tática do afastamento da situação, como um modo de adaptação, depois do choque inicial. Ele se deixou levar pela corrente. Num segundo momento, resolveu reagir e passou a adotar uma postura mais intransigente e rebelde, mudando de estratégia. Sérgio passou para uma rebeldia ativa e solitária. Sérgio se deu conta de que chegou ao fundo do poço, ficou perplexo e buscou um modelo entre os colegas, com o qual se pudesse identificar.

O triunfo da escola poderia ser o Sanches; em compensação, humildade vencida era o Franco. Entre os dois extremos repugnantes, revelavam-se três amostras típicas à linha do bem-viver: Rebelo, um ancião; Ribas, um angélico; Mata, o corcunda, um polícia secreta. Para angélico decididamente não tinha jeito, estava provado, nem omoplatas magras; para ancião, não tinha idade, nem óculos azuis, nem mau hálito; para ser o Mata, faltava-me justo o caráter e a corcova... Onde estava o dever?... (ibidem, p.92)

Quando foi visitar a família, Sérgio informou a seu pai tudo o que estava vivendo no colégio, relatou-lhe suas dificuldades, procurando obter ajuda para reagir. O menino obteve sucesso total em sua entrevista com o pai. Essa reação de Sérgio vem lembrar ao estabelecimento que ele deve considerar o *status* e relações sociais do internado no mundo externo: o estabelecimento deve respeitar alguns dos direitos do internado enquanto pessoa. Nesse caso, os parentes de Sérgio lembram à equipe dirigente suas obrigações quanto a padrões humanitários e direitos do indivíduo. O próprio estudante desempenha bem esse papel.

Dias depois, no colégio, eu era um pequeno potentado. Derrubei o Sanches; consegui revogação da disciplina das espadas; reconquistei a benevolência de Mânlio (o professor); levantei a cerviz! Desembaraçado do arbítrio pretensioso de um vigilante, o trabalho

agradou-me. [...] Com uma palavra fez-se um anarquista. Daí por diante era fatal o conflito entre a independência e a autoridade. Aristarco tinha de roer. Em compensação, adeus esperanças de ser um dia vigilante! Adeus indolência feliz dos tempos beatos. (ibidem, p.98)

Sérgio estabeleceu para si um novo programa, pautado pela “razoável mediocridade sem compromissos”, desprezando com vaidade prêmios, aplausos, não quis se tornar exemplar nem pagar o preço de se tornar um aluno modelo. Os superiores desenvolveram uma antipatia pelo menino e “invejosos da minha altivez, os inimigos fizeram partido. Sanches era o chefe, na cortina: Barbalho era o líder abertamente. Eu sorria vaidoso, levando de vencida a guerreira, como a espuma à proa de um barco” (ibidem, p.99). Esse foi o caráter que Sérgio procurou manter, depois de algumas oscilações em sua carreira moral. Podemos dizer que ele assumiu uma estratégia de adaptação que consistia numa certa intransigência irônica e na “viração”, procurando combinar de modo oportunista várias estratégias e “jogo de cintura” para evitar sofrimentos e usufruir o possível da vida no estabelecimento.

## **A sexualidade no contexto institucional**

Na etapa seguinte de sua carreira moral, Sérgio assumiu gentilmente o papel de namorada platônica de Bento Alves e se deixou cortejar, necessitado da proteção de um companheiro forte no ambiente hostil do Ateneu.

Bento Alves era um misterioso. Mistérios são no colégio os que não andam a atravancar o espaço com as gatimanhas das suas expansões. Frequentava as aulas superiores; sem que fosse um estudante de rumoroso mérito, fazia-se respeitar dos mestres e condiscípulos. Sisudo como certos rapazes de inteligência menor que se arreceiam do ridículo, não somente pela sisudez impunha-se ao respeito. Consideravam-no principalmente pela nomeada de hercúleo. Os fortes constituem realmente uma fidalguia de privilégios

no internato. No tumulto da existência em comum, fundem-se as distinções de classe na democracia do coleguismo; as cambiantes de fortuna apagam-se no figurino geral das blusas pardas. Os títulos de superioridade prevalecem primitivamente no critério semibárbaro dos verdes anos; o punho válido chega a fazer vantagem sobre a própria vantagem do favoritismo. (ibidem, p.108)

Alves não alardeava de forte; evitava disputas, não jogava o pulso, preferia exercitar-se à ginástica sem espectadores. Às vezes, por brinquedo, cingia o braço a um colega entre o polegar e o médio e fechava-lhe sob a manga um bracelete roxo dolorido. Aqueles que se sujeitavam ao formidável ensaio de tatuagem por compressão acercavam-se daí por diante de Bento Alves com os escrúpulos da mais reservada prudência (ibidem, p.108-9).

Entretanto era mole, da preguiça monumental dos animais pujantes. Veloz, detestava a carreira; alegre, fugia aos folguedos. Gostava do seu sossego; desviava os incômodos da convivência distribuída, transbordante dos estimados. Não se falava dele no Ateneu. Limitavam-se a temê-lo em silêncio. (ibidem, p.109)

A amizade de Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque podia me valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar, esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. Aquela timidez, em vez de alertar, enternecia-me, a mim que, aliás, devia estar prevenido contra escaldos de água fria. Interessante é que vago elemento material havia nesta afeição de criança, tal qual se nota em amor, prazer no contato fortuito, de um aperto de mãos, da emanação da roupa, como se absorvêssemos um pouco do objeto simpático. (ibidem, p.116)

Na biblioteca, Bento Alves escolhia-me as obras: imaginava as que me podiam interessar; e propunha a compra, ou as comprava e oferecia ao Grêmio, para dispensar-se de mas dar diretamente. No recreio não andávamos juntos; mas eu via de longe o amigo, atento, seguindo-me o seu olhar como um cão de guarda. Soube depois que ameaçava torcer o pescoço a quem pensasse apenas em me ofender; seu irmão adotivo! confirmava. Eu, que desde muito assumira entre os colegas um belo ar de impávida altania, modificava-me com o amigo, e me sentia bem na submissão voluntária, como se fosse artificial a bravura, a maneira da conhecida petulância feminina. (ibidem, p.117)

Bento Alves desenvolveu e manteve com Sérgio uma relação amorosa platônica e repleta de cuidados do mais velho com o mais jovem.

No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. Não havia regalo, dessas mesquinhas coisas de preço enorme na carestia perpétua da prisão escolar, de que não se privasse o Alves, em meu proveito, desesperando-se, a fazer pena, se eu tentasse recusar. À conversa, falava da família no Rio Grande do Sul; tinha duas irmãs; falava delas, do tempo passado que não as via, muito claras, de belos olhos, uma de quinze anos, outra de doze; ele tinha dezoito. Falava de cuidados higiênicos meus, mudar de cama no salão azul, que estava muito perto das janelas e isto havia de ser nocivo... Outras ninharias, em tom de sentida brandura, como se desejasse decrescer das proporções sólidas de sua conformação para reduzir-se à exiguidade balbuciante de uma carcaçazinha de avó, minguada de velhice, animada ainda e apenas pela febre do último alento, pela necessidade de carregar ainda alguns dias um coração, um afeto. (ibidem, p.117-18)

O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva,

inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramallete. Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. Que devia fazer uma namorada? Acariciei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem. (ibidem, p.131)

Os inimigos de Sérgio, Barbalho e seu grupo não estavam alheios ao que se passava. O romance secreto de Sérgio e Bento Alves certamente não passava despercebido aos olhos dos colegas internados, sobretudo dos inimigos que não dormem. À aversão desse grupo a Sérgio, juntou-se a inveja ao Bento Alves, que se tornou herói no Ateneu ao render um dos empregados da casa que cometeu um assassinato (ibidem, p.102-3).

Mas o Barbalho espiava, ultimamente constituído fiscal oculto dos meus passos. As circunstâncias o tinham aproximado do Malheiro, e o açafroado caolho pretendia manejar a rivalidade dos dois maiores: um conflito entre Malheiro e Bento poderia ser a vergonha para mim. (ibidem, p.131)

Malheiro passou a perseguir Sérgio, infernizando-o com provocações e insinuações.

Queria incomodar o Alves, mortificando-me, julgando que me queixasse. Eu devorava as afrontas do marmanjo sem descobrir o meio de tirar correta desforra. Depois de incitar o Malheiro contra mim, incitou o Bento contra o Malheiro. Procurou-o misteriosamente e informou: “O Malheiro não passa pelo Sérgio sem que pergunte quando é o casamento... é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas. O Sérgio está desesperado”. O furor

do Alves não se descreve, furor poderoso dos calados. Uma onda de apoplexia ruborizou-lhe as faces. Por um único movimento de indignação contraiu os dedos, como se estrangulando. Procurou o Malheiro e com a voz talvez alterada, mas sem ódio, fez intimação: “Amanhã é a sessão de encerramento; em meio da festa saímos ambos; preciso falar-lhe das bodas.” Malheiro percebeu: era o sonhado encontro! (ibidem, p.131-2)

No momento marcado, quando ambos saíram do auditório, Sérgio adivinhou o que acontecia. Terminadas as atividades acadêmicas, Sérgio saiu para o pátio e recebeu uma carta do Alves: “Estou preso; antes que te digam que por alguma indignidade, previno: por ter dado uma lição ao Malheiro” (ibidem, p.132).

Enquanto Alves e Malheiro lutavam, Barbalho foi denunciá-los ao diretor e no fim da luta, Bento Alves foi surpreendido com uma ordem de prisão do diretor. Os dois contendores recusaram-se a dar explicações. “Não denunciar nunca é preceito sagrado de lealdade no colégio” (ibidem, p.132). Malheiro apanhou bastante.

Sérgio foi ver o amigo na prisão.

Por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romanceiras, montando guarda de suspiros à janela gradeada de um cárcere onde se deixava deter o gentil cavalheiro, para o fim único de propor assunto às trovas e aos trovadores medievos. (ibidem, p.132)

O tempo passou no internato. “Bento Alves, depois de assegurar que unicamente por mim se havia sujeitado à humilhação que sofrera, andava propositalmente arredio” (ibidem, p.139). Mais tarde, os dois amigos voltaram ao antigo relacionamento.

As simpatias do excelente companheiro não tinham diminuído. Durante as férias, fora ver-me em casa, travando relações com a minha família. Fui recomendado insistentemente ao amigo, que



me valesse, nas dificuldades da vida colegial, contra o constante perigo da camaradagem perniciosa. Durante o mês de janeiro não nos vimos. Por ocasião da abertura das aulas, notei-lhe um calor novo na amizade, sem efusões como dantes, mas evidentemente testemunhado por tremores da mão ao apertar a minha, embaraços na voz de amoroso errado, bisonho desviar dos olhos, denunciando a relutância de movimentos secretos e impetuosos. Às vezes mesmo, um reflexo assustador de loucura acentuava-se-lhe nos traços. (ibidem, p.162)

Interessava-me aquela agonia comprimida. Estranha coisa, a amizade que, em vez da aproximação franca dos amigos, podia assim produzir a incerteza do mal-estar, uma situação prolongada de vexame, como se a convivência fosse um sacrifício e o sacrifício uma necessidade. (ibidem, p.162)

Durante os primeiros dias do ano, poucos alunos chegados, ficávamos horas inteiras em companhia. Trouxera-me um presente de livros, com dedicatória a cores, de bela caligrafia, inscritas em rosas entrelaçadas de cromo. Recordo-me também de um dulcíssimo cofre dourado de pastilhas e outras ridicularias de amabilidade que me oferecia, passado de vergonha pela insignificância do obséquio. Confusamente, ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica a ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço de gravata dele, com mecha de cabelos que lhe fazia cócegas aos olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir, desesperado de não perceber. Uma das irmãs casara no Rio Grande; ele mostrou-me o retrato do noivo, um par de bigodes negros descaídos, com a noiva, um rosto oval correto e puro, o turbilhão nevoento dos véus. Deu-me um botão de flor de laranjeira que tinham remetido. (ibidem, p.162)

As coisas corriam assim, serenas, quando, não mais que de repente, houve uma mudança radical. Bento Alves inexplicavelmente atacou Sérgio e lutou com ele, num desvairamento completo.

Espancado pelo amigo irreconhecível e forte, Sérgio defendeu-se como pôde, atacando-o com um sapato velho (*ibidem*, p.163).

Aristarco surpreendeu a briga e Bento Alves retirou-se. O diretor exigiu explicações de Sérgio que lhe respondeu com violência. Aristarco enfureceu-se e suspendeu o rapaz pela roupa ameaçando-o e exigindo explicações. Sérgio agarrou-lhe os bigodes, aturdido, esperneando, contorcendo-se, sem observar as “conveniências do respeito”. Aristarco soltou o rapaz, escandalizado, sentindo-se ultrajado por ter sido agarrado pelos bigodes: “Criança! Feriste um velho!... Ah! Meu filho, ferir a um mestre é como ferir ao próprio pai e os parricidas serão malditos” (*ibidem*, p.163-4).

O tom comovido deste final inesperado impressionou-me até o íntimo da alma. Estava vencido. Fiquei por um minuto horrorizado de mim mesmo. De volta do atordoamento, achei-me só no corredor. A saída dramática do diretor aumentou-me ainda os remorsos. Houve uma reação de esforço moral e desatei nervosamente em pranto, chorei a valer, amparando-me ao peitoril de uma janela. Contava certo com um castigo excepcional, uma cominação qualquer do célebre código do arbítrio, em artigo cujo grau mínimo fosse a expulsão solene. (*ibidem*, p.164)

Sérgio esperou alguns dias pelo castigo que não veio.

[...] Bento Alves despedira-se do Ateneu na mesma tarde do extraordinário desvario. Acreditei algum tempo que a minha impunidade era um caso especial do afamado sistema das punições morais e que Aristarco delegara ao abutre da minha consciência o encargo da sua justiça e desafronta. (*ibidem*, p.164)

Depois, Sérgio concluiu que não compensava para o diretor perder duas mensalidades de uma só vez, além do que o incidente, embora desagradável, não teve testemunhas. “O caso morreu em segredo de discrição, encontrando-nos eu e o diretor num conchavo bilateral de reserva, como se nada houvesse” (*ibidem*, p.164).

## Sérgio no secundário

Ao passar para o secundário, Sérgio faz um balanço do seu tempo e experiência de internação no colégio, refletindo sobre sua ingenuidade infantil inicial e todas as suas decepções posteriores. O colégio passa definitivamente a representar um cárcere para o adolescente. Agora ele já era um veterano no Ateneu e conhece bem os meandros da vida no estabelecimento escolar. Inicia-se uma nova etapa em sua carreira moral. O tempo da novidade foi seguido pelo da desilusão e do sofrimento. À continuação, veio a resignação cética.

Depois dos exames primários (ibidem, p.146-8), enquanto esperava com os colegas a leitura da lista dos aprovados, Sérgio contempla os quadros de alto relevo nos quais, representando as artes e indústrias, meninos nus feitos de gesso dançam em roda fraternal. Sérgio refletiu.

Senti-me velho. Que longa viagem de desenganos! Alguns meses apenas, desde que vira, à primeira vez, as ideais crianças vivificadas no estuque pelo contágio do entusiasmo ingênuo, ronda feliz do trabalho... Agora, um por um que os interpretasse, aos pequenos hipócritas mostrando as nádegas brancas com um reverso igual de candura, um por um que os julgasse, e todo aquele gesso das facezinhas rechonchudas coraria de uma sanção geral e esfoladora de palmadas. Não me enganavam mais os pequeninos patifes. Eram infantis, alegres, francos, bons, imaculados, saudáveis dos primeiros anos, tempos da escola que não voltam mais!... E mentiam todos!... Cada rosto amável daquela infância era a máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição. Vestia-se ali de pureza a malícia corruptora, a ambição grosseira, a intriga, a bajulação, a covardia, a inveja, a sensualidade brejeira das criaturas eróticas, a desconfiança selvagem da incapacidade, a emulação deprimida do despeito, a impotência, o colégio, barbaria de humanidade incipiente, sob o fetichismo do Mestre, confederação de instintos em evidência, paixões, fraquezas, vergonhas que a sociedade exagera e

complica em proporção de escala, respeitando o tipo embrionário, caracterizando a hora presente, tão desagradável para nós, que só vemos azul o passado, porque é ilusão e distância. (ibidem, p.148)

No ano seguinte, o Ateneu revelou-se noutro aspecto. Conheceram-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando curiosidade e receio; conhecera-o sípido e banal como os mistérios resolvidos, caídos de tédio; conhecia-o agora intolerável como um cárcere, murado de desejos e privações. (ibidem, p.151)

Depois das férias, quando estive em contato com a vida social corrente, aumenta sua consciência dos limites da vida no internato escolar.

Comecei a penetrar a realidade exterior como palpava a verdade da existência no colégio. Desesperava-me então ver-me duplamente algemado à contingência de ser irremissivelmente pequeno e ainda colegial. Colegial, quase calceta! marcado com um número, escravo dos limites da casa e do despotismo da administração. (ibidem, p.152)

Sérgio inicia uma nova amizade na sua fase de colegial. Egbert é seu novo amigo. “Adquirira-o com a transição para as aulas secundárias, onde o encontrei com outros adiantados. Vizinhos de banco, compreendemo-nos, mutuamente simpáticos, como se um propósito secreto de coisa necessária tivesse guiado o acaso da colocação” (ibidem, p.169).

Conheci pela primeira vez a amizade. A insignificância cotidiana da vida escolar, em que a gente se aborrece, é favorável ao desenvolvimento de inclinações mais sérias que as de simples conveniência menineira. O aborrecimento é um feitio da ociosidade, e da mãe proverbial dos vícios gera-se também o vício de sentir. (ibidem, p.169)

A convivência do Sanches fora apenas como o afeiçoamento aglutinante de um sinapismo, intolerável e colado, espécie de escravidão preguiçosa da inexperiência e temor; a amizade de Bento Alves fora verdadeira, mas do meu lado havia apenas gratidão, preito à força, comodidade da sujeição voluntária, vaidade feminina de dominar pela fraqueza, todos os elementos de uma forma passiva de afeto, em que o dispêndio de energia é nulo, e o sentimento vive de descanso e de sono. Do Egbert, fui amigo. Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta. Fazíamos os temas de colaboração; permutávamos significados, ninguém ficava a dever. Entretanto, eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. Achava-me forte para querer bem e mostrar. Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho. (ibidem, p.169-70)

Tinha o rosto irregular, parecia-me formoso. De origem inglesa, tinha os cabelos castanhos entremeados de louro, uma alteração exótica na pronúncia, olhos azuis de estrias cinzentas, oblíquos, pálpebras negligentes, quase a fechar, que se rasgavam, entretanto, a momentos de conversa, em desenho gracioso e largo. (ibidem, p.170)

Vizinhos de dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia, era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração até a cor da pele e à correção das formas. Nadava como as toninhas. A água azul fugia-lhe diante em marulho, ou subia-lhe aos ombros, banhando de lustre de marfim polido a brancura do corpo. Dizia as lições com calma, dificilmente às vezes, embarcado por aspirações ansiosas de asfixia. Eu mais o prezava nos acessos doentios da angústia. Sonhava que ele tinha morrido, que deixara bruscamente o Ateneu; o sonho despertava-me em susto, e eu, com alívio, avistava-o tranquilo, na cama próxima, uma das mãos sob a face, compassando a respiração ciciante. No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas

de existência. Eu lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo. Vinham-me reminiscências dos exemplos históricos de amizade; a comparação pagava bem. (ibidem, p.170)

No campo dos exercícios, à tarde, passeávamos juntos, voltas sem fim, em palestra sem assunto, por frases soltas, estações de borboletas sobre as doçuras de um bem-estar mútuo, inexprimível. Falávamos baixo, bondosamente, como temendo espantar com a entonação mais alta, mais áspera, o favor de um gênio benigno que estendia sobre nós a amplidão invisível das asas. Amor unus erat. (ibidem, p.170-1)

Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele, ou ele nos meus. Calados, arrancávamos espiguilhas à grama. O prato era imenso, os extremos escapavam já na primeira solução de crepúsculo. Olhávamos para cima, para o céu. Que céu. Que céus de transparência e de luz! Ao alto, ao alto, demorava-se ainda, em cauda de ouro, uma lembrança do sol. A cúpula funda descortinava-se para as montanhas, diluição vasta, tenuíssima de arco-íris. Brandos reflexos de chama, depois, o belo azul de pano, depois a degeneração dos matizes para a melancolia noturna, prenunciada pela última zona de roxo doloroso. Quem nos dera ser aquelas aves, duas, que avistávamos na altura, amigas, declinando feliz a luz, em pleno dia ainda, quando na terra iam por tudo as sombras! (ibidem, p.171)

Os dois amigos liam muito em companhia, a solidão de Robinson Crusoe, a solidão e o sentimento de Paulo e Virgínia, enlevavam-se com a pastoral de Bernardin de Saint- Pierre, esboçavam poesias e romances ambientados na Idade Média.

Quando Sérgio ouviu o nome do amigo citado no “processo do caso Cândida”, investigação institucional de uma ocorrência de

homossexualidade entre os alunos (ibidem, p.160ss.), sofreu em silêncio o golpe e desesperou-se por não encontrar um meio de partilhar com Egbert a vergonha. Quando tudo passou e Egbert não sofreu maiores sanções, Sérgio reencontrou-o e não comentaram nem uma vez sequer o desagradável incidente, manifestando assim a solidariedade entre os internados (ibidem, p.173). Declamavam juntos o teatro clássico.

Um era Augusto, outro Cina; um Nearco, outro Poliúto; um Horácio, outro Curiácio, D. Diogo e o Cid, Joas e Joad, Nero e Burro, Filinto e Alceste, Tartufo e Cleanto. O arvoredo era um cenário deveras. Dialogávamos, com toda a força das encarnações dramáticas, a gravura cavalheiresca, o civismo romano, as apreensões de rei ameaçado, o heroísmo da fé, os arrufos da misantropia, as sinuosidades do hipócrita. Uma estátua de deusa anônima, de louça esfolada, verde de velhice, constituía o auditório, auditório atento fixamente, comedido, sem demasias de aplausos nem reprovação, mas constante e infatigável. (ibidem, p.175)

Para o desempenho de papéis femininos havia dificuldades; cada um queria a parte mais enérgica do recitativo. Tirava-se a sorte, e, segundo o acaso, um de nós ou o outro enfiava sem cerimônia as saias de qualquer dama e ia perfeita a toilette do sentimento; noivado de Chimène, desespero de Camila, luto de Paulina, ambição de Agripina, soberania de Ester, astúcia de Elmira, dubiedade de Celimene. Outro papel custoso de distribuir era o de Burro, papel honesto, entretanto, e altamente simpático. Ninguém o queria fazer, o virtuoso conselheiro de Nero. (ibidem, p.175)

Nesse idílio ia a amizade de Sérgio e Egbert, até que ambos foram premiados com um jantar na casa do diretor, por terem se distinguido nos estudos. No jantar, Sérgio fica deslumbrado com Ema, a esposa de Aristarco.

Uma atenção absorveu-me exclusiva e única. D. Ema reconheceu-me: era aquele pequeno das madeixas compridas! Conversou

muito comigo. Um fiapo branco pousava-me ao ombro do uniforme; a boa senhora tomou-o finamente entre os dedos, soltou-o e mostrou-me, sorrindo, o fio levíssimo a cair lentamente no ar calmo... Estava desenvolvido! Que diferença do que era há dois anos!... Miragem sedutora de branco, fartos cabelos negros colhidos para o alto com infinita graça, uma rosa nos cabelos, vermelha como são vermelhos os lábios e os corações, vermelha como um grito de triunfo. Nada mais. Ramalhetes à mesa, um caldo ardente, e sempre a obsessão adorável do branco e a rosa vermelha. Estava a meu lado, pertinho, deslumbrante, o vestuário de neve. Servia-me alguns pratos, muitas carícias; eu devorava as carícias. Não ousava erguer a vista. Uma vez ensaiei. Havia sobre mim dois olhos perturbadores, vertendo a noite... (ibidem, p.176)

Quando retornou ao Ateneu, Sérgio encontrava-se transformado: “De volta ao Ateneu, senti-me grande. Crescia-me o peito indefinivelmente, como se me estivesse a fazer homem por dilatação” (ibidem, p.176-7). A paixão por Ema modificou seu relacionamento com Egbert: “[...] olhava agora para Egbert como para uma recordação e para o dia de ontem. Daí começou a esfriar o entusiasmo de nossa fraternidade” (ibidem, p.177). Sérgio sonhava com sua amada (ibidem, p.181).

Que outra criatura era eu ao despertar! A aparição encantadora extinta; mas eu sofria da reação das trevas que sucede aos deslumbramentos. Continuava cordialmente com o Egbert. Parecia-me, entretanto, a sua amizade agora uma coisa insuficiente como se houvesse em mim uma selvageria amordaçada de afetos. Egbert parecia às vezes um intruso. Passeando com ele, que diferença de outrora! Produzia-me o efeito de uma terceira pessoa. Eu preferia andar só. (ibidem, p.181-2)

Sérgio foi submetido a novos exames escolares e promovido (ibidem, p.177-81). Também foi transferido para o dormitório dos maiores. “Esta mudança distanciava-me ainda mais do Egbert;



passamos a nos encontrar somente à tarde, no campo” (ibidem, p.182).

Nessa nova fase, Sérgio pouco se ocupava dos estudos e passava o tempo deitado preguiçosamente, manifestando aí sua estratégia adaptativa e ajustamento secundário: “Depois das aulas, subia para o dormitório, aproveitando-me do relaxamento da polícia do salão. O inspetor responsável era o Silvino. Receoso de uma represália dos grandes, o prudente bedel deixava andar” (ibidem, p.182). Com os internados maiores, a vigilância era obrigada a fazer concessões, medindo forças e usando de maior prudência, para evitar uma agressão que revidasse uma repressão exagerada.

Eu deitava-me preguiçoso, ouvindo a grita do pátio, como coisa absolutamente alheia à minha vida. Contava as tábuas do teto, porção de traços paralelos que se perdiam num reflexo de tinta. Às vezes lia narrativas de Dumas, que não distraíam. Em outras camas, deitados como eu, de cara para cima, cruzando os botins, alguns colegas fumavam, soprando, devagarinho, colunas de fumo que subiam, verticalmente, e rodavam azuis. A um canto, no fim do salão, jogavam três parceiros, bocejantes, acentuando sem entusiasmo as alternativas do azar como uma partida de sonâmbulos. Muitas vezes na modorra pesada da sesta, as costas aquecidas da posição, fechando-me os olhos, ao brilho do sol que adivinhava lá fora no terreiro abrasado, eu adormecia. À hora da aula ou do jantar, um companheiro puxava-me. (ibidem, p.182)

Estes intervalos de dormência sem sonho, sem ideias, sem definida cisma, eram o meu sossego. Pensar era impacientar-me. Que desejava eu? Sempre o desespero da reclusão colegial e da idade. Vinham-me crises nervosas de movimento, e eu cruzava de passos frenéticos o pátio, sôfrego, acelerando-me cada vez mais, como se quisesse passar adiante do tempo. Nem me interessavam as intrigas do salão. E que intrigas! Exatamente a substância do afamado mistério do chalé, dormitório coletivo dos maiores, objeto de ambição curiosa dos menores do internato. (ibidem, p.182)

Podemos observar uma espécie de moratória à qual o adolescente internado num colégio está submetido: seu aborrecimento, tédio, falta de sentido, desejo de que o tempo passe depressa e que ele cresça, para finalmente ser livre, adulto, capaz de exercer-se na vida.

### **Epílogo: a emergência do feminino na vida de Sérgio**

Depois da “solenidade da distribuição bienal dos prêmios” (ibidem, p.193-204), Sérgio caiu doente: “Logo depois da festa de educação física, que foi alguns dias depois da grande solenidade dos prêmios, eu adoecera. Sarampos, sem mais nem menos. Por motivo dos seus padecimentos, meu pai seguira para a Europa, levando a família. Eu ficara no Ateneu, confiado ao diretor, como a um correspondente” (ibidem, p.207).

Meia dúzia de rapazes eram meus companheiros. Que terrível soledade o Ateneu deserto. No pátio, o silêncio dormia ao sol, como um lagarto. Vagávamos, bocejando pelas salas desmontadas, despidas; as carteiras amontoadas num canto, na calça os pregos somente das cartas com alguns quadros restantes de máximas, por maior insipidez, os mais teimosos conselhos morais. Nos dormitórios, as camas desfeitas mostravam o esqueleto de ferro pintado, o xadrez das chapas cruzadas. Principiava um serviço vasto de lavagem, envernizagem, caiação; vieram pintores reformar os aspectos do edifício que se renovavam todos os anos. Os tristes reclusos das férias, ficávamos, no meio daquela restauração geral, como coisas antigas, do outro ano, como o deplorável inconveniente de se não poder cair de novo e pintar. (ibidem, p.207-8)

Sérgio sentiu-se fisicamente mal.

Assim passei alguns dias sem me queixar. Certa manhã, descobri no corpo um formigamento de pintinhas rubras. Aristarco fez-me recolher na enfermaria, um prolongamento de sua residência para os lados da natação. Veio o médico, o mesmo do Franco; não

me matou. D. Ema foi para mim o verdadeiro socorro. Sabia tanto zelar, animar, acariciar, que a própria agonia aos cuidados do seu trato fora uma ressurreição. (ibidem, p.208)

Sérgio ficou recluso na enfermaria enquanto se recuperava da doença, sob os cuidados maternos de Ema e seu amor por ela floresceu com intensidade.

A convivência cotidiana na solidão do aposento estabelecera a entranhada familiaridade dos casais. Ema afetava não ter mais para mim avarezas de colchete. “Sérgio, meu filhinho.” Dava-se os bons dias. Saía, voltava fresca, com o grande, vernal sorriso rorejado ainda do orvalho das ablusões. Rindo sem causa: da claridade feliz da manhã, de me ver forte, quase bom. Debruçava-se expansiva, resplendendo a formosura sobre mim, na gola do peignoir, como um derramamento de flores de uma cornucópia. Tomava-se a frente nas mãos, colava à dela; arredava-se um pouco e olhava-me de perto, bem dentro dos olhos, num encontro inebriante de olhares. Aproximava o rosto e contava, lábios sobre lábios, mimosas historietas sem texto, em que falava mais a vivacidade sanguínea da boca, do que a imperceptível confusão dos arrulhos cantando-se na garganta como um colar sonoro. Achava-me pequenino, pequenino. Sentava-se à cadeira. Tomava-me ao colo, acalentava-me, agitava-me contra o seio como um recém-nascido, inundando-me de irradiações quentes de maternidade, de amor. Desprendia os cabelos e com um ligeiro movimento de espáduas fazia cair sobre mim uma tenda escura. De cima, sobre as faces, chegava-me o bafejo tépido da respiração. Eu via, ao fundo da tenda, incerto como em sonhos, a fulguração sideral de dois olhos. (ibidem, p.212)

Sérgio convalesceu nesse romance platônico com sua enfermeira. Mas “tudo acabou com um fim brusco de mau romance” (ibidem, p.213). O Ateneu ardeu em chamas e foi consumido num incêndio. O autor do sinistro foi Américo, um aluno internado no Ateneu à própria revelia pelo pai.

Entre os reclusos das férias, contava-se um rapaz, matriculado de pouco, o Américo. Vinha da roça. Mostrou-se contrariado desde o primeiro dia. Aristarco tentou abrandá-lo; impossível: cada vez mais enfezado. Não falava a ninguém. Era crescido e parecia de robustez não comum. Olhavam para ele como para uma fera respeitável. De repente desapareceu. Passado algum tempo vieram três pessoas reconduzindo-o: o pai, um correspondente e um criado. O rapaz amarelo, com manchas vermelhas, movediças, no rosto, mordida os beijos até ferir. O pai pediu contra ele toda a severidade. Aristarco, que tinha veleidades de amansador, gloriando-se de saber combinar irresistivelmente a energia com o modo amoroso, tranquilizou o fazendeiro: “Tenho visto piores”. Carregando a vista com toda a intensidade da força moral, segurou o discípulo rijamente pelo braço e fê-lo sentar-se. “Tu ficarás, meu filho!” O moço limitou-se a responder, cabisbaixo, possuído de repentina complacência: “Eu fico”. Dizem que o pai o tratara terrivelmente, vendo-o apresentar-se em casa, evadido. Com a proximidade da festa dos prêmios o caso do desertor ficou esquecido, e ninguém jamais foi como ele exemplo de cordura. (ibidem, p.213)

O fogo devorou o colégio. “O incêndio fora propositalmente lançado pelo Américo, que para isso rompera o encanamento do gás no saguão das bacias. Desaparecera depois do atentado” (ibidem, p.217). Impossível não ver no gesto do incendiário uma semelhança com o que acontece atualmente nas revoltas em presídios e instituições de internamento para adolescentes infratores, que incendeiam colchões e pavilhões inteiros, rebelando-se contra condições desumanas de vida.

Por outro lado, esse desfecho trágico da história também nos faz pensar na vingança de Pompéia contra sua longa e árdua experiência no colégio interno: ao escrever suas memórias, pôde acertar as contas com o passado, e tal como os internos de hoje aos quais aludimos acima, ateou fogo ao Ateneu, revoltado com sua condição de adolescente internado.

“Desaparecera igualmente durante o incêndio a senhora do diretor” (ibidem, p.217). Golpe de misericórdia infligido no poderoso Aristarco? “Lá estava Aristarco, tresnoitado, o infeliz... Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza como um penitente, o pé direito sobre um monte de carvões, o cotovelo espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, os dedos perdidos no bigode branco, sobrolho carregado” (ibidem, p.217). “Ele, como um deus caipora, triste, sobre o desastre universal de sua obra” (ibidem, p.218). Aqui Pompéia/Sérgio interrompe sua “crônica das saudades” (ibidem, p.218).

Em seu percurso pelo internato escolar, Sérgio foi confrontando a vida mesma em sua multiplicidade: amores, ódios, rixas, rivalidades, orgulho, vaidade, posições femininas, masculinas, o menino tornou-se um homem. O menino pôde sair do Ateneu, mas parece que foi difícil o Ateneu sair do menino. Talvez Raul Pompéia tenha produzido *O Ateneu* para apropriar-se de sua dolorosa formação escolar e existencial. Inclusive podemos também pensar num forte processo de institucionalização, pois, de acordo com Goffman (1987), a internação prolongada produz uma maior resistência a deixar o estabelecimento de reclusão. Ter vivido tal experiência constitui um sujeito, sua história faz dele o que é hoje. Pompéia parece orbitar o internato onde viveu como seu “grande sintoma”. É semelhante ao ex-usuário de drogas que, inclusive, em abstinência voluntária, permanece orbitando-a, mesmo que seja trabalhando em uma clínica que se ocupa com usuários. De qualquer modo, o objeto permanece central na sua vida.

### **O internato escolar como um estabelecimento formativo, educativo e terapêutico**

O Ateneu pode ser considerado um estabelecimento pedagógico que possui aspectos de um sistema correcional, exercendo as funções de reclusão e de custódia. Funciona de modo sutil, objetivando a modelagem da subjetividade dos seus membros internados, no

que ele se assemelha com a prisão. Acolhe o aluno em sua clausura, confinando-o para formá-lo no contexto institucional.

A educação acadêmica se apresenta como o objetivo oficial do Ateneu. Mas o estabelecimento exerce uma função de atenção aos alunos, membros residentes no estabelecimento, oferecendo mais e menos do que apenas escolarização. É nesse ambiente inclusivo que suas necessidades biológicas, psíquicas e sociais devem ser satisfeitas. O Ateneu também produz mudanças psicológicas no internado, especificando-as e estabelecendo operadores institucionais adequados para obtê-las.

Entendemos que o Ateneu, enquanto estabelecimento, constitui-se num bloco de condições materiais objetivas: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as várias atividades aí desenvolvidas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar etc. Ali, as relações de comunicação e de poder são produtoras de uma subjetividade específica. Acreditamos que a atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou tipos de comportamento aí se desenvolve mediante um conjunto de comunicações reguladas (aulas, perguntas e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas distintivas do valor de cada um e dos níveis de saber) e de uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, exame, recompensa e punição, hierarquia piramidal). Como todo espaço institucional fechado, o Ateneu provavelmente funciona a partir de dois elementos essenciais: o aparelho, constituído pelo próprio estabelecimento, e as regras (explícitas e implícitas).

O Ateneu é também um estabelecimento que utiliza mecanismos aparentemente repressivos para controlar a sexualidade dos internados, mas o que realmente parece fazer é incitá-la, acabando por fomentá-la ao proibi-la. Ao encerrar os estudantes como um grupo monossexuado no claustro totalitário, acaba por vê-la emergir perversa e polimorfa.

Sobre sexo, há um enorme silêncio oficial. Há apenas as proibições do regimento indicando as penas para a “imoralidade”.

Porém, se sobre isso não se fala, “isso” fala, numa intensificação dos afetos e dos corpos, num intenso erotismo que, passando pelo flerte, paquera, se configura eventualmente em relacionamentos, em “casos”, em prováveis namoros, na formação de casais apaixonados, em amores secretos, nem sempre discretos, platônicos ou intensamente carnavais. Assim sendo, dentro dos muros do internato, sob o interdito sexual, encontramos o frescor do desejo e uma sexualidade fervilhante. Os rapazes podem experimentar diversas práticas amorosas. Parece que a vida no claustro tende a produzir uma exacerbação, intensificação e passagens ao ato das possibilidades neuróticas e perversas dos jovens estudantes.

Em termos de efeitos éticos, a experiência de internação numa instituição total produz resultados muito distantes dos objetivos oficiais que costumam constar em seus estatutos e regimentos (Benelli, 2002; Benelli; Costa-Rosa, 2003b). Ela parece, normalmente, produzir efeitos contrários aos prometidos. Em suas conclusões, Goffman (1987, p.246) afirma que:

Sempre que estudamos um estabelecimento social, verificamos uma discrepância com esse primeiro tema: verificamos que os participantes se recusam, de alguma forma, a aceitar a interpretação oficial do que devem dar e retirar da organização, e, além disso, quanto ao tipo de “eu” e de que mundo que devem aceitar para si mesmos. Onde se espera entusiasmo, haverá apatia; onde se espera afeição, há indiferença; onde se espera frequência, há faltas; onde se espera robustez, há algum tipo de doença; onde as tarefas devem ser realizadas, há diferentes formas de inatividade. Encontramos inúmeras histórias comuns, cada uma das quais é, a seu modo, um movimento de liberdade. Sempre que se impõem mundos, se criam submundos.

As instituições totais tendem a ser (re)produtoras de indivíduos normalizados, modelados numa subjetividade serializada. O Ateneu é um bom exemplar da implementação do dispositivo pedagógico com seus diversos operadores, tal como vemos emergir em Foucault (1999b): escolarização disciplinar produzindo efeitos normalizado-

res. O seu núcleo subjetivante estaria centrado numa formação disciplinar, ao mesmo tempo moral e psicológica. A ação institucional incide normativamente sobre as condutas. A subjetividade produzida neste contexto seria caracterizada por traços essencialmente normatizados e normatizadores, por meio de um jogo de forças (ativas e reativas) que visam à normatização da conduta do outro.

### **O jovem Törless: violência e subjetividade na instituição total<sup>5</sup>**

A condição de internado, num hospital geral, num hospital psiquiátrico, numa prisão, num colégio interno, num convento ou num seminário, nos parece relevante em si mesma como um assunto que merece ser estudado e compreendido. Sua vida real, atitudes, ideias, sentimentos e conduta devem ser estudados nesse contexto institucional. Acreditamos que o período de internação em um ambiente especial constitui uma parte significativa do período vital total do indivíduo. Esse lapso de tempo no qual o indivíduo vive como internado pode deixar marcas profundas na sua subjetividade.

Dentre as práticas sociais de modelagem da subjetividade, a internação em instituições totais tem sido historicamente uma estratégia extremamente frequente. Tais instituições foram e continuam sendo utilizadas como agências produtoras de subjetividade, modelando-a de acordo com o contexto institucional ao promover relações peculiares entre dirigentes e internados no conjunto das práticas institucionais.

Tomamos como objeto de estudo uma instituição total que Goffman (1987) define como um local que concentra moradia, lazer e a realização de algum tipo de atividade formativa, educativa, correcional ou terapêutica, onde um grupo relativamente numeroso de internados está submetido a uma pequena equipe dirigente que gerencia a vida institucional.

---

5 Publicado originalmente como artigo: Benelli (2002).



Relações sociais autoritárias e mesmo violentas podem ser promotoras de um caldo de cultura instável, conflitivo e explosivo. A vida no contexto institucional de uma instituição total (Goffman, 1987) tende a se caracterizar por um alto grau de agressividade e, mesmo, de violência. Uma equipe dirigente arrogante e autoritária pode criar uma vida marcada por uma violência surda e cotidiana, tornando-se incapaz de explicar, controlar ou perceber sua própria implicação na produção de semelhante estado de coisas.

Entendemos a violência como um evento representado por ações realizadas por indivíduos, grupos, classes ou nações que ocasionam danos físicos ou morais a si próprios ou a outros. Agressividade pode ser entendida como “tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc.” (Laplanche; Pontalis, 1996). Qualquer modalidade de ação, motora ou simbólica, positiva ou negativa, pode funcionar como agressão. A psicanálise atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito, indicando sua ligação complexa com a sexualidade.

Vamos apresentar um exemplo desse fenômeno onde agressividade, violência, sexualidade e sadismo se mesclam de modo complexo em uma instituição total (Goffman, 1987).

Robert Musil (1880-1942) publicou, em 1906, *O jovem Törless*, baseado em suas experiências escolares. Trata-se de um romance ambientado numa sociedade extremamente autoritária, que narra o desenvolvimento de um adolescente no contexto institucional de um internato escolar, cujos conflitos são urdidos no seio de complexas relações institucionais. Nossa hipótese é que os alunos reproduzem entre si as mesmas relações de dominação e modelagem às quais estão submetidos pela equipe dirigente. Se se tornam opressores, é porque são também oprimidos, reproduzindo as relações sociais de dominação e submissão. Mas não podemos negar a percepção de que os atores principais da história em questão possuem, cada um, modos diversos e específicos de lidar com a lei.

A perspectiva de Goffman (1987) quanto ao modo de funcionamento dos internados nos auxiliará na compreensão dos acontecimentos narrados. Também nos utilizaremos de algumas hipóteses psicanalíticas para entender a dinâmica dos atores institucionais no romance em questão.

De acordo com Goffman (1987), os internados criam “ajustamentos secundários”, práticas que não desafiam diretamente a equipe dirigente, mas lhes permitem obter satisfações proibidas ou conseguir, por meios proibidos, as satisfações permitidas. Os internados “conhecem as manhas” para usufruir uma certa autonomia pessoal, reagindo às pressões ostensivas da equipe dirigente. Poderíamos dizer que os internados inventam as “manhas” e criam também uma “gíria institucional” própria para se comunicarem em segredo. Criam também “controles sociais informais”, utilizando a cooptação ou a coerção pela força e violência para evitar que delatores os entreguem à equipe dirigente.

Pelo “processo de confraternização”, o grupo dos internados se une, desenvolve apoio mútuo e uma cumplicidade como resistência a um sistema que os forçou à intimidade numa única comunidade igualitária de destino. A gozação coletiva expressa o repúdio geral e vingança contra a autoridade sentida como inimiga.

A solidariedade produz uma infinidade de grupos primários no estabelecimento: panelinhas, facções, ligações sexuais mais ou menos estáveis, a formação de pares, por meio dos quais dois internados passam a ser reconhecidos como “amigos” ou “casal” pelos demais companheiros. Nos casos em que não se pode confiar nos companheiros, que representariam uma ameaça potencial permanente, o internado experimentaria anomia e solidão, apesar de conviver num grande grupo (Goffman, 1987).

## **Violência e subjetividade contemporânea: observações psicanalíticas**

A psicanálise vem discutindo de longa data a questão da agressividade. Podemos falar sobre algumas tendências que tentam ex-

plicar esse fenômeno. Uma delas tem sua origem em Freud (1930) e Melanie Klein (Petot, 1991), afirmando que existe uma agressividade inata no homem, semelhante em estatuto à sexualidade, e que busca se manifestar e se satisfazer na forma de destrutividade e autodestrutividade. Mediante uma série de processos psíquicos, essa violência é canalizada, controlada ou posta a serviço de alguma coisa útil. Outras duas tendências levam mais em conta o fator social. Psicanalistas ingleses como Winnicott e outros argumentam que a violência é uma reação à frustração. A violência é uma explosão diante da frustração, de querer algo que não é possível ou não pode ser alcançado. Além disso, de acordo com Lacan (1997), a agressividade e a violência estão relacionadas com a ruptura da imagem narcísica que o indivíduo tem de si mesmo. Quando acontece alguma coisa interna ou externa que ataca a imagem do sujeito, a agressividade surge como uma reação natural, numa tentativa de reconstruir esta autoimagem.

Podemos afirmar que a agressividade não canalizada para fins socialmente úteis, converte-se em violência. Do ponto de vista da agressividade inata, é impossível reduzir a agressividade a zero, seria contrário à natureza humana. A questão é a do manejo dessa violência. Unindo essa perspectiva com as outras, tudo depende fundamentalmente da sociedade por meio de todo seu sistema de ideais e possibilidades oferecidos aos seus membros. Cabe à organização social encontrar formas de canalizar essa violência inata de maneira que ela se torne relativamente inofensiva, sendo utilizada de modo sublimado na própria edificação dessa sociedade.

Existe um limiar de suportabilidade de frustração acima do qual qualquer avanço torna-se impossível. A organização psíquica do indivíduo começa a se esfacelar, ele já não vê perspectivas, a sociedade aponta caminhos que são inviáveis para ele, que recebe constantemente mensagens do meio social de que é um desqualificado. Necessidades básicas de segurança e bem-estar são negadas constantemente e isso, evidentemente, aumenta a capacidade e a disposição do indivíduo para atacar com violência o primeiro que passar. Por que respeitar as regras e leis de uma sociedade que não

retribui ao indivíduo, que abriu mão da violência contra o semelhante, num pacto social? Ele abre mão da violência, sublima suas pulsões agressivas e destrutivas e não recebe em troca os benefícios prometidos, permanecendo numa posição de exclusão, sem aceder ao usufruto dos bens sociais (Pellegrino, 1987).

Do ponto de vista de Lacan, também podemos observar fenômenos de violência individual ou coletiva que visam manifestamente restaurar a imagem que cada membro de um grupo tem, com relação a outros indivíduos ou grupos. Quando determinado grupo acusa outro de inferior, o que ele pretende é garantir que ele mesmo não seja inferior. Essa dimensão psíquica da agressividade e da violência parece inevitável e compete à sociedade se organizar de maneira a diminuir os riscos que ela traz.

Mas essa tarefa de gerenciamento social ou coletivo da agressividade é um trabalho paradoxal, numa sociedade que está incorporada no Capitalismo Mundial Integrado. O próprio mercado parece funcionar vorazmente, com uma agressividade que se expressa num confronto sem mediação. Uma Formação Social não consegue canalizar a agressividade quando ela própria é promotora dessa situação e exacerba a frustração até um grau intolerável para seus membros. Ela própria pode inviabilizar ou frustrar o esforço que um indivíduo faz para pertencer civilizadamente ao seu conjunto. O ser humano é capaz de tolerar grandes doses de sofrimento, mas em nome de alguma coisa, com a esperança que sua dor não será em vão e que as coisas vão mudar para melhor, com uma promessa de que isso em algum momento vai cessar. Mas, não apenas a sociedade capitalista não respeita essa promessa, que é feita quando alguém nasce no seu seio, como ela está deixando de ser formulada.

Não é espantoso então que as pessoas comecem a fazer justiça com as próprias mãos. Isso pode ser realizado por meio do mecanismo de projeção, que consiste em encarnar num outro indivíduo ou grupo tudo aquilo que se considera ruim ou um mal, que não se pode tolerar nem suportar. O objeto torna-se insuportável e pode ser maltratado e até destruído porque ele está recoberto pela própria

imagem do mal, que foi depositada nele pelo outro. O alvo da projeção do mal torna-se também odioso porque ele aparece como um transgressor, capaz de experimentar a realização dos desejos mais secretos e caros dos seus inimigos, mas que lhes são interditados. A destruição do inimigo intolerável assim produzido realiza-se em meio a uma fúria coletiva que tem fortes efeitos catárticos: “não sou como esse, sou melhor do que ele, sobre o qual tenho direito de vida e morte”. Ora, na base desses fenômenos estão presentes fatores psicossociais.

A partir das análises das formas do Sintoma Social Dominante, a violência pode ser considerada como variante de um tipo de relação com a lei, uma modalidade de subjetividade específica. Uma forma de ação, de reação, uma estratégia de sobrevivência em ambientes hostis. Provavelmente, ambientes de reclusão tendem a promover a emergência de possibilidades subjetivas que de outro modo raramente se manifestariam.

### **A carreira moral do jovem Törless no internato escolar**

Goffman (1987) utiliza o termo “carreira moral” em um sentido amplo, com a finalidade de indicar qualquer trajetória percorrida por uma pessoa ao longo de sua vida, permitindo ainda uma perspectiva tanto dos aspectos mais íntimos e pessoais, quanto da posição oficial, jurídica e pública do indivíduo, dentro de um complexo institucional. A “carreira moral” indica o processo da vida toda do indivíduo, em direção tanto ao sucesso quanto ao fracasso, dentro do estabelecimento. Esse processo tem momentos típicos, tais como início da vida institucional, crises, evoluções, desenvolvimentos de adaptação, de rebeldia, de submissão, de ruptura etc.

É no contexto institucional do internato escolar que Törless tem como amigos Reiting e Beineberg, dois rapazes bastante singulares.

Reiting guardava diários secretos, repletos de audaciosos planos para o futuro, e anotações minuciosas sobre o motivo, a origem, a encenação e o transcurso das incontáveis intrigas que provocava

entre os colegas. Pois nada divertia mais a Reiting do que atizar pessoas umas contra as outras, alimentando-se dos agrados e das adulações forçados que extraía delas, por trás dos quais sentia a resistência do ódio de suas vítimas. – Isso me serve de exercício – dizia como única desculpa, com um sorriso amável. Também, como exercício, lutava boxe quase diariamente em algum lugar afastado, contra uma parede, uma árvore ou uma mesa, para fortalecer os braços e dar resistência às mãos, fazendo com que criassem calos. (Musil, 1986, p.51-2)

Reiting sabia impor-se, era um tirano e mostrava-se impiedoso com quem lhe resistisse. Seus amigos variavam a cada dia, embora a maioria se achasse sempre do seu lado. Nisso era talentoso. Sua amizade com Beineberg era mais uma aliança oportuna:

Há um ou dois anos realizara uma grande campanha contra Beineberg, concluindo com a derrota deste. Beineberg ficara bastante isolado, ainda que não perdesse seu sangue frio, espírito crítico e capacidade de instigar antipatias entre os outros. Faltava-lhe contudo, a amabilidade e o talento necessários à conquista das pessoas. Sua indiferença, suas maneiras de filósofo cheio de unção provocavam desconfiança na maioria das pessoas. Presumiam que no fundo de sua personalidade havia algo exagerado e desagradável. Mesmo assim, causara grandes problemas a Reiting e a vitória deste fora quase casual. Desde então, mantinham-se unidos por interesses comuns. (ibidem, p.53)

Törless estava inserido nesse universo de estudantes e constatava diariamente o que significava desempenhar o papel principal num Estado, pois, num estabelecimento assim, cada sala de aula pode perfeitamente ser considerada um pequeno Estado em si. Goffman (1987) afirma que estabelecimentos totais funcionam mais ou menos como um Estado e sua equipe dirigente tem que enfrentar problemas de um modo parecido aos que têm os governantes de Estados. Törless, sendo mais jovem que seus dois colegas ditadores,

mantinha com eles uma relação de discípulo, ajudante e protegido, embora gostassem de ouvir sua opinião.

Törless era inteligente e ninguém era tão hábil quanto ele em prever as diferentes possibilidades de comportamento de uma pessoa em determinadas condições. Só quando se tratava de tomar uma decisão, de assumir os riscos de uma escolha entre várias opções psicológicas e agir, ele falhava, perdia o interesse e a energia. Seu papel como uma espécie de chefe de estado-maior secreto, porém, o divertia. Tanto mais por ser quase a única coisa a trazer alguma vida ao seu profundo tédio. (Musil, 1986, p.53-4)

## **Violência e sexualidade no contexto institucional**

Reiting descobriu que Basini, outro estudante, roubara dinheiro de Beineberg para saldar dívidas que contraíra com outros colegas. Basini vivia endividado, emprestando de uns para pagar a outros, sua mãe era viúva e não dispunha de muito dinheiro. Reiting havia emprestado a Basini e cobrou o que esse lhe devia. Como o outro lhe pediu um prazo, Reiting passou a investigar a vida de Basini e descobriu suas dívidas permanentes. Reiting exigiu então que Basini lhe trouxesse o dinheiro ou teria que obedecer cegamente ao seu credor. Basini ficou encabulado e prometeu trazer o dinheiro no dia seguinte. Mas conseguiu apenas uma parte do dinheiro. Reiting blefou com Basini, dizendo ter descoberto que ele havia roubado dinheiro dos colegas e ameaçou-o com uma denúncia que podia causar sua expulsão do colégio.

A situação era de guerra psicológica, pois Reiting não tem certeza de que Basini roubara mesmo Beineberg, mas o pressiona com sutileza, com um sorriso zombeteiro nos lábios, até conseguir arrancar uma confissão do colega. Basini disse que pegara o dinheiro apenas como empréstimo oculto e que pretendia devolvê-lo o quanto antes, pediu que Reiting não dissesse que ele roubara e que se apresentava formalmente como seu escravo.

Reiting se reuniu com Törless e Beineberg no seu refúgio secreto, no sótão do colégio (ajustamento secundário), para deliberar sobre o futuro de Basini. O trio não chegou a um acordo: Törless afirmava que Basini era um ladrão e que devia ser castigado, denunciado, afastado do internato; Reiting não concordava, dizendo que “Basini está em nossas mãos, podemos fazer com ele o que bem entendermos. E caso ele se rebele, podemos lhe mostrar quem é o senhor aqui. A baixeza dele nos diverte” (ibidem, p.63).

Beineberg mostrou-se indiferente e deixou a decisão com os outros dois.

Acetaram, portanto, uma sugestão de Reiting. Decidiram manter Basini sob vigilância, de certa forma sob tutela, oferecendo-lhe uma oportunidade de trabalhar para sair daquela situação. Dali por diante, seus gastos e ganhos seriam severamente conferidos, e suas relações como os outros alunos dependeriam da permissão dos três. (ibidem, p.64)

Essa experiência deixou Törless perplexo diante dos dois colegas, “teve medo deles – mas como tememos um gigante que sabemos cego e tolo...” (ibidem, p.65).

No dia seguinte, Basini foi colocado sob tutela. Não sem alguma solenidade. Aproveitaram uma hora da manhã durante a qual escaparam aos exercícios ao ar livre num extenso gramado do parque. Reiting fez uma espécie de longo discurso. Advertiu Basini de que ele estragara sua existência, de que na verdade deveria ser denunciado; ele devia unicamente a uma graça especial o fato de que por enquanto o livrassem da vergonha de uma expulsão. Depois puseram-no a par das condições especiais. Reiting assumiu a vigilância dos ganhos de Basini. Este empalideceu e não disse uma palavra e pelo seu rosto não se conseguia ver o que se passava em sua alma. Törless julgara a cena alternadamente de muito mau gosto e muito importante. Beineberg prestara mais atenção em Reiting do que em Basini. (ibidem, p.65-6)



Basini é descrito como um adolescente belo, ingênuo, vaidoso e inconsequente, não conseguia resistir a nada que desejasse e sempre era surpreendido pelas coisas que fazia.

Beineberg continuou observando Reiting e descobriu que ele o estava traindo e também traía Törless. No esconderijo do sótão, Beineberg comenta com Törless que desde o começo Reiting havia defendido Basini de modo intenso. Alguém baixo como Basini deveria ser expulso imediatamente. Foi de propósito que Beineberg não concordou com a posição inflexível de Törless, pois queria descobrir o que mais estava em jogo. Ele lembrou Törless de um caso de envolvimento sexual entre os rapazes que culminou na expulsão de vários deles. Havia naquela turma um rapazinho muito belo pelo qual todos se apaixonavam. Reiting estava fazendo a mesma coisa com Basini. Beineberg os seguiu e descobriu o que faziam.

Beineberg possui uma teoria sobre a superioridade de uns seres sobre os outros, alguns nasceram, de acordo com uma ordem universal, para uma vida singular, resistente, e outros nasceram apenas por acidente, por acaso, à margem e sem qualquer importância.

Num ser humano, ela coloca essa dureza na personalidade, na consciência, na responsabilidade que ele sente por ser parte da alma universal. Se uma pessoa perde essa noção, perde-se a si mesma. E quando um ser humano perdeu a si mesmo, renunciou a si, perdeu também aquela coisa especial, singular, para a qual a Natureza o criou como ser humano. E em nenhum outro caso como este poderíamos estar tão seguros de que estamos lidando com algo inútil, com uma forma vazia, algo há muito abandonado pela alma universal. (ibidem, p.74)

Reiting está nas mãos de Beineberg, que de posse desse segredo do seu rival pode prejudicá-lo, pode ameaçá-lo com a expulsão do internato, acenando com a possibilidade de uma denúncia. Törless fica assustado diante da frieza malévola do companheiro e sente-se igualmente ameaçado por Beineberg, como se o destino de Reiting fosse também o seu. Beineberg decide não fazer nada contra Rei-

ting, já que ele agora não representa mais perigo. Mas decide não denunciar Basini, quer castigá-lo pessoalmente por causa de sua arrogância. Quer aprender com a experiência de torturar Basini.

Não precisa ficar assustado – diz Beineberg a Törless – não é tão ruim assim... não se deve ter consideração alguma com Basini... A decisão de torturá-lo depende unicamente de nossa necessidade de agir de um ou de outro modo...Reiting também não vai largar o caso, porque para ele trata-se igualmente de algo de valor especial ter uma pessoa nas mãos e poder se exercitar, usá-la como ferramenta. Ele deseja dominar e faria com você exatamente como faz com Basini, se por acaso topasse com você... Eu, em contrapartida, tenho, como você, a sensação de que, afinal, Basini também é apenas um ser humano. Também sinto que alguma coisa em mim sofreria com a crueldade que eu praticasse contra ele. Mas é exatamente isso que importa! Realmente um sacrifício! Como vê, também estou preso a dois fios. Um deles, obscuro, me leva à omissão piedosa, que se contrapõe às minhas mais claras convicções. O outro atravessa diretamente a minha alma, chegando ao mais profundo entendimento interior e me liga ao Cosmos. (ibidem, p.78-9)

De acordo com sua teoria sobre a natural diferença entre os seres humanos relevantes e os insignificantes na ordem universal das coisas, ele decide superar o impulso de deixar Basini livre, como se isso fosse um preconceito de origem externa e inferior, do qual deve se libertar.

Exatamente porque me custa torturar Basini – quero dizer, degradá-lo, rejeitá-lo –, exatamente por isso é bom. Pois exige sacrifício. Surtirá efeito purificador. Devo isso a mim mesmo; e preciso aprender com Basini, diariamente, que ser apenas humano nada significa, é mera aparência, uma macaquice... (ibidem, p.80)

Törless fica confuso e excitado com as ideias do perigoso amigo que Beineberg se revela. Os dias prosseguem relativamente nor-

mais e Törless anda às voltas com emoções e vivências adolescentes, indefiníveis em suas reflexões solitárias.

Os três rapazes se reúnem no sótão e Basini é humilhado verbalmente por Beineberg. Basini esperava ser defendido por Reiting, mas esse o esbofeteou e, juntamente com Beineberg, o despiu e deram-lhe uma surra. Törless não fez nada, paralisado, em transe diante do espetáculo, observando suas próprias emoções diante do evento. Foi tomado por uma poderosa excitação sexual. Terminada a sessão de espancamento, Reiting mandou Basini se sentar numa das traves de madeira do telhado e começou a falar.

“Decerto você já estava achando que tinha se safado muito bem, não? Decerto pensou que eu ajudaria você? Bem, se foi assim, enganou-se. O que eu fiz com você foi apenas para ver até onde ia sua baixaza.” Basini esboçou um gesto de protesto. Reiting ameaçou saltar outra vez sobre ele. Então disse: “Mas pelo amor de Deus, suplico a vocês, não tive outra saída!” Reiting gritou para que ele calasse a boca. “Estamos fartos de suas desculpas. Sabemos muito bem quem você é, e vamos agir conforme...” Depois de um breve silêncio, Törless disse baixinho: “Diga: eu sou um ladrão”. Basini arregalou os olhos assustados. Beineberg deu uma risada de aprovação. Depois de resistir um pouco, Basini, sob ameaças, o disse. Beineber e Reiting disseram a Törless, rindo divertidos: “Você teve uma boa ideia, filhote.” – e para Basini: “E agora você dirá imediatamente: eu sou um animal, um animal que rouba, sou um animal, um ladrão, o porco de vocês!” E Basini disse tudo, sem se interromper, os olhos cerrados. (ibidem, p.97-8)

## **A paixão e o desejo sexual adolescente no internato**

A intensidade da sexualidade adolescente vai inundando Törless e aos poucos ele vai tomando consciência da forte atração que sente por Basini.

Sempre que essa sensação imprecisa o dominava, sua atenção perdia aquele atributo pacato com que se acompanha o desenrolar

de uma experiência científica. Parecia que de Basini emanava um fluido físico, uma excitação, como quando se dorme ao lado de uma mulher de quem se pode, a qualquer momento, tirar o cobertor. Era como um arrepio no cérebro, nascido da consciência de que basta estender a mão: a mesma coisa que muitas vezes leva jovens casais a excessos sensuais muito além das exigências de seus corpos. (ibidem, p.127)

Por ocasião de um feriado, o internato ficou quase vazio e Törless permaneceu ali. Basini também. O desejo de abordar Basini torturou Törless um dia inteiro. À noite, Törless foi até a cama de Basini e acordou-o. Basini o acompanhou até o esconderijo, onde ficou nu diante dele.

Törless recuou um passo involuntariamente. A súbita visão do corpo nu, branco como a neve, atrás do qual o vermelho das paredes parecia sangue, deixava-o ofuscado e perplexo. Basini tinha um belo corpo – quase nenhum traço de virilidade, de uma magreza casta e esguia, como a de uma donzela. Törless sentia essa nudez incendiar seus nervos como alvas labaredas ardentes. Não conseguia evitar o poder de tamanha beleza... Ali, porém, a arte chegava pelos caminhos do sexo. Secreta e súbita. Um sopro cálido e perturbador se desprendia daquela pele nua, aliciante, macia e plena de sensualidade. Vibrava nela também algo solene, quase sagrado. (ibidem, p.134)

Törless reage ao desejo que o atravessa, como se despertasse de um delírio. Exige que Basini se vista e o interroga, descobrindo então que Beineberg e Reiting surravam e abusavam sexualmente de Basini. Törless tenta fazer Basini perceber que não é obrigado a se submeter aos outros dois, que abusam dele. Basini acredita que não tem outra saída e se submete a tudo porque prometeram que logo vão perdoá-lo e tudo será esquecido, ele quer apenas voltar a ser um rapaz decente novamente. Törless descobre que Reiting e Beineberg poderiam agir com ele com faziam com Basini, criando

uma intriga contra ele. “Havia algum perigo... escondido em algum lugar... espreitando Törless... cada passo seu podia cair numa armadilha, cada noite podia ser a última antes da batalha. Essa ideia causava uma insegurança insuportável” (ibidem, p.136). Basini não era capaz de perceber a própria implicação na produção da situação na qual estava envolvido e Törless mergulha em seus próprios pensamentos.

De volta ao dormitório, Törless adormece e Basini vai até sua cama. Törless resiste um pouco, indeciso e imerso em dúvidas, mas sucumbe ao desejo e à sedução do outro.

Então Törless desistiu de procurar palavras. A sensualidade que se esgueirara para dentro dele paulatinamente nos momentos de desespero despertara agora com toda a intensidade. Deitava-se ao lado dele, nu, cobrindo-lhe a cabeça com um manto negro e macio. Sussurrava em seu ouvido suaves palavras de resignação e com seus dedos cálidos afastava todas as perguntas e deveres, como se fossem vãos. Sussurrava: na solidão tudo é permitido. Só no momento em que estava sendo arrastado, despertou por um segundo e agarrou-se desesperado à ideia: “Isso não sou eu! Não sou eu! Amanhã, só amanhã, serei eu novamente! Amanhã...” (ibidem, p.147)

Esse foi o estopim para a temporada apaixonada que se seguiu: Törless e Basini passaram a encontrar-se às escondidas com frequência, entregando-se ao desejo que os consumia. Reiting e Beineberg mantinham-se distantes de Basini e Törless os vigiava, sem ter paz, consumido pelo ciúme.

Beineberg mostrava-se sombrio e fechado; quando falava, eram alusões misteriosas a alguma coisa iminente. Reiting aparentemente voltara seu interesse para outras coisas; com a habilidade costumeira, tramava a rede de alguma intriga, tentando conquistar alguns através de pequenos agrados e assustando outros ao descobrir seus segredos através de alguma artimanha. (ibidem, p.148)

O amor adolescente de Törless por Basini era algo confuso, um misto de desejo e repulsa por consentir em desejos percebidos como degradantes.

No começo fora apenas a nudez do esbelto corpo de adolescente que o ofuscara. A impressão foi a mesma que teria se visse as belas formas de uma jovem, ainda livres de qualquer aspecto sexual. Um assombro. Um impacto. E a pureza que involuntariamente emanava daquela sensação era o que usava a máscara do afeto – essa sensação maravilhosa, inédita, inquieta, na sua relação com Basini. Todo o resto pouco tinha a ver com ele. O resto do desejo já existira antes, era a sensualidade secreta, desorientada, não dirigida para ninguém em especial, a melancólica sensualidade de um adolescente que amadurece, parecendo a terra úmida, negra e fértil da primavera, e as escuras águas subterrâneas que precisam apenas de uma ocasião eventual para romper as comportas... (ibidem, p.149)

A experiência de Törless com Basini foi a ocasião para que naqueles esconderijos solitários e secretos se reunissem todos os desejos ocultos, sufocantes e rebentassem, derramando-se sobre o amante como impulsos obscuros. Mas uma luta interior permanente entre o desejo e a repulsa não permitia a Törless ter sossego. Vivia medroso, sobressaltado, em pânico de que descobrissem sua paixão, com grande desgaste em meio ao vendaval de emoções angustiantes e solitárias. Essa sexualidade adolescente fervilhante e patente, que se concretiza em casos e paixões arrebatadoras entre indivíduos do mesmo sexo, encontra nas peculiares condições de vida do internado sua causa.

Com forças jovens e impetuosas retidas por trás de muros cinzentos, a fantasia multiplicava imagens sensuais que punham muitos dos rapazes fora de si. Certo grau de devassidão passava até por ser uma qualidade viril e ousada; era como se conquistassem os prazeres proibidos. (ibidem, p.155)

## O auge da violência: ameaças e pressão psicológica

Reiting e Beineberg, irritados porque Basini já não os obedecia como antes, nem parecia sofrer com a obediência, decidiram acabar com ele de uma vez. Reiting pensava em degradá-lo de modo insuportável e talvez entregá-lo à sua classe.

Seria o mais sensato. Se cada um contribuir com um pouco, poderemos fazê-lo em pedacinho. Aliás, gosto desses movimentos de massa. Ninguém faz nada de especial, e ainda assim as ondas se erguem cada vez mais alto, até se abaterem sobre as cabeças de todos. Vocês vão ver, ninguém se moverá e ainda assim haverá uma tempestade gigantesca. Para mim será uma diversão extraordinária promover uma coisas dessas. (ibidem, p.157)

Mas antes do golpe de misericórdia, ainda queriam se aproveitar mais um pouco de Basini, usando ameaças e surras. Törless sofre com a possibilidade de que Reiting e Beineberg descubram seu envolvimento com Basini e o tratem do mesmo modo. Deixou que tudo acontecesse como os outros dois queriam. Seus sentimentos por Basini já tinham se esfriado completamente e a situação o livrava de oscilar entre o desejo e a vergonha, pois não conseguia se livrar por si mesmo. Além disso, temia que as humilhações preparadas para Basini também o atingissem.

Reiting e Beineberg levaram Basini para o sótão mais uma vez, onde o humilharam e espancaram na presença de Törless, que assistiu a tudo, calado. Törless não se envolveu e deixou que os outros dois fizessem com Basini o que quisessem. Eles continuaram abusando e espancando o rapaz.

Algum tempo depois, Basini procurou por Törless, pedindo-lhe ajuda, implorando porque já não suportava mais os tormentos aos quais era submetido. Törless tentou se esquivar, dizendo que a culpa era de Basini, por estar nessa situação. Eles marcaram um encontro no sótão à noite. Lá, Törless repetiu para Basini que não ia ajudá-lo. Reiting os surpreendeu escondidos ali e exigiu satisfações.

Törless disse que Basini o chamara ali para pedir proteção, mas ele havia recusado e não queria mais saber daquela história. Reiting e Törless discutiram, trocaram insultos e romperam relações. Törless entendeu que agora um perigo real o ameaçava pelas costas.

Dias depois, Reiting e Beineberg, irritados com os insultos, abordaram Törless e exigiram que ele fosse assistir a um último castigo de Basini no esconderijo, antes de entregá-lo para a turma da classe. Diante da recusa de Törless, passaram a ameaçá-lo.

“Meu caro Törless, se você se voltar contra nós e não aparecer lá vamos fazer com você o mesmo que com Basini. Sabe muito bem em que situação Reiting encontrou você lá em cima junto dele. Isso basta. O fato de termos feito mais ou menos a mesma coisa com Basini não lhe servirá de nada. Vamos usar tudo contra você, que nesses assuntos é bobo e inseguro demais para nos vencer. Portanto, se não mudar de ideia em tempo, vamos acusar você de cumplicidade com Basini diante de todos os colegas da classe”. (ibidem, p.175)

À noite, não acompanhou os três, quando deixaram o dormitório coletivo. Ficou ali em sua cama, martirizado por fantasias terríveis, desejando ardentemente livrar-se daquela confusão. Quando regressaram e adormeceram, Törless rabiscou um bilhete para Basini e colocou-o na mão do rapaz.

“Amanhã você será denunciado aos colegas e vão acontecer coisas terríveis com você. A única saída é entregar-se ao diretor. De qualquer modo ele ficará sabendo; só que antes disso dariam uma surra tremenda em você. Atribua toda a culpa a R. e a B. e me deixe fora disso. Está vendo que desejo salvar você”. (ibidem, p.177-8)

## **A organização da sessão coletiva de agressão e a reação da equipe dirigente**

No dia seguinte, Törless viu Beineberg e Reiting irem de um colega a outro; ao redor deles formavam-se grupos, que sussurravam agitados... o nervosismo crescera... talvez tivessem acrescentado



mentiras... primeiro sorriam, depois alguns ficavam sérios, lançando olhares indignados para Basini. Por fim a sala de aula ficou pesada de um silêncio sombrio, ardente, prenhe de impulsos sinistros. Por acaso tiveram a tarde livre. Todos se reuniram no fundo da sala, junto dos armários, e chamaram Basini (ibidem, p.179). Fecharam as portas, colocaram vigias, ordenaram que Basini se despisse, causando grande prazer à turma. Enquanto Reiting lia em voz alta cartas da mãe de Basini, risadas obscenas e piadas indecentes emergiam do grupo.

De repente, alguém empurrou Basini. Outro sobre o qual ele caiu, empurrou-o de volta, em parte com raiva em parte de brincadeira. Um terceiro o passou adiante. E de repente, nu, a boca escancarada de pavor, Basini voou como uma bola pela sala em meio às gargalhadas e aos apertos de todos – de um lado a outro – seu corpo abriu-se em feridas nas quinas dos bancos, e ele caiu de joelhos, esfolando-os até sangrar; por fim, ensanguentado, empoeirado, os olhos esgazeados como os de um animal, caiu de vez no chão, enquanto se fazia um súbito silêncio e todos se aproximaram para vê-lo ali estendido. (ibidem, p.179)

Decidiram na noite seguinte amarrar Basini em uma cama e açoitá-lo ali, mas de manhã cedo, o diretor entrou na sala de aula, acompanhado pelo regente da classe e de dois professores. Basini foi retirado da sala e isolado dos demais. O diretor pronunciou um sermão irado sobre as crueldades cometidas e ordenou uma severa investigação. Basini havia se entregado pessoalmente, sem incriminar Törless.

Ninguém suspeitava de Törless, nem Beineberg e Reiting pensavam na possibilidade de que ele fosse o delator. Estabeleceu-se um pequeno processo inquisitorial e todos os alunos foram chamados individualmente para um interrogatório. Sentindo-se incapaz de enfrentar o inquérito, Törless fugiu do internato. A polícia saiu à procura do rapaz, enquanto a investigação se processava. Reiting e Beineberg jogaram toda a culpa em Basini, afirmando que tudo o que fizeram foi com o intuito de regenerá-lo, mas ele não se corrigiu. Toda a classe jurou que maltratara Basini, provocada pelo

deboche com que ele respondia à bondade dos colegas. Trava-se de uma comédia bem armada. Basini manteve-se calado, devido às novas ameaças de Beineberg e Reiting.

Törless foi encontrado e trazido de volta. Sua fuga era um enigma no caso Basini. Os colegas o preparam e ele foi enfrentar o interrogatório da comissão de professores, na residência do diretor. Um dos professores redigia a ata do processo. Törless enrolou-se confusamente nas suas explicações, sem esclarecer nada. Diante do impasse, resolveram despedir Törless, que nesse ínterim já havia solicitado a seus pais sua saída do internato. Basini foi expulso e a vida escolar retomou seu curso normalmente. Do internato, Törless levou o aprendizado das inesperadas potencialidades do polimorfo desejo que atravessa o ser humano.

Quando a equipe dirigente foi informada dos acontecimentos envolvendo Basini, vemos o estabelecimento lançar mão das técnicas disciplinares baseadas no “exame”, conforme Foucault (1999a). As autoridades instalam um processo inquisitorial para apurar os acontecimentos e interrogar os alunos. Podemos perceber aí como o sistema escolar está atrelado a um “micropoder judiciário”, tal como afirma Foucault (1999b). Notamos que há todo um jogo de forças, uma luta, um estado de guerra no próprio grupo dos internados: impossível não notar a agressividade e a sexualidade que ali fervilham, na surdina. Os “problemas de governante”, enfrentados pela equipe dirigente, revelam que ela sofre influências e tem que administrar as ações e reações geradas pelo grupo dos internados.

## **O internato como uma miniatura da sociedade**

No internato escolar descrito por Musil (1986) encontramos uma sociedade em miniatura. Os fenômenos sociais, em estado nascente, mais ou menos desenvolvidos, podem ali ser apreciados: a circulação da informação, o exercício da autoridade e seus efeitos disciplinares, as pressões, os mecanismos adaptativos dos indivíduos, a tensão entre interesse geral e satisfação de necessidades individuais, o conflito entre as necessidades do estabelecimento e

a preservação dos particularismos individuais e da espontaneidade criadora, as normas, os códigos, as crenças, a linguagem comum, a hesitação entre a tolerância e o ostracismo em relação aos desviantes (sobretudo sexuais) e as “panelinhas” que enfraquecem a unidade coletiva. Ainda, o antagonismo das personalidades dominantes, geralmente reforçados pelos grupos correspondentes, as relações de forças oscilando nos eixos maioria-minoria-unanimidade, os bodes expiatórios, os suspeitos, os heróis, os braços-fortes, os subalternos, os delatores, perseguidos e algozes. Nesse microcosmo experimental, poderíamos estudar “*in vitro*” vários problemas de Filosofia Política, Sociologia dos grupos, História e Psicologia Social.

Do ponto de vista psicológico, a comunidade do internato escolar pode ser estudada como um laboratório para outras experimentações: além da perspectiva institucional, dos objetivos confessos, das tarefas cumpridas em comum, podemos ver como o grupo, no contexto institucional, se configura no encontro de pessoas, de sujeitos, como um local de confronto e de laços afetivos. As oposições e as afinidades de caráter florescem na comunidade. Os desejos individuais, sempre presentes na surdina, esperam passivamente ou reclamam com violência sua realização: apelo a ajuda, proteção, vontade de poder, exibicionismo, ataque que denigre, curiosidade, rivalidade, admiração, idolatria. O narcisismo de cada um nela experimenta doces vitórias e também feridas amargas: os outros são reduzidos a objetos do meu desejo ou os narcisismos alheios me infligem feridas sem querer (e às vezes, propositalmente), apenas por sua própria existência.

## **Um percurso singular num movimento religioso católico de matiz totalitário<sup>6</sup>**

Desenvolvemos uma pesquisa que visa entender a produção da subjetividade no contexto institucional de alguns movimentos e

---

6 Publicado originalmente como artigo: Benelli e Costa-Rosa (2006). Agradecemos ao colega Prof. Dr. Abílio da Costa-Rosa por sua colaboração imprescindível com este artigo.

grupos religiosos católicos<sup>7</sup> e tomamos, para isso, o Movimento dos Focolares como objeto específico de estudo. Apresentaremos a seguir um estudo sobre a condição de internado que experimenta um jovem que, ao ingressar no movimento religioso católico Focolares, vive durante dois anos no contexto institucional de uma aldeia do grupo, onde realiza sua iniciação e passa a pertencer ao movimento.

O Movimento dos Focolares foi fundado por Chiara Lubich em Trento, Itália, em 7 de dezembro de 1943. Em 29 de junho de 1990, seus estatutos gerais atualizados foram aprovados por Decreto do Conselho Pontifício para os Leigos da Igreja Católica, declarando-o como “associação de fiéis de caráter privado e universal de direito pontifício”. Seu carisma é a “espiritualidade da unidade” e conta com mais de cem mil membros espalhados pelos cinco continentes, dividindo-se em 75 regiões. A presidente é Maria Voce (eleita em 2008, quando Chiara Lubich, então presidente, faleceu), auxiliada por um vice-presidente e um conselho com sete membros. O Movimento dos Focolares é composto por famílias, jovens, sacerdotes, religiosos e religiosas de diversas congregações, além de bispos. As seções masculinas e femininas dos focolarinos, consagrados na pobreza, castidade e obediência, vivem em comunidades e constituem a base de sustentação do grupo. O Movimento dos Focolares tem diversas atividades de amplo alcance: “Famílias Novas”, “Humanidade Nova”, “Movimento Paroquial”, “Movimento Diocesano”, “Jovens por um Mundo Unido”, “Movimento Juvenil pela Unidade”. Tem fortes incursões nos âmbitos da cultura, da educação, da economia e da política, contando também com poderosa atividade editorial. O Movimento dos Focolares está presente em 194 países dos cinco continentes, com centros estabelecidos em oitenta países. Fazem parte do movimento cerca de 120 mil pessoas, na qualidade

---

7 No conjunto desses grupos religiosos, incluímos o Movimento Focolare (Oliveira, 1988; Silva, 2000; Urquhart, 2002; Lubich, 2003; Fondi e Zanzucchi, 2004); Comunhão e Libertação (Rondoni, 1999; Urquhart, 2002), Neocatecumenato (Vicente, 1988; Cordonnier, 1995; Blazquez, 1996; Pasotti, 1999; Urquhart, 2002; Fernandez, 2004) e Opus Dei (Le Tourneau, 1985; Prada, 1989; Perez, 1992; Rodríguez et al., 1993; Ferreira, Lauand e Silva, 2005).

de membros, e cerca de um milhão e meio de aderentes e simpatizantes. Os Centros Mariápolis, lugares destinados aos encontros e à formação de novos integrantes, estão espalhados em 46 países (Lubich, 2003, p.443-6).

A análise do estabelecimento religioso e dos processos empreendidos por ele se dá a partir dos dados de um caso que nos é apresentado em um relato escrito (Urquhart, 2002); daí a necessária recorrência a esse autor na mesma obra. No seu relato, é perfeitamente possível distinguir o que são dados de experiência, vivência e observação, daquilo que é sua própria análise de tais dados. A riqueza de elementos descritivos nos parece um dos aspectos mais relevantes dessa obra. Trabalhamos a partir do seu depoimento pessoal, fazendo de sua experiência no Movimento dos Focolares um caso singular (Aguiar, 2002, p.139). Nele, procuramos verificar como funciona o estabelecimento (grupo religioso), como é a vida no próprio estabelecimento e como o sujeito a experimenta, entende e responde a ela. Para isso, procuramos considerar tanto a realidade institucional do internato Focolares quanto à subjetividade que seu funcionamento promove, manifestando-se, essa, em dinâmicas psicológicas específicas.

Vejamos algumas características comuns entre o caso relatado por Urquhart (2002) e as instituições totais, que fundamentam nossa hipótese de que ele tem estatuto de caso singular. As características do funcionamento institucional, seus mecanismos de controle e administração dos internos e a relação entre esses e a equipe dirigente são as mesmas das instituições totais (Benelli; Costa-Rosa, 2003a, 2003b): isolamento do mundo exterior, supressão da privacidade dos indivíduos internados, segregação entre os gêneros, ausência de documentos escritos sobre objetivos e regulamento, controle exaustivo de todas as atividades e da rotina de cada um, entre outros. Também está presente todo um conjunto de práticas e efeitos que designamos como processos de subjetivação que, do mesmo modo, são absolutamente congruentes com os das instituições totais: rituais de mortificação do “eu”, negação da história progressa (desterritorialização social e subjetiva) e instau-

ração de outra identidade radicalmente diferente da anterior, com características totalitárias. Observaremos, ainda, a presença do retorno, nos institucionalizados, de uma série de efeitos subjetivos de natureza sintomática, expressos em *performances* radicais e maciçamente identificatórias, como a atitude fanática. A propósito desse aspecto, é conveniente fazer já uma distinção entre identificação e identidade: a última supõe um mínimo de identificação e é a base para *performances* não imitativas, portanto singularizadas (Guyomard, 1996, p.12-13). Finalmente, constatamos um outro conjunto de *performances* sintomáticas que geram saídas agonísticas de natureza disruptiva, do tipo “passagens ao ato”, e mesmo fugas do estabelecimento ou deserções da ordem nos estabelecimentos em que isso é possível.

Se ficar, portanto, demonstrado que o estabelecimento aqui estudado possui as características das instituições totais, visto tratar-se de um estabelecimento religioso, cremos estar suficientemente indicada a possibilidade de sua representatividade, como caso singular, em relação a um conjunto amplo de instituições religiosas com características de instituições totais (Benelli; Costa-Rosa, 2002, 2003a, 2003b). É nessa perspectiva que tomaremos o relato de Urquhart (2002) como descritivo das características da organização Movimento dos Focolares e dos processos de subjetivação de que são objeto os sujeitos que aceitam ingressar nela.

Pensamos que esta análise já se justificaria pelas possibilidades de compreensão desse movimento particular, entretanto veremos que várias das suas características são extensíveis a outras instituições de natureza e funções similares, que têm sido designadas como movimentos neofundamentalistas leigos (Galindo, 1994, p.306-12; Martelli, 1995, p.392 e p.401; Comblin, 1999, p.148-9; Brighenti, 2001, p.17-19; Libânio, 2000, 2003, p.106-8, 2005, p.74-5; Queiruga, 2003). Em resumo, tomamos como caso de análise uma organização institucional Focolares, pretendendo visualizar as características do Movimento dos Focolares e, com esse, apontamos na direção dos novos movimentos religiosos leigos neofundamentalistas (tais como Movimento Comunhão e Libertação, Opus Dei, Movimento

Neocatecumenato, Legionários de Cristo, entre outros). A transversalidade da análise às três instâncias justifica-se, portanto, pelas características comuns de instituições religiosas totais.

Verificaremos também se nossa análise do caso em questão pode contribuir para a discussão da hipótese que é nosso ponto de partida, ou seja, que nesse tipo de estabelecimento as modelagens da subjetividade têm características e efeitos particulares que, na literatura, são referidos ora de modo negativo, como rituais de mortificação do “eu” (Goffman, 1987; Benelli; Costa-Rosa, 2003a), ora de modo positivo, como produção de subjetividade serializada (Guattari; Rolnik, 1986).

Ainda segundo essa hipótese, a instauração de tais processos subjetivos, que costuma dar-se pela supressão radical dos antigos modos de ser e sua substituição por modos novos, implica *performances* do tipo sintomático, isto é, há um retorno da história e da singularidade recalcadas sob a forma de sofrimentos diversos e de modos de ser estereotipados, dos quais a *performance* fanática é apenas o efeito mais destacado. Podemos indicar desde já um exemplo desse retorno do recalcado: nesse tipo de estabelecimento, o indivíduo se torna um formador e isso implica que ele terá de reproduzir, em futuros candidatos, os processos dos quais foi objeto. Nesse momento, pode surgir uma forma de retorno do recalcado de modo denegatório (Freud, s. d.(c)[1925]), justamente na forma de comportamentos e ditames radicalmente estereotipados.

Tudo se passa como se o indivíduo, agora na posição de formador, pudesse conjurar, mediante a repetição, na relação com seus formandos, os conflitos e angústias decorrentes do mesmo processo a que fora submetido e que em si mesmo permanecem não equacionados (Benelli; Costa-Rosa, 2002, 2003b).

## **Dados relativos ao funcionamento institucional do noviciado focolarino**

A partir do relato de Urquhart (2002), vejamos o que é um jovem que vive no estabelecimento formativo do Movimento dos Focola-

res. Trata-se de um indivíduo que se sente chamado a consagrar a sua vida a Deus, como leigo participante de um grupo eclesial específico, e que deve se preparar para assumir essa condição. O centro de formação do Movimento dos Focolares, localizado em Loppiano, na Itália, é o local onde essa preparação é efetuada. O candidato se transforma em habitante de um mundo especial e peculiar, onde não apenas recebe uma formação específica, mas também assume uma condição humana muito particular: a de um indivíduo internado.

Na sua condição de internado, mesmo voluntário, o novato dos Focolares partilha de condições similares, sob vários aspectos, às condições dos internados num hospital psiquiátrico, numa prisão ou num colégio interno. A dinâmica da vida institucional nesses estabelecimentos apresenta pontos de impressionante coincidência. Será necessário ressaltar oportunamente suas diferenças também. O próprio internato focolares pode ser visto como um colégio interno (Benelli, 2002, 2003a, 2003b), mas com objetivos mais específicos.

O Movimento dos Focolares tem uma escola que recebe novatos já iniciados e que aderiram ao grupo em Loppiano, perto de Florença, na Itália. Podemos dizer que ali os noviços (novatos) do movimento realizam seu noviciado (período preparatório à consagração religiosa, que culmina na emissão de votos religiosos e integração à determinada organização religiosa). Trata-se de uma aldeia modelo dos Focolares. Depois de dois anos ali, um novo membro permanente, devidamente preparado e qualificado, por meio de uma consagração religiosa ao assumir os votos de pobreza, castidade e obediência, pode ser enviado para qualquer parte do mundo para missionar e difundir o movimento. Essa experiência e a profissão dos três votos normalmente significam a inserção permanente do indivíduo no grupo religioso. Mas, no caso das instituições com características totalitárias esse processo de inserção parece estar longe de ser linear e pacífico.

A ideia de dedicar minha vida a Deus, trabalhando para Ele, me enchia de uma espécie de alegria e de sensação de aventura. Mas, eu finalmente tinha perdido meu senso de orientação e também o



controle de minha vida. Não era capaz de compreender ou analisar o que acontecera comigo em Loppiano, e só muito mais tarde iria conseguir: eu era a própria aniquilação e absorção de uma personalidade individual pela instituição. Quando começou esse terrível e deliberado processo de destruição, eu me senti mergulhar inexoravelmente no período mais negro de toda a minha vida. (Urquhart, 2002, p.58)

### **Processos institucionais de modelagem subjetiva**

O isolamento destaca-se como um elemento fundamental do processo formativo. Loppiano era utilizado para isolar totalmente os recrutas iniciados das influências do mundo exterior, para serem mais bem observados e modelados, de acordo com as crenças, ideias, normas, hábitos e comportamentos prescritos pelo movimento.

O isolamento era total. Nós estávamos a cerca de uma milha da civilização. A população local era constituída de velhos camponeses analfabetos. Durante os dois anos que ali passamos, não assistimos a um programa de televisão sequer, nunca deitamos os olhos sobre um jornal. Desse modo, não sabíamos praticamente nada do que estava acontecendo no mundo lá fora, e, após algum tempo, isso parecia não ter a menor importância [...]. Não havia livros, a não ser os escritos de Chiara Lubich e alguns outros sobre espiritualidade, publicados pela Città Nuova, a editora italiana do movimento. De qualquer modo, a leitura era desaprovada. Considerava-se estranho que alguém pudesse passar o tempo fazendo qualquer coisa sozinho, mas especialmente lendo. Durante todo o tempo que lá fiquei, li apenas dois livros. (ibidem, p.59)

Não havia rádio, televisão, música nem filmes “profanos”, nem dias de folga ou sequer dinheiro para distrair ou contaminar os focolarinos em formação. Eram raras as saídas de Loppiano. O corte era radical para melhor efetivar o processo de ressocialização. Todos os anos havia a admissão de uns cinquenta homens e mu-

lheres, que eram segregados, mantidos à distância uns dos outros. Esses futuros líderes do movimento vinham de todos os países do mundo. A grande maioria deles tinha apenas uma ideia muito vaga do que se podia esperar – Loppiano não tinha nenhum documento escrito sobre as atividades do movimento (ibidem).

O isolamento era para garantir que cada canto de nossas vidas estivesse sob completo controle de nossos superiores. Nossas mentes, atitudes e crenças tinham que ser radicalmente mudadas não através de um processo de aprendizado gradual ou do crescimento progressivo de uma convicção pessoal, mas através de um fluxo contínuo de uma torrente de conceitos e noções ao qual nós nos referíamos frequentemente, de brincadeira, como sendo uma verdadeira lavagem cerebral. (ibidem, p.60)

A tendência anti-intelectual (Libânio, 2003, p.106) do movimento se manifestava agressivamente em Loppiano. Candidatos de notória orientação ou formação intelectual eram sempre destinados para a realização de trabalho braçal e servil.

Mas o ataque à razão era levado a extremos: eles nos impunham uma condenação total do pensamento. “Vocês pensam demais”, era a resposta que recebíamos quando fazíamos perguntas. “Não pensem!”, diziam-nos duramente nossos líderes. “Parem de raciocinar.” Ou, de maneira mais radical ainda: “Corte sua cabeça fora.” Quando alguém levantava algum problema a respeito do gênero de vida ou das ideias com que eles nos bombardeavam, recebia logo como resposta que “era um ser fechado”, “complicado”, um “criador de problemas para si próprio” ou mesmo “vítima de algum complexo”. O termo “mentalidade” era um dos motes, e aqueles que não estavam de acordo com o movimento eram acusados de ter uma mentalidade “velha”. Eles nos aconselhavam a não tentar entender, mas a agir como eles mandavam, para “nos lançarmos para dentro da vida” em Loppiano, que a compreensão viria depois (sic). (Urquhart, 2002, p.61)

Em Loppiano, o trabalho era exclusivamente manual. Os noviços trabalhavam em uma fábrica de caminhões ou em empresas menores que fabricavam tapetes e artesanato em madeira. Os noviços também tinham que participar de campanhas para vender de porta em porta a revista do movimento (Urquhart, 2002, p.64). Havia um controle exaustivo de todas as atividades e da rotina de cada um, caracterizando intenso processo de arregimentação (Goffman, 1987, p.44), que indica a obrigação de executar a atividade regulada em uníssono com grupos de outros recrutas e ainda um sistema de autoridade escalonada, no qual qualquer pessoa da equipe dirigente tem o direito de impor disciplina a qualquer dos novatos, o que aumenta claramente a possibilidade de sanção.

Todos os cantos e recantos de nossas vidas eram minuciosamente controlados para prevenir qualquer espécie de reflexão ou de vida pessoal e para garantir que nunca ficássemos sozinhos. Éramos divididos em grupos de seis a oito pessoas de nacionalidade mista (a língua comum era o italiano) alojados em pequenos chalés pré-fabricados ou nos alojamentos da fazenda convertidos em apartamentos. Os espaços onde passávamos a maior parte do tempo eram supercongestionados, impedindo assim qualquer tipo de privacidade, embora o “pudor” no momento de vestir-se e das abluções fosse observado com extremo rigor. (Urquhart, 2002, p.61)

Como podemos perceber, a tarefa da equipe dirigente do movimento é receber os novatos e aplicar-lhes uma série de procedimentos que visam seu controle e modelagem subjetiva. De acordo com Goffman (1987, p.24-39) podemos denominá-los de “processos de mortificação do eu”, que costumam ser padronizados e incluir os seguintes aspectos: enclaustramento/sequestração do indivíduo, processos de admissão que criam uma pasta pessoal que é continuamente alimentada com relatórios sobre o desempenho do internado, testes de obediência para conseguir a cooperação inicial do novato, despojamento dos bens, emprego e carreira, exposições contaminadoras físicas, sociais e psicológicas. E ainda, o “circuito”

(ibidem, p.40-5) que interliga todas as esferas da vida do internado no contexto institucional, utilizando um comportamento qualquer como índice do estado geral da sua condição pessoal e o sistema de privilégios (ibidem, p.49-58), por meio do qual se manipulam arbitrariamente algumas necessidades e satisfações do indivíduo, utilizando-as como prêmios concedidos em troca de obediência.

Podemos notar como se reproduzem aqui as táticas dos novos movimentos religiosos neofundamentalistas. Adotam o princípio da eficácia de modo sofisticado. Utilizam técnicas da psicologia social, de massa e de marketing: elevam o grau de insatisfação e desgosto para com a própria imagem até levar o indivíduo a romper com o “homem velho” e a aderir ao “homem novo” proposto pelo grupo. Palestras devidamente preparadas para produzir esse efeito são realizadas diante de indivíduos deslocados de seu cotidiano, onde poderiam sentir segurança. Assistem, desprovidos de suas defesas habituais, à projeção de um quadro que retrata sua condição humana numa perspectiva demasiado negativa. Sua pequenez humana e moral é amplificada, de modo que o desejo de mudança brota quase que naturalmente. Então os indivíduos podem ingressar no grupo, aderindo à proposta apresentada, que já estava preparada anteriormente, com recursos e estruturas de apoio. A partir de técnicas comuns de recrutamento e formação de seus adeptos, esses grupos religiosos buscam com eficiência tornar o indivíduo totalmente dependente do movimento, passando a viver de sua doutrina: ele é despojado de sua autonomia e capacidade de reflexão e decisão pessoais.

Isso é algo que vivi de maneira muito intensa na experiência de “imersão total” em Loppiano. Assim como tínhamos que renunciar a todos os “apegos”, de “perder” tudo, pessoas e coisas que nos fossem caras, também tínhamos de aprender a destruir nossos sentimentos. Sentimentos não têm a menor importância. Tínhamos que substituí-los pelos inúmeros preceitos que o movimento sugeria que aplicássemos obsessivamente no dia adia. Estes preceitos incluíam as exortações frequentes de Chiara para “destruir o ego”, “morrer para nós mesmos” e para “aniquilar” a nós mesmos ou

nos tornarmos absolutamente “nulos”. Todo pensamento devia ser removido, bem como as emoções que até então havíamos experimentado. (Urquhart, 2002, p.75)

Vejamos outros efeitos da estadia de Urquhart em Loppiano.

Loppiano conseguiu isso com a maior eficiência, ao nos arrancar de nosso antigo mundo, criando um universo novo, totalmente irreal, de falsos valores. A sensação de desorientação que experimentei logo ao chegar era tão aguda que meus primeiros três meses ali foram um “branco” total. Um imenso vazio. Recordo aqueles meses ali mais exatamente como escuridão total. Eu tinha passado da atividade e das motivações da adolescência para uma juventude de monotonia, sem objetivo e sem sentido. O que me trouxe de volta foi a descoberta de que, para horror meu, eu passava o dia inteiro esperando a refeição seguinte. E não era porque a alimentação fosse frugal demais, não! Era simplesmente porque não havia absolutamente nada a esperar à frente. Minha ilimitada confiança anterior fora substituída por um estado de dúvida constante e uma sensação de que eu não tinha o menor valor. E isto não se aplicava apenas à dimensão espiritual; incluía também um colapso da fé em minha capacidade intelectual e prática (sic). (ibidem, p.75-6)

Essa seria a tecnologia de modelagem típica de instituições e estabelecimentos totalitários, instrumentos implementados para modificar e transformar as pessoas. Nesses rituais de mortificação do “eu” situa-se uma forma de modelagem subjetiva por subtração. Porém, observando mais cuidadosamente, pode-se perceber que, nessas instituições de formação religiosa, há uma ênfase nos processos de modelagem por acréscimo.

## **O trato institucional do tema da sexualidade**

No Movimento dos Focolares há afirmação clara da tradicional superioridade do celibato e da virgindade sobre o casamento e a prática sexual (ibidem, p.249-71). Embora as reuniões públicas

sejam sempre mistas, produzindo uma impressão de normalidade descontraída, a segregação de sexos predomina em todos os níveis do movimento. A liderança está nas mãos dos celibatários, embora haja também membros casados no movimento, mas com estatuto inferior (ibidem, p.261-4). A homossexualidade deve ser tratada e “curada” por psiquiatras do movimento (ibidem, p.264-71).

Os temas espinhosos de sexo e sexualidade nunca eram mencionados durante os dois anos de curso em Loppiano. Fiquei convencido de que era o único ali a ter excitações sexuais que serviam para agravar ainda mais a sensação de desgosto e alienação. Talvez estivéssemos todos no mesmo caso. [...] Para os focolarini, o celibato era uma espécie de miraculosa castração espiritual. Afinal de contas, nós não éramos seres de carne e sangue; nós éramos anjos. [...] O estágio preferido do desenvolvimento emocional [...] parecia ser a pré-adolescência. [...] Eles estimulavam o comportamento infantil [...]. Eles tinham medo da complexidade das emoções adultas, e as rejeitavam. Nesse estágio de desenvolvimento estacionário, o sexo não tem nenhum espaço e, por conseguinte, nunca precisa ser mencionado. (ibidem, p.254-5)

Nos processos de modelagem subjetiva por acréscimo, os ideais da organização institucional e do grupo parecem funcionar como fatores decisivos, pois fornecem os contornos de uma identificação do tipo massa-líder, em que ocorre a substituição de um arcabouço subjetivo singular por outro coletivo, de características altamente idealizadas (Freud, s. d.(a) [1921]). Parece ser em torno dessa idealização que se dá a abdicação voluntária dos antigos modos de ser e pensar, e sua substituição pelos novos.

Quanto às relações interpessoais, a técnica utilizada no Foculares era “dividir para reinar”. Nas palestras oficiais, a orientação era para que se evitassem as “amizades particulares”, de modo a manter à distância pessoas das quais se gostasse.

Uma prática destinada a evitar a formação de “laços” ou “apegos” era a de ficar constantemente “embaralhando” os grupos,

inserindo neles “cartas” diferentes. Depois de ter passado alguns meses juntos, sem que ninguém nos prevenisse, uma noite, antes da sopa, a gente ouvia a leitura de uma lista que anunciava as novas configurações e tínhamos então que embalar todos os nossos pertences e fazer a mudança para novos grupos. Estas mudanças eram concebidas de tal maneira que ninguém iria ficar em companhia de um antigo colega de quarto. (Urquhart, 2002, p.61)

Mediante essa espécie de desterritorialização social e afetiva era possível evitar um fenômeno comum em instituições totais (Goffman, 1987, p.159): o processo de confraternização, no qual o grupo dos internados se une, desenvolvendo apoio mútuo e uma cumplicidade como resistência a um sistema que os forçou à intimidade numa única comunidade igualitária de destino. No claustro, a solidariedade costuma produzir uma infinidade de grupos primários no estabelecimento: “panelinhas”, facções, inclusive ligações sexuais mais ou menos estáveis, chegando até a formação de pares, através dos quais dois internados podem passar a ser reconhecidos como “amigos” ou “casal” pelos demais companheiros (Benelli, 2003b).

A institucionalização da existência humana tende a torná-la insípida, pasteurizada, num processo de achatamento e uniformização de toda e qualquer singularidade. O indivíduo tem mecanismos de resistência que disparam para enfrentar os poderosos efeitos que a máquina kafkiana produz.

Os dilemas morais apareciam frequentemente com muita clareza quando eu acordava no meio da noite. Situações que pareciam confusas e tenebrosas durante o dia tornavam-se de repente claras como cristal. Quando eu acordava à noite em Loppiano, os pensamentos e as sensações que se apoderavam de mim eram sempre os mesmos: “Que diabos estou fazendo aqui?” Mas esta clareza iria desaparecer ao primeiro raio de sol da manhã seguinte, e eu voltaria para aquilo que considerava a realidade. Como tudo que anteriormente havia tido importância para mim tinha sido esva-

ziado, só restava uma sensação esmagadora: nada tem importância!  
(Urquhart, 2002, p.75-6)

Nada mais tinha importância, exceto o próprio movimento. Não restando nada ao indivíduo, ele passa a ter uma existência vicária, vivendo apenas por meio de lutas, projetos e triunfos da organização. Perdendo sua existência singular, só lhe é permitida uma existência institucional, desprovida de singularidade. Os dados de Urquhart (2002) indicam que os membros do Movimento dos Focolares vivem um processo de repressão intensa de conflitos, contrariando importantes necessidades pessoais. Vivendo num estado de frustração crônica, podem ter sua saúde física e psíquica abaladas. A tentativa de supressão da singularidade subjetiva, do desejo, da sexualidade e das emoções pode falhar e conflitos inconscientes mantidos silenciosos, a duras penas, podem eclodir, manifestando-se por meio de sintomas como ansiedade, depressão ou excitação motora excessiva. Efeitos típicos da institucionalização da vida humana costumam ser sintomas de tensão extrema, de estresse, medo e culpa. Urquhart (2002) descreve vários exemplos de tais efeitos.

Evitar a formação de “laços” ou apegos era, portanto, aparentemente, uma forma da organização e seus dirigentes se defenderem de possíveis ações, por parte dos internos, de contraposição ao instituído. Outro elemento que facilitava bloquear a confraternização entre os recrutas “noviços” era a ênfase dada à mudança constante e à incerteza.

O horário diário ou semanal era alterado constantemente. Frequentemente planos eram mudados em cima da hora. De tempos em tempos, tínhamos de deixar o jantar no meio para atender a uma convocação para uma reunião no salão principal. (Urquhart, 2002, p.62)

Essa arbitrariedade e imprevisibilidade permanentes, que resultavam em constante desorientação ambiental, eram suficientes para sabotar as diversas estratégias de ajustamento secundário



(Goffman, 1987, p.159ss.) de que o grupo dos noviços poderia lançar mão no estabelecimento para se defender da desterritorialização social e subjetiva a que era submetido.

Nesse ponto, parece oportuno agregarmos algumas observações de Pereira (2004, p.283), que sublinha essa característica importante das instituições totais: o temor paranoico do retorno, contra o estabelecimento e a equipe dirigente, das pulsações instituintes recalçadas no conjunto dos internos pelo próprio processo formativo, dada sua natureza.

As grandes instituições e organizações geralmente temem a união dos irmãos, dos participantes dos grupos, percebendo-os como uma força que pode voltar contra elas. A fantasia inconsciente institucional é a de que a união dos participantes do grupo pode destruir o instituído. Isso é frequente em instituições totais e constituídas de autoridades déspotas e verticais. Assim, as relações fraternas grupais tornam-se concorrentes dessas fantasias institucionais, autoritárias e centralizadoras. Nas organizações geridas pelo autoritarismo é impossível o trabalho de escuta e de diálogo.

## **A rotina como estratégia de modelagem subjetiva**

Vejamos outros dados sobre a rotina diária em Loppiano, de acordo com Urquhart (2002, p.62), ainda ilustrativos do funcionamento das instituições totais e de seus efeitos de modelagem subjetiva.

Geralmente o despertar era às 6 horas e 30 min. ou às 7 horas. As atividades do dia começavam às 7 horas e 30 min. com uma meditação, que sempre consistia em uma “experiência de grupo” comentada por um líder. Ele lia o evangelho da missa do dia e fazia um breve comentário. Dos cem ou mais presentes – o primeiro e o segundo ano do curso – ele escolhia aleatoriamente aqueles que iriam participar de uma “experiência” inspirada na leitura. Esta era

uma situação controlada, na qual a coparticipação na “experiência” podia ser corrigida e as nossas vidas passadas redefinidas em termos da doutrina do movimento, conhecido método de reforma do pensamento. [...] O medo de ser criticado nessas reuniões fazia parte daquele sentimento de ansiedade criado em Loppiano das mais diversas formas. Depois da meditação, havia meia hora para o café da manhã e, logo depois, trabalho de 8 horas e 30 min. até 13 horas. Havia então o tradicional almoço italiano que durava até 15 horas, e, depois novamente, trabalho até 19h30 ou 20 horas, que era hora da missa. Depois da missa tínhamos o jantar, e frequentemente havia novamente reunião no salão principal, de 21 até meia-noite ou mais tarde. Muito ocasionalmente havia um show em que nós mesmos nos apresentávamos ou alguma sessão de cinema. [...] Nós trabalhávamos aos sábados pela manhã e à tarde ficávamos livres para a limpeza da casa ou para as atividades de grupo em nossas pequenas comunidades (mas não para ir à cidade, o que seria realmente impensável). (Urquhart, 2002, p.62-3)

Outras estratégias do Focolares, segundo Urquhart: para cumprir eficientemente sua tarefa, o movimento sistematiza, por meio de palestras redigidas previamente, um conteúdo simples, claro e compacto que deveria ser transmitido, difundido e inculcado em todas as instituições do movimento. Com o objetivo de dar ao curso realizado em Loppiano, durante dois anos, um certo *status* legal para a hierarquia eclesiástica, também havia aulas, que eram ministradas duas manhãs por semana. Havia professores focolarinos formados em Bíblia, História da Salvação e inclusive em Filosofia e Teologia:

Embora esses professores fossem realmente bons e bem preparados, eram pouco considerados pelos estudantes, que os tinham em conta de “intelectuais” e, por causa disso, eram desprezados. Muitos estudantes, frequentemente os favoritos das autoridades, dormiam abertamente durante as aulas. Esta atitude era tacitamente aprovada por nossos superiores. No final do ano éramos

submetidos a exames orais ridiculamente simples, exames para os quais ninguém estudava e, apesar disso, todo mundo passava. (ibidem, p.63)

É possível perceber que o processo formativo dá pouco ou nenhum destaque para a dimensão intelectual. A persuasão ali não parece passar pelo aspecto racional, que é desligado tanto quanto possível. Parece ser a tecnologia microfísica (Foucault, 1999b) que atua na aldeia de Loppiano. Ao atentarmos para as práticas institucionais que ali são implementadas, podemos verificar toda uma “arte das relações de poder” (Foucault, 1999b, p.245) que é aprendida ao mesmo tempo em que se é submetido a ela, sem maiores teorizações. O corpo mesmo parece ser o objeto da formação/conversão/modelagem ao formato do movimento. Seria esse um modo mais fácil de garantir que o tratamento recebido pelos noviços focolarinos fosse fidedignamente transmitido aos futuros adeptos do movimento?

Loppiano também funcionava como uma vitrine do movimento e recebia centenas de visitantes todos os domingos. Aí os noviços tinham que trabalhar de modo extenuante para receber, alimentar, entreter e festejar os visitantes, de maneira que saíssem dali “convertidos”.

A primeira tarefa das manhãs de domingo, depois da meditação, era a leitura em voz alta das tarefas do dia. Alguns de nós ficavam encarregados de supervisionar a circulação de veículos; outros iam ajudar nas cozinhas; os membros da turma de residentes e aqueles que eram conhecidos por terem boas “experiências” para contar seriam encarregados do show. A tarefa que mais nos apavorava era a de acompanhar os grupos. Éramos escalados para entrar em contato com um determinado carro e passar o dia inteiro com os ocupantes. Por mais exaustos e deprimidos que nos sentíssemos, era nosso dever nos misturar a eles, estabelecendo contatos pessoais com todos eles, e de, à custa de muita alegria e delicadeza, convencê-los de que aquilo era a Utopia. (ibidem, p.64)

Todos os noviços tinham que se mostrar prestativos e diligentes, numa animação artificial, apresentando um vasto espetáculo que transformava Loppiano, por um dia, em uma espécie de “Disneylândia Espiritual”. Trata-se aí de uma muito bem desempenhada apresentação institucional, devidamente mapeada por Goffman (1987, p.90-4).

O relato sobre a experiência no Focolares nos apresenta, ainda, outros aspectos do funcionamento institucional em que se destacam de forma clara os procedimentos de modelagem subjetiva por acréscimo. Não parece estranho, diz o autor, que esse microcosmo institucional totalitário acabe produzindo seus próprios códigos de conduta, a partir de uma escala de valores original para medir o desempenho dos noviços em preparação. Além do culto à personalidade de Chiara Lubich, em Loppiano também havia o culto ao líder local da comunidade, sempre cercado de jovens que voejam em torno dele, uma “corte de favoritos” esperando para “colher as pérolas de sua sabedoria”.

Havia focolarini que se escondiam no guarda-roupa do líder, ou debaixo da sua cama, e que se levantavam de repente no meio da noite para obter um favor. Outros ficavam rondando dias e dias em torno da sua antecâmara, fora do seu escritório, um lugar lendário para nós: eles pediam uma entrevista, ou, outras vezes, simplesmente ficavam olhando para ele com expressão de cachorro submisso quando ele entrava ou saía. Ele mesmo alimentava a crença insidiosa de que, se você estivesse “em unidade”, ele notaria sua presença, do contrário, ele não o veria. Este era outro mito que criava tensões artificiais e ansiedades em nós. Como acontece com muitos dos mistérios fictícios criados dentro dos novos movimentos, é impossível saber o que fazer para ser visto e para ter sua presença “notada”. (Urquhart, 2002, p.64ss.)

É evidente como certos rituais de tiranização subjetiva dos internos parece funcionar de modo a implementar e reforçar ansios narcísicos do tipo “culto das personalidades” (Lasch, 1983), fator

que tende a propiciar a submissão cega aos ditames do superior/mestre.

Outro aspecto das práticas institucionais empreendidas nesse contexto, com o mesmo fim, consiste na submissão do internado a um outro detentor de um poder absoluto. A responsabilidade principal do líder/formador é verificar e atestar a autêntica vocação dos noviços-candidatos, selecionando, por meio da observação, os indivíduos considerados aptos para pertencerem ao grupo e dispensando os outros.

Aparentemente considera-se que a autêntica vocação se manifesta em sinais, motivações válidas para a admissão. O discernimento vocacional realizado pelos dirigentes parece baseado, sobretudo, na observação dos comportamentos. Como nas instituições totais, o candidato é enclausurado para melhor ser observado, como um objeto expropriado de sua singularidade, que, quando emerge, tende a ser tomada como perturbação. A vocação pode ser considerada como portadora de uma essência passível de verificação fenomenológica, isso resultava em uma situação em que o futuro do internado era decidido unilateralmente pelos dirigentes a partir de pretensos dados objetivos (Urquhart, 2002).

### **Estilo de liderança da equipe de formadores no noviciado focolarino**

No relato desse autor há, ainda, outro aspecto do processo de modelagem subjetiva que merece ser sublinhado: os líderes, “canais da unidade”, exigiam dos noviços um esvaziamento total, uma aniquilação completa da vontade, para estarem em “unidade” com eles e com o Movimento dos Focolares.

No interior desse mundo irreal, com suas angústias artificiais, nossas faculdades mentais e nosso senso crítico diminuía. Ao mesmo tempo, a demanda por uma obediência total e irracional crescia. [...] Diante de nosso superior, nós temos que ficar vazios, que sermos nada, uma simples criatura sem a menor capacidade

de questionamento: temos que aceitar qualquer capricho dele. [...] A “unidade” requerida não é apenas a obediência cega no plano externo, é também um assentimento da mente, chamado de “unidade da mente” ou “unidade do pensamento”. “Unidade” não era absolutamente o conceito igualitário que eu imaginara, mas uma reinvenção da autoridade absoluta e da hierarquia rígida. (Urquhart, 2002, p.66)

Esse conceito de unidade e de comunidade pregado pelo movimento Focolares parece não deixar espaço algum para uma vida autônoma nem para pesquisas pessoais. Não é preciso buscar nada quando todas as respostas já foram dadas pelo grupo. A única coisa a fazer é interiorizar e ruminar constantemente os ensinamentos do mestre do movimento. A submissão total ao líder local unia o noviço automaticamente ao fundador do grupo. Parece inevitável vermos aí um rito de modelagem subjetiva de caráter radical. A “Unidade” em questão não se refere ao Um da singularidade, que se conta como mais um, mas ao Um da unificação, que supõe o apagar-se em benefício do outro, líder ou grupo, que culmina num tipo de identificação global que está na base da submissão massa-líder proposta por Freud (s. d. (a)[1921], s. d.(c)[1925]), a que já nos referimos anteriormente, e da qual aparece como corolário necessário, a atitude fanática.

Tal característica das instituições totais e de suas consequências também já havia sido identificada por Goffman (1987, p.59-63): nelas os indivíduos tendem a adotar comportamentos altamente obsequiosos para com a autoridade. São as estratégias adaptativas nomeadas como “colonização”, na qual o indivíduo tende a adotar a vida no estabelecimento como se fosse a de seu lar e como “conversão”, tática em que o internado procura aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente, buscando representar o papel do internado perfeito, disciplinado, moralista, sempre à disposição da autoridade.

Nessas circunstâncias, o colonizado tende a tornar-se o agente mais feroz da colonização. A propósito, Urquhart também nos fala

sobre sua percepção da equipe formadora, afirmando que seu trabalho “formativo” era executado com convicção, apesar dos altos custos emocionais e com grande desgaste pessoal para os membros da equipe dirigente.

Esta teoria da unidade era particularmente apavorante em Loppiano, porque muitas das pessoas que ali tinham autoridade haviam sido mandadas para lá porque tinham problemas; eu agora sei que muitas delas sofriam de estresse ou de depressão profunda – talvez outras tivessem apenas dificuldades com o próprio movimento. Para eles, Loppiano era uma espécie de prisão aberta onde seus problemas podiam ser controlados. É claro que alguns deles apresentavam comportamentos muito estranhos. (Urquhart, 2002, p.67)

Afirma ainda que era angustiante ficarem submetidos à autoridade absoluta do líder, que podia ser uma pessoa problemática e arbitrária, mas “a ideia de apresentar queixa a uma autoridade superior era totalmente inadmissível no quadro de referências dos Focolares” (ibidem, p.67). Psicologização ou sociologização das contradições sociais e das conflitivas relações de poder existentes no estabelecimento parecem ser mais um dos modos de lidar com possíveis formas de contestação ou resistência.

Éramos submetidos a uma chantagem espiritual que era a seguinte: se tivéssemos problemas, os únicos culpados éramos nós mesmos. Mas, além disso, havia uma pressão muito maior, que podia ser formulada assim: por mais infelizes que nos sentíssemos, não havia nenhum meio de escapar. Era impossível sair dali. Como trabalhávamos simplesmente para garantir nossa manutenção, não tínhamos acesso ao dinheiro. Muitos de nós vinham de outros continentes, ficando assim inteiramente à mercê do movimento. Nossas forças de resistência estavam tão enfraquecidas que, se quiséssemos sair dali, a simples perspectiva de ter de persuadir nossos

superiores a nos deixar ir embora já era aterradora demais. [...] Mas isso significaria uma ruptura total com o movimento e, naquele contexto, era impossível imaginar a vida fora de sua influência. Não havia, por conseguinte, nenhuma alternativa real: o caminho era a rendição total. (ibidem, p.67-8)

## **O Movimento dos Focolares como caso exemplar dos novos movimentos religiosos**

A partir das conclusões possíveis de nossa análise do Focolares, poderíamos perguntar até que ponto ele não pode ser considerado expressão das características dos novos movimentos religiosos leigos neofundamentalistas, na medida em que, como esses, ele comumente utiliza uma pedagogia eminentemente tradicional, caracterizada pela ênfase na transmissão autoritária de conhecimentos do mestre para o discípulo. O mestre/líder ocupa o centro da atividade pedagógica/formativa. O relacionamento entre o mestre e o aprendiz é marcado pelo autoritarismo do primeiro, detentor do saber, da competência e do poder. O bom discípulo é aquele que assimila totalmente o conteúdo e adota os comportamentos, ideias, crenças, valores e discursos prescritos. Autoritarismo social, disciplina rígida, ordem e submissão, imposição de ideias e conceitos, valorização da hierarquia e da tradição parecem caracterizar esses grupos, além dos outros rituais comuns às instituições totais.

Sua técnica predominante é a da inculcação autocrática, visando à fixação da doutrina do líder fundador. Sua pedagogia é tradicional, enfatizando a obediência à autoridade e não estimulando o senso crítico nem a criatividade. Aristocrática, essa tendência pedagógica se pauta por valores e práticas autoritárias, visando à adaptação do indivíduo à sociedade, num processo de reprodução das relações sociais hegemônicas de dominação-subordinação. Não há acompanhamento pessoal com base num diálogo entre iguais, conforme o preconizado nas práticas pedagógicas dialéticas baseadas na persuasão, no consenso, e realizadas a partir da produção co-



letiva e da criação comunitária. A máquina funciona por si mesma: sua tecnologia produz efeitos automaticamente, basta estar inserido e encerrado nela. Viver no estabelecimento é formativo por si só, dados seus mecanismos rigidamente instituídos, sua manipulação dos temores individuais e seus efeitos microfísicos.

Apesar dessa prática pedagógica autoritária, o discurso institucional tende a responsabilizar o indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso no processo formativo, aproximando-se da pedagogia renovada, baseada no pensamento liberal, que coloca a ênfase no desenvolvimento da personalidade do aprendiz. Inversamente ao modelo das pedagogias dialéticas, o discípulo, e não o coletivo, torna-se o centro da prática pedagógica. Nesse contexto o processo de psicologização do sujeito pode ser entendido como uma estratégia mistificadora que se superpõe às relações de poder, ocultando-as por meio de um discurso lacunar e deslocando-as para a interioridade individual: parece clara uma particularização de fenômenos que são originalmente, sobretudo, de ordem social e coletiva.

### **Análise dos efeitos éticos da tecnologia totalitária de produção de subjetividade**

Qual é o efeito de uma experiência como essa em termos éticos? Que tipo de sujeito se produz a partir dos operadores institucionais utilizados pelos movimentos religiosos (Galindo, 1994; Martelli, 1995; Urquhart, 2002; Lubich, 2003; Ferreira; Lauand; Silva, 2005) que estamos estudando? Quais são seus efeitos em termos de produção de subjetividade?

Operando basicamente por subtração (da liberdade, do tempo, da autonomia, da capacidade de reflexão, de escolha e de decisão, eliminando comportamentos indesejáveis e instaurando novos mais adequados etc.), e por meio da identificação baseada tanto no “eu” quanto nos ideais, mas, sobretudo, por meio de acréscimos de imaginário (doutrina do movimento, ideias, crenças, conceitos, representações, modos de se ver e olhar para a realidade etc.), a tecnologia empregada em Loppiano pode produzir uma subjetividade

serializada de matiz fortemente fanático. Não há espaço para a individualidade, para a iniciativa criadora, para a singularidade. Como o psiquismo pode reagir a essa modelagem institucional? Isso tem efeito permanente? Será que essa “criatura institucionalizada” pode se desconfigurar e buscar rumos diferentes e divergentes da programação imposta?

A resposta a tais questões, fundamentais para pesarmos certos impasses da subjetividade contemporânea, só pode ser ensaiada a partir de dados mais amplos do que os que temos no momento. Porém, ao menos um aspecto parece evidente: há indivíduos que suportam e se adaptam a essa modelagem, e tão bem, que são eles que reproduzem e, portanto, perpetuam a organização; mas há outros que essa conjuntura coloca em situação agonística. No caso dos últimos, não sendo dadas na estrutura institucional quaisquer outras possibilidades alternativas, só lhes resta a saída da organização. É o caso do sujeito de cuja experiência se ocupa nossa análise.

## **O processo de entrada e permanência no movimento Focolares**

Se, conforme acabamos de constatar, estamos diante de uma tendência eclesial de viés fundamentalista radical que se mostra contrária ao valor do diálogo, da participação, da deliberação coletiva em busca de consenso; rejeita toda forma democrática de poder e gerenciamento político; tende a manipular predominantemente a dimensão emocional dos indivíduos e grupos em busca de restaurar um passado mítico; então como explicar que alguém deseje entrar para um movimento tão altamente fanatizante e permanecer nele? As possíveis razões da entrada e da permanência podem ser analisadas a partir do mesmo conjunto de dados. Encontramos em Libânio (1984, p.127) uma primeira tentativa de explicação.

Outra força e recurso dessa posição tradicionalista consiste em apresentar diante dos problemas teóricos e práticos respostas simples, lapidares, firmes, assim questões complexas são simplificadas

ao extremo, dando ao fiel a tranquilidade de ter resolvido e de possuir, portanto, solução clara e distinta. [...] Em momentos de crise e perplexidade, em que vivemos, tal posição desperta certo fascínio sobretudo sobre personalidades angustiadas, inseguras. Traz alívio, pelo menos momentâneo, para a angústia da dúvida e do questionamento. Frequentemente as soluções não passam de evasão, de ilusão, por desconhecerem a gravidade e complexidade da problemática. Quem sabe que parte de sucesso entre setores jovens de posições tão radicais conservadoras tenha a ver com uma etapa da evolução de certas personalidades inseguras, de horizonte ainda curto intelectualmente, em momentos de crise, de perplexidade, de dúvida? Assim as psicologias frágeis deixam-se atrair por posições claras, firmes, simplistas. Por outro lado, no meio dos tradicionalistas surgem personalidades fortes de liderança que arrastam após si pessoas mais vulneráveis psiquicamente.

Segundo Libânio, o momento histórico posterior ao Concílio Vaticano II mergulhou os católicos numa certa anomia, tal a constância e velocidade das transformações. Isso teria suscitado um desejo de ordenamento, de pontos de referência que dessem segurança. Libânio (1984, p.157) considera que situações de crise institucional são propícias para a emergência de posturas submissas e autoritárias, nas quais um mesmo indivíduo pode assumir atitudes de “senhor” ou de “súdito”, conforme a conveniência:

Mais facilmente, nestes momentos as psicologias fracas, abaladas em sua segurança, desejam neuroticamente um apoio. E como reflexo do caráter oposto, outras personalidades se sentem provocadas em seu instinto autoritário. Na sua estrutura profunda, seja o impulso de buscar apoio em outro, de submeter-se como o de autoritarismo, são semelhantes. Ambos revelam uma fuga à liberdade e à individualidade, estabelecendo uma relação de dependência simbiótica com um outro objeto. No caso, o autoritário se identifica com o poder. O submisso foge à liberdade e à individualidade. Os dois polos se casam bem, alimentando-se mutuamente.

Quanto aos motivos da permanência, Urquhart (2002, p.416) explica seu caso, depois de nove anos de pertença ao Movimento dos Focolares.

Os anos que passei no Focolare foram provavelmente os mais infelizes e os mais improdutivos de toda minha vida. Mas eles nos ensinavam que o sofrimento é essencial para o nosso estilo de vida; “Jesus abandonado” era a chave para a unidade, por isso nós tínhamos que sofrer. Esta foi a razão pela qual tive de suportar um estado de tormenta interior durante tantos anos. A minha decisão de sair do movimento não foi uma decisão pensada e consciente. A “Santa Jornada” do Focolare é uma jornada não de autodescoberta, mas de autodestruição e esquecimento de si próprio. Como ficamos alienados de nossas próprias emoções deliberadamente suprimidas, qualquer decisão pessoal é simplesmente impossível. Além disso, todas as escolhas para os indivíduos são feitas pela comunidade “em unidade”.

Vemos que, de certa forma, ele acrescenta outros fatores institucionais aos do indivíduo. As razões da ordem estão na reafirmação da própria posição do indivíduo como sofredor a serviço de algo maior, além dos efeitos do processo de institucionalização que chamamos rituais de mortificação do “eu” e de colonização subjetiva, que deixam os indivíduos sem capacidade de tomar decisões de caráter pessoal.

Além de Libânio (1984), outros pensadores têm formulado ideias na tentativa de responder a essa questão. Merecem destaque as considerações de Freud (s. d.(a)[1921], s. d.(b)[1927] e s. d.(c)[1932]), as de Lasch (1983) e as de Lindholm (1993). Em “O problema da Concepção Unitária do Universo”, Freud (s. d.(c) [1932]) analisa o que considera uma característica da vida psíquica humana: a exigência de resolução unitária de todos o problemas de nosso ser; essa tendência à totalização teria um caráter afetivo e, ao mesmo tempo, frágil, por ser resultante da dificuldade de lidar com o desamparo, a incompletude e a indeterminação das situações da

vida concreta. Em “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (s. d.(a)[1921]), ao estudar os grupos do tipo massa, caracteriza-os como uma estrutura particular em que o líder assume na subjetividade dos indivíduos a função muito mais de um objeto ideal de consistência narcísica e imaginária, do que de um suporte capaz de permitir ao indivíduo orientar-se na direção dos ideais da cultura. Tratar-se-ia de conjunturas nas quais, para os indivíduos, não estaria sendo possível marcar a distância entre o ego atual e o ego ideal. Nesses casos, o líder como ego ideal seria requisitado para fazer as vezes do objeto de identificação, o que tende a implicar em identificações maciças do “eu” com o outro. Finalmente, em “O futuro de uma ilusão”, Freud (s. d.(b)[1927]) assinala que os homens podem responder diferentemente aos enigmas ante os quais se choca o desejo de saber e a tolerância ao desamparo. Alguns exigem respostas de teor absoluto e totalitário; outros toleram mais a dúvida e a indeterminação. Parece acenar com uma tentativa de diferenciar dois modos da consistência subjetiva, definidos segundo a consistência mais imaginária ou mais simbólica dessa relação do homem com o mundo, que determina suas formas de resposta aos enigmas com que esse o interpela. Esses argumentos freudianos vão claramente na direção de indicar possíveis fatores da entrada e da permanência dos indivíduos nessas instituições.

Lasch (1983) foi um dos primeiros pesquisadores a abordar uma série de inflexões na subjetividade, partindo da hipótese de que transformações na sociedade contemporânea podem incidir na subjetividade dos indivíduos de modo a influenciar as modalidades das relações objetais. Propôs o conceito de “Cultura do Narcisismo” para designar o caráter regressivo dessas transformações. Em uma de suas teses principais afirma que a maneira como estão organizadas as relações sociais no modo de produção capitalista das sociedades de capitalismo desenvolvido, das quais a sociedade americana seria um dos protótipos, enfraquece de tal modo as relações dos indivíduos com o campo do simbólico que se chega à constituição de egos enfraquecidos, propensos à busca de experiências de êxtase e aos vínculos carismáticos.

Finalmente, Lindholm (1993) agrupa uma série bastante ampla de fenômenos sob o título de carisma. Considerando a mesma conjuntura geral de desamparo material e subjetivo, que está na base da “Cultura do Narcisismo”, pensa que nessas circunstâncias alguns indivíduos tenderão a procurar outros com quem possam se identificar buscando experimentar uma poderosa sensação de perda dos limites do “eu”, se esta não oferecer perigo de total desintegração. Tomando o outro como apêndice constitutivo da própria unidade do “eu”, estabelecem com ele relações de extrema dependência, ao mesmo tempo em que experimentam sensações de absoluta completude (sentimento oceânico). Para esses indivíduos, o outro em questão seria sempre um representante direto do primeiro objeto da fase do desenvolvimento da personalidade correspondente ao narcisismo, em que se sobressai a exigência de completude. Eles se encontrariam num impasse quanto ao engajamento pleno no simbólico, que lhes propiciaria um tipo de completude pela via dos Ideais, passível de permitir uma relação com a transcendência fora das vias do tipo fanático. Para esse autor, tais personalidades também têm seu aparecimento em conjunturas em que os padrões externos estão corroídos e as figuras de autoridade são consideradas ilegítimas. É aqui que os líderes carismáticos se apresentam como possibilidade de “superegos substitutos”, que podem, e estão autorizados a, externalizar a agressão. “Quando a autocracia interna do superego desaparece, ela renasce externamente [...] torna-se o poder coercitivo do sacerdote, do príncipe, do feiticeiro e do grupo” (Lindholm, 1993, p.105).

Podemos perceber que o conjunto de explicações levantado nos diferentes autores está muito mais interessado em responder às questões sobre possíveis fatores da entrada e permanência, enfatizando o lado dos liderados. E quanto aos líderes? Libânio (1984) fala em personalidades frágeis e fortes, entretanto o conceito de personalidade forte é bastante problemático, uma vez que parece, tanto o líder quanto os liderados, tratar-se de indivíduos que têm demandas da mesma natureza.

Trata-se nos dois casos da mesma forma de identificação, embora uns o façam utilizando o poder e outros o sofram como objeto

de dominação. O que parece mais difícil de compreender são os possíveis fatores dessa identificação diferencial. Ensaíamos uma pequena explicação. Há uma diferença básica naqueles que ocupam o lugar de líder: a liberação de um componente perverso da personalidade permitindo que eles gozem por bancarem o grande Outro para o outro; sua vivência de completude poderia vir então dessa identificação direta com Deus. Vale a pena esclarecer que dizemos liberação porque é necessário considerar a possibilidade do gozo perverso como acessível à conjuntura psíquica definida como personalidades narcísicas, se não, como explicar que, dependendo das circunstâncias, o indivíduo possa passar de liderado a líder? Por outro lado, é importante esclarecer que não se trata necessariamente de subjetividades “perversas” (formadas por renegação do significante do Nome do Pai (Dor, 1991, p.93-105), em que a função pai estaria renegada. Trata-se de subjetividades “neuróticas”, nas quais a função pai está admitida (por recalçamento), só que por meio de uma identificação massiva, portanto, de modo diferente daquele da construção de uma identidade (conforme definição anteriormente proposta para identificação e identidade).

## **A crise e o processo de desligamento do Foclares**

E quanto às possíveis razões da saída: por que o indivíduo deixaria o grupo ou movimento religioso fundamentalista no qual ingressou? Uma primeira explicação poderia residir em que tais grupos, dada a sua consistência e funcionamento, tendem a se recusar ao diálogo com a modernidade, conduzindo seus participantes a se fixarem na postura fideísta ingênua em que estão ancorados (Brighenti, 2001, p.20). Ou seja, “escolhem-se os atalhos do coração, do testemunho, da vivência, do emocional para chegar à Revelação, saltando a longa caminhada da razão, com medo de perderem-se nos labirintos da crítica” (Libânio, 1984, p.152).

Quanto a essa questão, vale a pena analisar alguns elementos do percurso de Urquhart (2002): terminado o período preparatório em Loppiano, foi enviado para Liverpool, para abrir uma nova co-

munidade masculina. Foi trabalhar como professor e essa inserção “no mundo” foi aos poucos lhe dando conta das transformações da realidade social da qual esteve alijado pelo movimento. Havia um vácuo em seus conhecimentos quanto a filmes, livros, teatro para preencher. Ele começou a desenvolver um trabalho com encenações teatrais, dando início a uma fase de iniciativa, criatividade e independência que não eram bem vistas pelo grupo. Mas havia também um segredo permanentemente atormentador: sua orientação homossexual.

Desde os meus 12 anos, mais ou menos, eu tinha consciência de que sentia uma certa atração pelos outros garotos de minha idade, ou mais velhos. Nas escolas católicas não se falava desse assunto naquela época, talvez nem mesmo hoje, e desta maneira eu me informava da melhor maneira possível, folheando livros de Freud nas bibliotecas. Durante muitos anos, mesmo depois de ter saído do movimento, considerei essas “tendências homossexuais” como tentação ou vício, muito mais do que como parte de minha própria estrutura psicológica. Quando terminou minha adolescência, comeci a tomar consciência de que aquilo não era simplesmente uma “fase” que passaria com o tempo, mas meu catolicismo sincero me forneceu meios de engavetar o problema e tratei de sublimar totalmente todos os impulsos sexuais. Quando descobri o Focolare eu já tinha ficado virtualmente assexuado aos 17 anos de idade. (Urquhart, 2002, p.418)

Sem dúvida, no caso de Urquhart (2002), a perspectiva do celibato podia soar bastante atraente por permitir protelar indefinidamente qualquer espécie de opção sexual, adiando para sempre qualquer experiência concreta, mesmo tendo uma consciência permanente de sua orientação específica. A tensão entre seus desejos eróticos (socialmente desaprovados e condenados pela religião) e a doutrinação constante quanto à pureza absoluta do “ideal” Focolares (um projeto de vida institucional altamente promissor) foi resolvida temporariamente em favor da segunda alternativa. Pode-



-se dizer que o movimento Focolares lhe economizava uma neurose pessoal, oferecendo-lhe uma possibilidade de repressão segura e significativa.

Conforme o tempo passava e seu envolvimento institucional com o Focolares aumentava, também aumentava sua necessidade de confessar seu segredo aos superiores: não esconder nada deles significava estar “em unidade”, já que os líderes eram o “foco da unidade”. Esse impulso de autorrevelação conflitava com o temor da expulsão do movimento e a consequente impossibilidade de tornar-se um focolarino com seus votos e pertença permanente ao grupo. Depois de muita incerteza e hesitação, Urquhart (2002, p.418) confiou sua história ao seu superior:

Sua reação foi para mim uma surpresa. Meus sentimentos não tinham nada de errado em si mesmos, enquanto eu não fizesse nada. [...] O único conselho que recebi foi a resposta mágica do Focolare para todos os problemas – “amar a Jesus abandonado”. Isto significava que no meu caso – como, estou certo disto, em muitos outros – o ponto fundamental nunca era enfrentado. “Jesus abandonado” era uma espécie de tapete cósmico para debaixo do qual eram jogados todos os assuntos desagradáveis e mais dolorosos. Este conceito encorajava a “cultura do segredo” do Focolare. Nós éramos proibidos até mesmo de falar sobre nossas dúvidas e dificuldades com os amigos dentro do movimento. Não devíamos compartilhar com os outros nossas “misérias”. De acordo com a mentalidade do Focolare, um problema compartilhado era um problema dobrado.

Na temporada em Loppiano, depois de esforços heroicos, ele conseguiu se dominar: “Graças a uma imensa força de vontade consegui finalmente dominar minha batalha interior e ceder à euforia geral” (ibidem, p.420). Já durante o segundo ano em Liverpool, ele passou por uma experiência de ruptura radical na qual o reprimido irrompeu de modo violento e irracional, numa autêntica microcrise psicológica: uma atuação de caráter tipicamente homossexual.

Numa reação desesperada aos anos de esforços para esquecer e reprimir, eu me vi no cenário de *Morte em Veneza*, sem jamais ter ouvido falar nem do filme de Visconti nem do romance de Mann. Num impulso eu faltei ao colégio e fiquei procurando um misterioso estranho escolhido ao acaso ao redor do centro de Liverpool. Quando caiu o crepúsculo, eu recuperei abruptamente os sentidos, como se estivesse acordando de um sonho. Não consegui achar nenhuma explicação para meu comportamento e tive medo de estar perdendo a razão. [...] O que este incidente indicava sem dúvida era uma crise pessoal profunda que devia ser resolvida. (ibidem, p.421)

Esses abalos iniciais foram se aprofundando. Contudo, Urquhart foi estimulado a fazer os votos de castidade, pobreza e obediência. Ele foi transferido para Londres e teve que deixar um trabalho muito gratificante em Liverpool. Tornou-se editor da *Revista New City* e rompeu com a proibição do movimento de ler jornais e revistas (ibidem, p.423). Descobriu que a homossexualidade havia deixado de ser um crime, passando a ser tema corrente e inclusive tratado de modo positivo por diversas publicações. Essas novas influências precipitaram a eclosão de uma crise pessoal intensa.

Comecei a sofrer seriamente de insônia, problema que nunca experimentara em toda minha vida. Esperava que isso passasse, mas a insônia continuou por muitos meses. Foi então que apareceu um outro sintoma: ataques de pânico que se manifestavam toda vez que eu ficava sentado durante períodos muito longos. Nada surpreendente, isto ocorria principalmente durante as reuniões do movimento. Eu tinha que lutar contra um desejo poderoso de sair correndo do quarto ou da sala de reuniões e continuar correndo pela rua. Durante nosso retiro semestral em Roma eu não pude sequer acompanhar as palestras de Chiara: eu suava e me contorcias, procurando dominar o impulso de sair dali. Ao mesmo tempo, o problema de minha sexualidade reprimida por tanto tempo já não podia ser ignorado. Eu agora sentia que precisava entender a verdadeira natureza de meus sentimentos. Eu sabia que os sintomas

estranhos e angustiantes que me afligiam só iriam encontrar resposta fora da comunidade Focolare. (ibidem, p.423-4)

Urquhart iniciou seu processo de desligamento do movimento Focolares e descobriu que o grupo iria fazer de tudo para dificultar sua saída. Primeiro lhe ofereceram ajuda, recomendando um tratamento psiquiátrico com um médico do Movimento que, além de psicoterapia e de remédio, lhe recomendou o casamento: “um poderoso antídoto contra as tendências homossexuais, principalmente por causa dos filhos” (ibidem, p.427).

O movimento autorizou-o, mesmo que a contragosto e apenas em caráter temporário, a viver fora da comunidade. Sua família aceitou sua decisão com rapidez e Urquhart foi viver em um apartamento com sua irmã. Mas a liberdade tem preço: “Os primeiros problemas que encontrei foram de ordem financeira” (ibidem, p.429). O Movimento havia ficado com todos os honorários que ele havia recebido durante seis anos de voto de pobreza e não o ajudou a recomeçar sua vida “no mundo”. “Sem recursos, eu saí da comunidade com muito menos, em termos de roupas e posses, do que quando entrei” (ibidem, p.431). A liberdade imediatamente produziu efeitos saudáveis.

Eu tinha dado a mim mesmo um prazo de seis meses para negociar minha libertação do Focolare, e este prazo foi realmente um período de pesadelos, de luta contra a resistência do movimento. E ainda por cima eu tinha de enfrentar meus próprios problemas de saúde. Mas quando entrei no meu novo apartamento, tudo passou. Aconteceu então uma coisa extraordinária. Os sintomas de pânico e de angústia que me perseguiam há mais de um ano literalmente desapareceram da noite para o dia. E estes sintomas foram substituídos por uma emoção muito simples, quase banal, uma emoção que surgiu com a força de uma revelação. Pela primeira vez em seis anos, desde que entrara para a comunidade Focolare, eu experimentava, não de forma sobrenatural ou divina, mas de forma simples e humana, uma sensação de felicidade natural – uma

emoção que, de acordo com a doutrina do Focolare, simplesmente não existe. (ibidem, p.431-2)

Reconquistando sua independência, logo Urquhart foi descobrir o mundo, recuperar seu atraso cultural, estendendo seu círculo de amizades mais além das imposições do movimento. Conforme ele se afastava e seus laços se afrouxavam com o grupo, mais o Movimento o procurava e buscava enquadrá-lo, tentando manter domínio sobre Urquhart (2002, p.434). Ele resistia, embora o assédio e a pressão fossem fortes. Não querendo abandonar o Movimento de todo, Urquhart pensava, ingenuamente, em manter um contato mais livre, sem o peso das estruturas do Focolares. Mas isso seria impossível.

Mesmo muitos anos depois, quando, para falar claramente, a possibilidade deste controle já não existia mais, eles continuaram a me ver como um elemento em sua estrutura de poder. Depois que descobriram que eu não cederia às pressões, o assédio terminou abruptamente. Eu fui relegado à categoria daqueles que estão identificados nos arquivos do Focolare com um “M” – os mortos. (ibidem, p.437)

Parece necessário um grande esforço para superar os princípios integristas e explicitamente religiosos do Movimento que foram inculcados e que se sedimentaram na vida pessoal do antigo adepto. A doutrinação pode ter efeitos colaterais prolongados, tais como a necessidade de falar frequentemente do tempo vivido no Movimento, “para tentar dar um sentido ao que não tem mais sentido, para externá-lo e colocá-lo em perspectiva” (ibidem, p.438), pesadelos repetidos com a cena institucional (ibidem, p.442). Os “axiomas obsessivos do Focolares” desvalorizavam a vida humana corrente: amigos, família, trabalho, relações pessoais. Reencontrar o significado de tudo isso leva tempo. Urquhart recupera aos poucos a autoconfiança, seguindo a carreira de diretor de cinema. Mas deixou também de praticar a religião católica por cerca de dez anos (ibidem, p.439).

Quanto à sua sexualidade, ele continuava fortemente influenciado pelo Movimento: “A opção que me fora apresentada pelo movimento e seus agentes era muito clara: eu poderia seguir minha natureza *gay* e levar uma vida de pecado, ou poderia me casar. Era muito simples” (ibidem, p.439-40). Um ano depois de sair do Movimento, ele se casou, mas isso não funcionou.

Eu não quero colocar a culpa de minhas ações na conta do movimento. Na realidade, eu e outros tivemos que pagar caro por elas, sete anos e dois filhos mais tarde, sob a forma de um divórcio confuso e amargo. [...] Mas ao tomar decisões – ou ao não tomá-las – a única matéria-prima com que temos de lidar somos nós mesmos. E quando me casei, após nove anos cruciais de doutrinação, eu era aquilo em que o movimento me transformara. (ibidem, p.440)

Conta que, finalmente, deparou com o grupo *Quest*, a organização dos *gays* católicos. “Na amizade simples e na humildade que encontrei entre os membros dessa organização, eu descobri que Deus não é propriedade exclusiva de nenhum movimento” (ibidem, p.442-3). Ele conclui seu relato com uma grande consciência, depois do seu longo percurso: “A rejeição daquilo que é humano é a maior heresia dos novos movimentos, pois é impossível ser cristão se antes de tudo a pessoa não for plenamente humana” (ibidem, p.444).

Esse percurso de Urquhart tem suas particularidades, mas não deixa de incluir também o singular. Nele podemos ver um exemplo das dificuldades de se desfazer da modelagem subjetiva a que são submetidos os indivíduos nessas instituições. Esse desligamento só se tornou possível mediante um processo que inclui rápidos e lentos momentos de crise. Os momentos de crise são constituídos pelo transbordamento da angústia e o indivíduo se vê projetado em uma ação que é mais uma passagem ao ato do que qualquer decisão refletida (para Urquhart, essa passagem ao ato se deu no terreno da sexualidade e como abandono temporário da religião católica; para outros, ela pode consistir na fuga ou simples abandono da organização). Os momentos lentos constituem uma dimensão paulatina

do processo de separação em que o indivíduo vai exercitando a reversão dos “axiomas obsessivos do Focolares” que desvalorizam a vida corrente: amigos, família, trabalho, relações pessoais (tais momentos lentos incluem certas recaídas como a necessidade de falar frequentemente do tempo vivido no estabelecimento e a recor-rência de pesadelos com a cena institucional, aparentemente para dar sentido ao sem sentido vivido e conjurá-lo). O caso em questão nos mostra, ainda, que a saída do estabelecimento institucional não se confunde com a saída da configuração subjetiva que a adesão e a permanência nela produziram (Ferreira; Lauand; Silva, 2005, p.144-9).

### **Algumas observações sobre o fanatismo religioso e suas relações com as características das instituições totais**

De acordo com Dreyfus e Rabinow (1995, p.206), Foucault afirma que “as pessoas sabem aquilo que elas fazem; frequentemente sabem por que fazem o que fazem; mas o que ignoram é o efeito produzido por aquilo que fazem”. Por outro lado, a psicanálise há muito tempo nos ensina que nossas ações e palavras, quando se dirigem ao semelhante, como injunções, podem produzir efeitos bem mais amplos do que pretendíamos em nossas intenções iniciais. Trabalhamos com a hipótese de que os movimentos religiosos que estamos estudando desenvolvem práticas que podem ser pensadas como de caráter fanatizante. Com isso não pretendemos afirmar que necessariamente são constituídos por pessoas que possuem essa intenção deliberada. É possível que eles não consigam calcular os efeitos das práticas que implementam, nem visem conscientemente esse fim, entretanto esse parece ser um dos sentidos importantes de sua produção geral, de acordo com a literatura que temos compulsado. Assinalamos, de imediato, como principal característica da atitude fanática, a demanda radical de sentido de teor imaginário.

O fanatismo, independente do campo em que se manifeste (religioso, esportivo, político, ideológico etc.), tende geralmente à fuga

da realidade. O fanatismo religioso reduz o indivíduo fanático a um escravo diante do senhor: seu líder, uma divindade, uma causa suprema ou uma fé cega. Enraíza-se num gnosticismo exacerbado, alimenta-se de um sistema de crenças absolutas e irracionais com o objetivo de servir um ser poderoso empenhado numa campanha contra o mal. O fanático se percebe investido de uma missão intransferível e inadiável de exorcizar o demônio das pessoas e coisas, ele combate contra as forças das trevas e busca salvar o mundo do caos e da perdição eterna. Sua causa suprema está acima de sua própria vida, da de sua família e inclusive das demais pessoas: ele é capaz de morrer ou matar por suas crenças.

Segundo Lima (2002), os sintomas do fanatismo incluem: orações, jejuns, privações, peregrinações, discursos monológicos e martírios, que podem levar ao sacrifício final do fanático, visando salvar o mundo das forças do mal que ele combate. O fanático não fala, fundamentalista, ele discursa para inculcar por meio da pregação religiosa sua crença ou doutrina, tornando a todos meros objetos de um desejo divinizado. Ele tem certeza e sua certeza é igual à verdade. O fanatismo religioso tem algumas características muito claras: um grupo ou um sujeito convencidos de que estão de posse da verdade com toda certeza, resistindo ao teste da realidade; querem impor a todos os demais de um modo despótico a sua “verdade”, derivada de sua inspiração ou crença absoluta (buscam uma uniformização estereotipada da aparência, dos rituais, da linguagem, criando “chavões” e *slogans* próprios). A sua causa suprema é superior a tudo, inclusive à própria vida e a dos demais; o grupo se isola da coletividade, em busca de pureza, adotando um estilo de vida narcísico, fechado, sectário e uniformizante; com o tempo, o discurso do indivíduo ou do grupo torna-se repetitivo, bizarro, distanciando-se do bom senso na lógica comunicativa dialogal. Finalmente, perdem o sentido de respeito pelos diferentes modos de existência humana, em nome de uma causa transcendente absoluta.

O método de doutrinação fanática tem três etapas: inicialmente, busca seduzir pessoas para a “causa” do líder ou do grupo; depois realiza um processo de destruição da antiga personalidade, dis-

solvendo ligações familiares, profissionais e sociais; finalmente, procura construir uma nova personalidade, recriada de acordo com os moldes, modelos e normas do grupo. O fanatismo é perigoso, pois revela uma intolerância extrema para com os diferentes (Lima, 2002).

Ao longo desta análise já deixamos entrever um princípio de explicação do fenômeno do fanatismo. É preciso acrescentar que a atitude fanática parece enraizar-se em circunstâncias sócio-históricoculturais agonísticas, em personalidades de um matiz também particular (“Cultura do Narcisismo” e avidez carismática).

Em trabalho anterior arriscamos uma explicação para o fenômeno do fanatismo: contextos socioculturais agonísticos em termos do fechamento de perspectivas concretas e de ideais de desenvolvimento e mobilidade social; conjugados a personalidades narcísicas (regredidas do ponto de vista das relações interpessoais e objetivos), que deixam tais indivíduos prisioneiros de demandas subjetivas radicais de sentido de teor imaginário. O preenchimento urgente e sem falhas dessa demanda é fator de estabilização psíquica para esses indivíduos. Porém, essa estabilização não deixa de ser claudicante, daí o desdobramento fanático, que é uma tentativa de conjurar, reiterando no próximo, por uma espécie de “*performance*” proselitista, a solução dos conflitos que no próprio fanático não acaba de se consolidar (Costa-Rosa, 1995).

A fanatização produz efeitos agonísticos de ritualização da existência, refletidos diretamente na subjetividade e no corpo dos indivíduos. Ela tem uma função congruente com a de certas práticas ritualísticas de outras instituições culturalmente mais arraigadas, como o candomblé e a umbanda, entre nós, e uma série de rituais das sociedades chamadas primitivas. Os efeitos maiores dessas práticas culturalmente estabelecidas podem ser definidos como ritualização da existência, de alto teor de simbolização, dado o caráter de tradição cultural do sentido que veiculam para o cotidiano e a vida em geral, dos indivíduos adeptos (Costa-Rosa, 1995).

Quanto à fanatização propriamente dita, podemos defini-la como uma espécie de ritualização malsucedida, agonística, que se



inscreve diretamente na vida subjetiva e no corpo dos indivíduos aderidos; esse efeito parece vir do baixo teor simbólico do sentido veiculado. Esse não se inscreve mais em rituais compartilhados pela cultura mais ampla, mas na própria subjetividade, imprimindo-lhe uma instabilidade mais drástica, o que acaba derivando na atitude fanática e proselitista como seu desdobramento necessário (não contingente). Nessa perspectiva, pode-se dizer que o fanatismo proselitista é um dispositivo agonístico disparado para defender a precária estabilização psíquica conseguida com a adesão mística.

Em suma, uma forma de estabilização sustenta-se culturalmente no coletivo, liberando o corpo e a subjetividade individuais, não há “*performance*” gnóstica (maniqueísmo) nem fanática (proselitismo). A outra, carente de sustentação cultural e coletiva, toma o corpo e a subjetividade individual como suportes, acentuando a atitude gnóstica já induzida pelo ideário das instituições e presente na própria subjetividade dos adeptos, produzindo uma “*performance*” fanática extrema (proselitismo compulsivo), como meio de manter a precária estabilização psíquica conseguida com a adesão à organização.

Generalizando algumas de nossas hipóteses anteriores sobre o Focolares, podemos afirmar que os chamados novos movimentos religiosos presentes no atual contexto católico têm matizes nitidamente totalitários, pois se estruturam de acordo com o paradigma pré-moderno tridentino (Queiruga, 2003; Libânio, 2005, p.74-9). Estão alinhados com as forças hegemônicas eclesiais contemporâneas de matiz restauracionista, sendo alguns de seus traços mais marcantes: fanatismo, crescimento rápido e vigoroso, ausência de prestação de contas, segredo quanto a sua estrutura interna, silêncio total sobre a origem de seus recursos financeiros aparentemente ilimitados, método de recrutamento próprio de seitas, crenças esotéricas, perspectiva cultural limitada, repressiva e integrista, com posicionamentos morais conservadores e tradicionalistas. Triunfalistas, exercem um proselitismo agressivo. Mantêm segredo quanto às doutrinas arcanas que lhes conferem o sentido de unidade e coesão interna.

O neofundamentalismo ultrapassa facilmente aquele mínimo de segurança normal, necessário, desviando-se pelas vias da patologia social, oferecendo a pessoas inseguras, ansiosas, neuróticas um apoio emocional, em vez de ajudá-las a uma decisão livre, pessoal e consciente. É enorme risco construir uma identidade sobre tipos neuróticos, seja pela via da submissão, seja pela via do autoritarismo: ambos inseguros, incapazes de assumirem em liberdade decisões fundamentais. Fogem, temem a liberdade. Esta é ameaça por demais grande para suportá-la com tranquilidade. A autonomia madura revela-se na calma e paz em suportar e enfrentar o diferente, em atitude de diálogo. As situações autoritárias são patogênicas, enquanto que as democráticas, livres, dialogais são terapêuticas. Ora, quanto mais uma identidade for construída à base do diálogo, do consenso, tanto mais ela revelará o caráter sadio de seus construtores e permitirá que ela também possa ser vivida sadiamente pelos seus membros. (Libânio, 1984, p.158)

Esses movimentos não parecem trazer respostas novas para problemas novos, ao contrário, buscam antigas fórmulas para problemas que não são os da contemporaneidade, parecem “vinho velho em velhos odres”. Sob o prisma de tais movimentos, seria o cristianismo incompatível com a modernidade democrática, com a liberdade (como autonomia), com a igualdade (traduzida como reconhecimento das diferenças, da especificidade desejante, dos conflitos e contradições comuns, condições de possibilidade de crescimento) e com a fraternidade (enquanto solidariedade na ação conjunta dos projetos coletivos e no enfrentamento das vicissitudes na esteira do devir)? Ampliando nosso ponto de vista, pensamos que não, juntamente com diversos autores que propõem a superação do Paradigma Tridentino e a construção de uma nova realidade eclesial.<sup>8</sup>

---

8 Nessa direção, podemos citar os seguintes autores: Brighenti (2001); Comblin (1999, 2002); Libânio (1984, 2000, 2003, 2005); Queiruga (2001); e Morano (2003).